

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

Marília Saldanha da Silva

**SOBRE PSICOLOGIAS E PSICOTERAPIAS FEMINISTAS
NO BRASIL E EM PORTUGAL**

Porto Alegre

2018

Marília Saldanha da Silva

**SOBRE PSICOLOGIAS E PSICOTERAPIAS FEMINISTAS
NO BRASIL E EM PORTUGAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Psicologia Social e Institucional.

Orientador: Henrique Caetano Nardi

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas e Produção de Subjetividade

Porto Alegre

2018

Marília Saldanha da Silva

**SOBRE PSICOLOGIAS E PSICOTERAPIAS FEMINISTAS
NO BRASIL E EM PORTUGAL**

Comissão de avaliação

Profa Dra Cláudia Mayorga

UFMG

Profa Dra Marlene Strey

PUCRS

Profa Dra Neuza Guareschi

UFRGS

Porto Alegre, abril de 2018

Dedico esta tese às minhas ancestrais

In memoriam

À minha bisa negra, Izolina, que eu não tive a sorte de conhecer.

À minha bisa branca, Marília de Dirceu, com quem pude desfrutar de um convívio feliz na juventude.

À minha mãe, Yolanda, com quem teci, durante 46 anos, a teia da vida.

Herdei delas muito mais do que posso supor.

Gostaria imensamente de agradecer

À Madé que me forneceu o “mapa da mina” para chegar às pessoas envolvidas com a temática de meu interesse no Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da UFRGS.

Às amigadas balsâmicas Pri, Fê, Gi, Chris e Patrícia. Pelas trocas infinitas que me situaram no processo do doutorado em momentos diversos. Fez toda a diferença!

Ao grupo de pesquisa do NUPSEX por todas as interferências construtivas e desconstrutivas e pela alegria no processo.

Às pesquisadoras e ao pesquisador que entrevistei no Brasil e em Portugal. Pela disponibilidade, pelo acolhimento e por me ajudarem a expandir a tese.

À Aida, Diana e Sara da Confraria Vermelha – livraria de mulheres. Pelo convite para a roda de conversa no Pólo Zero, pelo clube de leitura Pandora e pelo calor humano em terras lusitanas.

À Tati, Duda e Stephanie, amigas jovens-feministas-brasileiras que conheci em Portugal e com quem experimentei o sabor da sororidade.

Ao Aldo, colega-ciclista, que me deu dicas sobre uso de um aplicativo para as gravações das entrevistas via Skype.

Às(aos) bibliotecárias(os) da UFRGS e da U. do Porto que me auxiliaram na pesquisa e na formatação da Tese.

Ao órgão de fomento Capes que tornou possível todo o processo, incluindo o estágio-sanduíche no exterior.

Ao meu Orientador. Graças a seus incentivos de liberdade fui fazendo o percurso precioso de me tornar na escrita quem queria ser. Mais que um agradecimento, rompo os protocolos e deixo aqui uma declaração de amor. A relação é institucional, mas o acompanhamento no processo de quatro anos é uma construção afetiva que envolve muita confiança. Em nenhum momento me senti desamparada ou oprimida. Obrigada por caminhar comigo sob a sombra de grandes abetos.

Sobre roubo de ideias
(para a área das humanidades)

Não tenha medo de compartilhar suas ideias,
não tenha medo de outras pessoas no seu campo,
não tenha medo de pessoas trabalhando próximo do que você trabalha,
quanto mais gente em torno da mesma questão,
mais importante é o seu trabalho,
melhores ideias você vai ter,
mais você vai ter uma comunidade de cooperação (...)
mais uma comunidade pressionando por financiamento,
por eventos, por grupos de pesquisa.
Ideias quando estão no campo das ideias foram feitas para serem
compartilhadas, usadas, refinadas, modificadas.

(Débora Diniz, Quinquilharia, vozes da Igualdade, Canal da Anis, 7 de outubro de 2017)

RESUMO

Neste estudo busquei pensar que psicologias se mesclaram com vertentes do feminismo dentro de uma perspectiva histórica para refletir sobre o que algumas autoras têm denominado psicologia feminista, bem como, psicoterapia feminista. Ajustei o foco sobre os conhecimentos produzidos no encontro dos saberes, psicologia e feminismo. Para me apropriar do campo problemático brasileiro tomei dois caminhos iniciais. O primeiro mais descritivo constituiu-se num percurso histórico para me situar sobre as ações dos movimentos feministas na relação com os centros de referência para mulheres em situação de violência e sobre os embasamentos teóricos das práticas psicológicas nestas políticas públicas. O segundo caminho foi um estudo exploratório que se baseou numa revisão não-sistemática em revistas feministas, revistas de psicologia e nas bases de dados Web of Science e Scopus para identificar se no campo acadêmico estava se produzindo artigos sobre psicologias feministas. A reflexividade que foi sendo construída até aqui conduziu à experiência do estágio doutoral no Núcleo de Pesquisa em Gênero, Diversidade e Sexualidade na Universidade do Porto. Com a imersão na realidade acadêmica portuguesa desenvolvi outro estudo exploratório sobre a posição das psicologias feministas no campo acadêmico português e das psicoterapias feministas por meio do contato com quatro pesquisadoras envolvidas com a temática. Deste modo, para poder produzir reflexões sobre o contexto brasileiro, três pesquisadoras envolvidas com psicologia feminista no Brasil também foram entrevistadas. Esta pesquisa não se constituiu num estudo comparativo e sim numa análise deste circuito, desta rede enunciativa luso-brasileira e o que dá sentido para a afirmação e/ou identificação com uma psicologia feminista respeitando as lógicas diferenciadas da Psicologia, assim como, o campo da psicologia social e da psicoterapia de cada país que são distintas. No que tange à metodologia, me apoiei na análise arqueogenológica de Michel Foucault para tomar os discursos na sua exterioridade e buscar as condições de possibilidade para a emergência de psicologias/psicoterapias feministas nos países estudados. Sem buscar verdades, psicologias ou psicoterapias mais verdadeiras que outras busquei me referir aos discursos constitutivos destas práticas enquanto produções históricas.

Palavras chave: Psicologia Feminista. Psicoterapia Feminista. Feminismos. Gênero. Mulheres. Violências.

ABSTRACT

In this study I tried to think which psychologies have merged with feminist strands within a historical perspective to reflect on what some authors have called feminist psychology as well as feminist psychotherapy. I focused on the knowledge produced in the meeting of knowledge, psychology and feminism. To take ownership of the problematic Brazilian field I took two initial paths. The first was a more descriptive historical route to situate me about the actions of the feminist movements in the relation with the centers of reference for women in situation of violence and on the theoretical bases of the psychological practices in these public policies. The second path was an exploratory study that relied on a non-systematic review in feminist journals, psychology journals, and the Web of Science and Scopus databases to identify whether articles on feminist psychologies were being produced in the academic field. The reflexivity that has been built so far has led to the experience of the doctoral stage in the research group on Gender, Diversity and Sexuality at the University of Porto. With the immersion in Portuguese academic reality I developed another exploratory study on the position of feminist psychologies in the Portuguese academic field and feminist psychotherapies through the contact with four researchers involved with the subject. Thus, in order to produce reflections on the Brazilian context, three researchers involved with feminist psychology in Brazil were also interviewed. This research was not constituted in a comparative study but in an analysis of this circuit, of this enunciative Luso-Brazilian network and what gives meaning to the affirmation and / or identification with a feminist psychology respecting the differentiated logics of Psychology, as well as, the field of social psychology and psychotherapy of each country that are distinct. With regard to methodology, I relied on the archeogenealogical analysis of Michel Foucault to take the discourses in their exteriority and seek the conditions of possibility for the emergence of feminist psychologies / psychotherapies in the countries studied. Without seeking truths, psychologies or psychotherapies more truthful than others, I have tried to refer to the discourses constituting these practices as historical productions.

Key words: Feminist Psychology. Feminist Psychotherapy. Feminisms. Gender. Women. Violences.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
1 ESQUELETO DA PESQUISA.....	16
1.1 Preliminares.....	16
1.2 Caracterização do problema de pesquisa.....	19
1.3 Problema de pesquisa.....	22
1.4 Objetivo geral.....	22
1.5 Objetivos específicos.....	22
1.6 Questões norteadoras.....	23
1.7 Relevância do estudo.....	23
2 PERCURSO METODOLÓGICO	26
2.1 Primeiro caminho.....	26
2.2 Segundo caminho.....	30
2.2.1 Análise preliminar do corpus da produção acadêmica.....	32
2.2.2 Psicologia social, gênero e as teorias feministas.....	33
2.2.3 Psicologia feminista, definições e caracterizações.....	39
2.2.4 Psicologia clínica, psicanálise e terapias feministas de família.....	44
2.2.5 Epistemologias feministas e as críticas à ciência.....	47
2.3 Fora do campo acadêmico.....	50
2.4 Reflexões pós estudo exploratório.....	51
3 ENSAIO ARQUEGENEALÓGICO.....	54
4 PSICOLOGIAS.....	60
4.1 Psicologia Feminista fora do Brasil.....	65
4.2 Psicoterapia Feminista no Brasil.....	67
5 FEMINISMOS E TEORIAS FEMINISTAS.....	69
5.1 Gênero.....	71
5.2 Vertentes.....	76
5.3 As ondas.....	81
5.4 Anti-feminismos.....	82
6 CONVERSAS COM PESQUISADORAS.....	86
6.1 Contexto de Portugal.....	86
6.1.1 Presença institucional.....	89
6.1.2 Anti-psifeminismos.....	91
6.1.3 De que é constituída a psicologia(psicoterapia) feminista?.....	93
6.1.4 Materialidades.....	94
6.1.5 Relação com os movimentos sociais.....	98
6.1.6 Tensionando a(s) psicologia(s).....	101

6.2 Contexto do Brasil	102
6.2.1 Presença institucional.....	105
6.2.2 Anti-psifeminismo.....	107
6.2.3 De que é constituída a psicologia (psicoterapia) feminista?.....	108
6.2.4 Materialidades.....	109
6.2.5 Relação com os movimentos sociais.....	110
6.2.6 Tensionando a(s) psicologia(s).....	111
6.2.7 Ausências.....	112
6.3 Análise dos Contextos de Portugal e Brasil	112
6.3.1 A rede enunciativa.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	127
APÊNDICE A – Tabela Revista e resultados.....	135
APÊNDICE B – Tabela com artigos brasileiros	138
APÊNDICE C – Tabela com artigos de outras nacionalidades.....	141

APRESENTAÇÃO

Para Michel Foucault (2014) escrever é se transformar, é desprender-se, dissociar-se de si mesmo. Este pensamento vem me ajudando a compreender o que chamo de “pequenas mortes” experimentadas a cada desmonte do trabalho nas análises do grupo de pesquisa. Talvez para algumas pessoas isto pareça dramático demais. Mas é exatamente o que sinto nas pulverizações em que vejo muitas vezes minhas produções se transformarem. Baixada a poeira levantada no processo, a escrita se transforma em registro do que permanece e algo em mim se revira do avesso.

Diria que muitas situações vivenciadas ao longo de minha formação na família de origem forjaram inquietações que me movem até hoje. Um evento emblemático se deu quando eu tinha em torno de oito anos de idade. Presenciar uma única cena de violência física do meu pai contra a minha mãe na cozinha do apartamento dela¹ nos anos de 1970 marcou de modo indelével minha vida. Meu grito foi minha primeira manifestação política e o meu megafone biológico! E foi efetivo naquele momento. O casal sobreviveu ao evento dramático e eu também. No entanto, nunca mais sosseguei quanto a compreender e destrinchar o tão enigmático e complexo mundo das relações de gênero. A convivência com a conjugalidade dos meus pais e todos os elementos de uma época ali presentes reiteraram e constituíram este interesse. A memória daquela cena estava adormecida e o processo de escrita do doutorado a reavivou.

Passei boa parte da minha juventude e vida adulta interessada em tudo que dizia respeito à posição das mulheres nas sociedades. De alguma forma sub-reptícia o feminismo foi me contagiando e servindo de lente para ler o mundo. Do meu nascimento em 1964 até 1985 estava imersa na realidade da ditadura, mas sem ter a menor ideia disto! Esta foi a densidade de minha alienação neste período sombrio da nossa história brasileira. Isto compôs minha subjetividade e fez com que eu adiasse todo e qualquer envolvimento com a vida política. No entanto, dentro de mim restaram anseios de liberdade, justiça e rebeldia contra toda e qualquer forma de autoritarismo.

¹ O A é assim maiúsculo mesmo, para não deixar dúvidas sobre quem era a proprietária. No seu território que era compartilhado, ocorreu a violência.

Em 1986, junto com o Brasil em processo de redemocratização saí de casa pelas asas da Varig. Tornei-me aeromoça aos 21 anos de idade e fui morar em São Paulo e depois no Rio de Janeiro. A construção de minha carreira como psicóloga iria começar anos mais tarde. Antes disto morei com amigos, aprendi a viver nestes dois grandes centros urbanos brasileiros, independizei-me economicamente de minha família num estalar de dedos; tive meu primeiro casamento; mudei de cidade de novo; separei; iniciei meu primeiro processo de psicoterapia. Esta síntese ligeira dos primeiros cinco anos longe de Porto Alegre me faz pausar e lançar a pergunta: porque estou relatando isto tudo?

Das entranhas saem histórias entrelaçadas. Ler sobre a história da psicologia e a história dos feminismos me remete o tempo todo para questões do tipo: onde eu estava quando isto aconteceu? O que eu estava fazendo? A história do feminismo é a sua identidade mais importante afirma Simone Schmidt (2004) e aqui me misturo a ela no mesmo caminho de construção de uma existência. A vivência que tive numa família de classe média na época da ditadura, com mãe e pai superprotetores que não tinham escolarização elevada e não eram pessoas ativistas me apartou da luta política e do trem da história. Assistia aos eventos do feminismo à distância, me mantive anos na periferia dos acontecimentos. A violência que mencionei nas primeiras linhas deste texto aconteceu na esfera privada familiar enquanto acontecia na vida pública outras violências inimagináveis. Eram tempos bicudos e sob outras formas continuam sendo...

Lembro que em 1995 fiquei sabendo da IV Conferência mundial sobre as mulheres² em Pequim e me imaginei na caravana junto às brasileiras lideradas por Rosiska Darcy de Oliveira. Ingenuamente achava que bastava comprar uma passagem aérea e me infiltrar junto à

²O ano de 2015 apresentou um marco: o 20º aniversário da Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres e a adoção da Declaração e Plataforma de Ação de Pequim, que foi o tema central da 59ª Sessão da Comissão sobre a Situação das Mulheres (CSW59). Nessa reunião anual de alto nível, que foi realizada na sede das Nações Unidas em Nova Iorque de 9 a 20 de março de 2015, líderes e ativistas mundiais fizeram um balanço dos avanços e dos desafios pendentes para implementar esse acordo histórico para a igualdade de gênero e os direitos das mulheres. Os Estados que trabalharam na Plataforma de Ação de Pequim em 1995 identificaram 12 áreas de preocupação e todas permanecem sendo desafios importantes a serem alcançados. As doze áreas temáticas são: Mulheres e pobreza; Educação e Capacitação de Mulheres; Mulheres e Saúde; Violência contra as Mulheres; Mulheres e Conflitos Armados; Mulheres e Economia; Mulheres no Poder e na liderança; Mecanismos institucionais para o Avanço das Mulheres; Direitos Humanos das Mulheres; Mulheres e a mídia; Mulheres e Meio Ambiente; Direitos das Meninas.

mulherada feminista. No entanto, precisava estar articulada politicamente e este estofo me faltava. Era uma estudante de psicologia naquela época e comissária de voo em simultâneo. Muitas águas rolariam até caminhar junto às mulheres ativistas em passeatas no asfalto. E por ironia da vida isto foi se dar no meu retorno à cidade natal, já na idade madura por volta dos 47 anos. É na meia idade que a vida começa? Bem, posso dizer que em se tratando de ativismo vem sendo assim comigo.

Hoje influenciada pelas leituras de diversas teóricas feministas contemporâneas me reconheço como uma *defensora* de um feminismo polifônico e adoto essa expressão da bell hooks³ (1984) evitando dizer ‘eu sou feminista’ e com Guacira Louro (2000) recorro a ideia de disposição existencial para o mesmo propósito: assumir publicamente esta relação visceral com o feminismo. São modos despojados de caráter identitário que me parecem bem razoáveis já que me aproximo dos pressupostos pós-estruturalistas. Esta influência se estende para a psicologia e já não me apresento como “sendo” psicóloga e sim como alguém que tem formação e atua nesta área. Inspiro-me nas colocações destas pesquisadoras e ativistas para assumir novas posições diante dos estudos aos quais me proponho de agora em diante.

Dentre vários modos possíveis de contribuir para a causa das mulheres escolho a via da pesquisa feminista. Durante o primeiro ano do doutorado me reconheci entrelaçada por percursos históricos: minha história pessoal e profissional; a história da Psicologia com as Políticas sociais (políticas públicas para as mulheres); a história dos movimentos feministas com as políticas públicas para as mulheres e a história da vertente da psicologia feminista. Ter voltado a morar em Porto Alegre abriu espaço para diversas experiências dentre elas o aprofundamento da perspectiva feminista nos meus estudos e o encontro com a filosofia da diferença; a experiência em serviço público (Centro de Referência para Mulheres Vítimas de Violência de Canoas/RS – CRM Patrícia Esber) e a estreia na UFRGS; a passagem de uma vida mais individualista impregnada de um certo viés neoliberal para uma vida mais interessada no coletivo. Este deslocamento geográfico e estes acontecimentos que se deram (e vem se dando) impregnam incessantemente meu modo de pensar, escrever e fazer escolhas.

Entendo que as tramas e os dramas embutidos neste emaranhamento de histórias e experiências vem sendo desenredadas gradualmente. Primeiro, o feminismo me encontrou.

³ A autora assina suas obras em minúsculo e requer suas referências desta forma e como afirma Joana Pinto (2008) se apoia no argumento de que ela mesma não se reduz a um nome e seus textos não devem ser lidos em função deste nome.

Tempos depois procurando a liberdade – sair de um trabalho numa empresa para assumir uma profissão autônoma- encontrei a psicologia. Anos mais tarde integrei os saberes ao me deparar com a descoberta de que havia profissionais que eram identificadas como pesquisadoras-feministas que atuavam como psicólogas. Aqui iniciava um desprender-se de um modo positivista impregnado na minha educação. A vertente nominada de psicologia feminista vem significando um espelho onde tenho podido vislumbrar um modo de atuar engajada na causa que sempre me movimentou e que era inicialmente, defender as mulheres. A menina que fui um dia e que foi aprendendo a ser mulher num mundo hostil às mulheres, que de muitas maneiras continua sendo, havia sido calada pela ditadura. O processo de produção da tese está significando o romper de muitos cárceres figurados. As emoções que se desprendem neste processo vêm se mesclando aos registros deste trabalho que se pretende coerente com um dos eixos do projeto epistemológico feminista que é incluir a emoção na produção de conhecimento. À medida que o tempo escoar e os processos de leitura, escrita, orientações e intercâmbios com as/os professoras/es e colegas no programa de pós-graduação vão acontecendo, a nebulosidade antes espessa se dissolve. No entanto, o caos, a reorganização e o platô alternam-se e compõem o movimento que faço para produzir este trabalho. Seguir na estrada, consciente destes períodos que se seguem, promove uma certa calma que é um estado desejável para o nascimento desta tese.

1 O ESQUELETO DA PESQUISA

1.1 Preliminares

Pensava em construir um projeto de pesquisa onde pudesse relacionar psicologias⁴ e feminismos e assim continuar trabalhando com as desigualdades de gênero que de outro modo foram discutidas em minha dissertação de mestrado. Intitulada *De(s)colar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas*⁵ a dissertação contemplou a temática da divisão de tarefas domésticas entre membros de casais de aeronautas e foi a porta de entrada para aproximar-me dos estudos das relações de gênero na academia. Foi a psicologia social de “sotaque” norte-americano que me foi apresentada naquele momento do percurso acadêmico e o gênero foi trabalhado como uma variável. Na defesa, a banca reconheceu o viés ideológico presente nas entrelinhas como o vigor do trabalho o que muito me animou para apostar todas as fichas num doutorado com perspectiva feminista mais acentuada.

Da defesa de mestrado em 2010 até 2013 quando apresentei o anteprojeto para o processo seletivo neste Programa de Pós-graduação tive algumas experiências profissionais que foram agregando elementos que passaram a constituir o corpo deste trabalho. A inserção⁶ num grupo de pesquisa como colaboradora, a participação em duas conferências de políticas públicas para as mulheres, a experiência docente em “gênero e diversidade na escola” no SENAC em Caxias do Sul e por fim a atuação como psicóloga no CRM Patrícia Esber foi determinante na inspiração para construir um primeiro esboço deste projeto de pesquisa.

As relações violentas entre homens e mulheres em situação conjugal chegam aos centros de referência em forma de relatos sofridos das mulheres, no olhar e na agitação de crianças tristes e com fome de cuidados e comida e na presença “virtual” de homens descritos como extremamente violentos. Produzir um projeto (inspirado nesta experiência) que contemplasse

⁴Psicologia, psicologias, psicologia. O emprego do termo com inicial maiúscula será para se referir à psicologia tradicional, androcêntrica e positivista; inicial minúscula e no plural para indicar um posicionamento mais contemporâneo que inclui diversas psicologias e métodos, objetos e práticas e no singular minúscula para indicar uma psicologia em particular ou nenhuma em especial.

⁵Versão *on line* da dissertação pode ser acessada: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/>

⁶Grupo de psicologia social que era coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Marlene Strey no PPG PUCRS. Refiro-me também às Conferências municipal e estadual de políticas públicas para as mulheres, realizadas em 2011, na cidade de Porto Alegre/RS.

estas relações de gênero violentas tornou-se um propósito inicial que se alinhou ao desejo de pesquisar uma vertente da psicologia denominada feminista.

Ter trabalhado no CRM Patrícia Esber que compõe uma rede intersetorial de enfrentamento à violência contra as mulheres me colocou diante de vários desafios com os quais a psicologia se depara quando inserida nas políticas públicas. Para além da prática tradicional de atendimento clínico individual, a psicologia neste contexto é convocada a pensar no comprometimento de sua cultura profissional com a justiça e os direitos humanos, em específico os direitos das mulheres. Minha experiência em clínica não era suficiente para dar conta das problemáticas trazidas pelas mulheres nem do próprio exercício da atividade num serviço público e suas especificidades. Na minha experiência clínica anterior (com psicoterapia reichiana⁷) já havia desenvolvido uma perspectiva de abordagem sustentada numa relação horizontalizada com as/os pacientes no acolhimento e ao longo de todo o processo de psicoterapia no contexto privado de consultório. No novo contexto de serviço público com mulheres em situação de violência, reconhecia que o cuidado para não reproduzir lógicas hierarquizantes, nem efeitos de poder de silenciamento precisava ser ainda maior. Entendia que redobrar os cuidados se fazia necessário em face dos contrastes dos marcadores sociais de classe e escolarização entre muitas de nós profissionais da saúde e das mulheres que buscavam o serviço em que eu estava inserida. Além do fato de que chegavam ao CRM em sofrimento intenso, o que por si só justificava cuidados de nossa parte. Os constantes intercâmbios com a equipe do CRM também balizaram este processo e dimensionaram a complexidade do fenômeno das violências (doméstica, dentre outras). A magnitude e extensão dos problemas produzidos a todas as pessoas envolvidas (mulheres e crianças, em especial) não só convocava o trabalho de equipe do centro de referência a se desdobrar, como o colocava em constante relação com a rede intersetorial.

Quais psicologias dispõem de teorias e ferramentas técnicas para lidar com a diversidade de situações nos espaços de acolhimento para mulheres que sofrem violências? Diante daquele contexto que era novo e perturbador no meu percurso profissional, retomei leituras que haviam me aproximado do que algumas autoras chamam de psicologia feminista (NEVES, Sofia e

⁷Abordagem psicossomática reichiana versão contemporânea que se caracteriza pela crítica aos dualismos corpo/mente; razão/emoção. Filha dileta do movimento da contracultura. Tem como fundamento a ideia de que os conflitos psicológicos se enraízam no corpo, expressando-se por meio de determinadas posturas, tensões, espasmos musculares e patologias somáticas. Teoria reichiana formulada por Wilhelm Reich, um dissidente da psicanálise.

NOGUEIRA, Conceição, 2003; NEVES, Sofia e NOGUEIRA, Conceição, 2005; NARVAZ, Martha e KOLLER, Silvia, 2006a; 2006b; NARVAZ, Martha e KOLLER, Silvia, 2007; NARVAZ, Martha e NARDI, Henrique, 2007). Mas de que psicologia estarão falando estas autoras? Se existem várias psicologias e vários feminismos, é possível que exista *a psicologia feminista*?

Meu interesse e aproximação com esta vertente se deu inicialmente com as autoras Conceição Nogueira e Martha Narvaz que a indicavam em seus artigos como sendo uma possibilidade de psicologia (psicoterapia) apropriada para lidar com as questões que atravessam as violências contra as mulheres. Neves e Nogueira (2003) afirmam que a politização dos espaços terapêuticos promovida pela intervenção psicológica feminista possibilita que as vítimas⁸ vejam validadas as suas experiências pessoais. Elas apontam o surgimento da psicologia feminista como coincidindo com a segunda onda do movimento feminista e a perspectiva que norteia a vertente é a busca de igualdade entre os sexos o que segundo as autoras se constitui no princípio feminista mais valioso quando utilizado pela própria psicologia. Narvaz e Koller (2006b) afirmam que a terapia feminista orienta as mulheres na busca dos recursos comunitários e legais acerca de seus direitos além de ajudá-las a esboçar estratégias de resistência diante das discriminações e violências sofridas. Estas autoras definem a psicologia feminista (e as terapias feministas de família) como um espaço estratégico entre o feminismo e a psicologia que critica as concepções tradicionais da psicologia positivista tradicional. Elas afirmam também que as primeiras terapeutas feministas vinham das tradições humanista e psicanalítica.

Estes apoios teóricos me nortearam durante o período em que trabalhei no centro de referência. Meus questionamentos sobre a pluralidade da psicologia e do feminismo constitutivo da vertente sugerida pelas autoras surgiram um tempo depois desta experiência. Ter encontrado uma psicologia nominada de feminista teve a princípio um efeito bem positivo por integrar dois campos de meu interesse acadêmico e assim se tornar um objeto de estudo para meu projeto de doutorado. O que mudou neste percurso foi que passei a problematizar a existência desta psicologia híbrida. De que psicologia (e psicoterapia) estão falando as autoras

⁸Mantive o termo utilizado pela autora, mas evito usar esta expressão identitária. A ideia essencializante embutida remete à impossibilidade de deslocamento. Prefiro dizer mulheres *em situação de violência* para assim reiterar o sentido de processo situacional em que se encontram e apostar na transitoriedade de um ciclo que se pretende erradicar.

que a reivindicam e com qual vertente do feminismo estas práticas se mesclam? Esta modalidade existe no Brasil?

O nome psicologia feminista embute em si alguns problemas tais como a questão da especialização do conhecimento (interdisciplinaridade) e/ou de seus campos de luta; os aspectos teórico/metodológicos da psicologia, ciência e política; objetividade do conhecimento e neutralidade científica e a contribuição das teorias críticas feministas e dos estudos de gênero à psicologia. Algumas autoras e autor (NURNBERG, Adriano 2008; NARVAZ, 2009; BORGES, Lenise 2014) apontam para a marginalização da psicologia feminista no Brasil chegando a afirmar a sua não-existência no campo psi. Mary Jane Spink & Peter Spink (2014) afirmam que no Brasil há pessoas ativas na psicologia feminista. A pesquisa *Mapeamento de práticas de pesquisa-intervenção feminista no âmbito da psicologia social no Brasil: um estudo a partir das práticas discursivas* coordenada pela pesquisadora Lenise Borges da Universidade de Goiás que vem investigando como tem se formado uma psicologia feminista brasileira e se é possível chamá-la assim, é um exemplo.

Alinne Bonetti (2012, p.53) cita a frase “a antropologia não pode ser feminista, a antropóloga sim!” como uma recorrente provocação de suas interlocutoras antropólogas e feministas em seu caminho de compreensão de uma produção de antropologia feminista no Brasil. O que venho observando em minha trajetória com a psicologia é que neste campo não parece haver uma disposição por parte de minhas interlocutoras e interlocutores para adjetivar a disciplina ou a identidade profissional. As pesquisadoras que têm me falado de suas experiências, fazem a separação entre a prática psicológica e a sua qualificação como feminista.

1.2 Caracterização do problema de pesquisa

A profissão de psicóloga(o) é uma atividade representada por 89% de mulheres no Brasil segundo dados do Conselho Federal de Psicologia, CFP (2012). No Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (CRP/RS) 15 630 são mulheres e 1 687 são homens de acordo com dados de 30/12/2014 (Bruna Pizarro, 2015). Como este estudo é uma pesquisa feminista tive o cuidado de empregar uma linguagem não-sexista, com o gênero feminino utilizado em primeiro plano respeitando o fato de estar dentro de um campo onde a atuação é majoritariamente de mulheres. Apoio-me no posicionamento da autora Pizarro (2015, p.23) do entre linhas: “Partimos do entendimento de que a priorização do masculino na flexão das

palavras em nossa língua é arbitrária em função de uma construção cultural patriarcal que incide sobre a nossa sociedade e assim na nossa gramática”. Ressalto que uma linguagem não-sexista deveria ser utilizada em qualquer trabalho acadêmico, nesta tese ainda mais.

Havia formulado perguntas para o projeto de tese que sofreram reformulações ao longo do primeiro ano de doutorado. Compus o projeto inicial pensando na experiência diária que tinha com as mulheres em situação de violência; na equipe e sua tentativa de se constituir interdisciplinarmente e nas leituras que me levavam a entender como apropriada para aquele contexto, uma psicologia crítica feminista.

Meu objeto de estudo se bifurcou no primeiro ano de doutorado: de um lado, as práticas psicológicas inseridas nos centros de referência para as mulheres e o interesse de pesquisar a presença (ou não) da vertente da psicologia feminista nos embasamentos teóricos das(os) psicólogas(os) que trabalham nos centros; do outro, a vontade de produzir uma análise arqueogenalógica sobre as psicologias feministas e desvendar que construções são estas. Na primeira tentativa de desenhar o campo problemático percorri historicamente algumas ações dos movimentos feministas dentro do Brasil, pois queria chegar nas construções dos centros de referência. Isto foi me permitindo compreender como se deu a criação dos centros de referência informalmente concebidos pelo SOS mulher, ong feminista em São Paulo na década de 1980, e a presença da psicologia nas políticas públicas nas décadas seguintes. Este percurso realizado abriu espaço para outras reflexões já que nada apontava como eu pensava inicialmente de que esta vertente poderia estar sendo utilizada nos centros de referência no Brasil. Precisava identificar melhor de que psicologia estavam falando as teóricas em que me apoiei e em que autoras(es) elas se ancoravam.

Iniciei uma segunda tentativa de desenho de campo e por meio de um estudo exploratório encontrei 30 produções acadêmicas brasileiras entre artigos, uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado contendo descritores *psicologia feminista* e *psicologia e feminismo*. Fui tomando posse do que a cultura me apresentava e simultaneamente foi se confirmando a necessidade de desmembrar os campos psi e do feminismo nas produções acadêmicas brasileiras e assim me situar sobre a existência legítima ou marginalizada da psicologia feminista. Enveredei por uma via labiríntica entre debates teóricos de feministas contemporâneas, história da psicologia social brasileira, vertentes das psicologias, estudos de gênero, ondas feministas e como se deram (e vem se dando) estas aproximações e seus níveis de resistência. Há aproximações entre psicologia e feminismo, mas não são tão explícitas nem

legitimadas institucionalmente. Vários artigos que tratam das relações de gênero na psicologia são encontrados com facilidade, o que poderia revelar um certo conservadorismo da psicologia ao evitar envolver-se explicitamente com os movimentos feministas (e com a política, conseqüentemente). A categoria gênero entra na academia de modo menos ameaçador neste sentido, despida da conotação política e “escandalosa” do feminismo.

Neste percurso me deparei com um dossiê sobre o Encontro Nacional Pensando Gênero e Ciências Núcleos e Grupos de Pesquisa⁹. Uma pesquisa da fundação Perseu Abramo (2001) apresentada por Marlise Matos (2006) da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas (RedeFem) em seu artigo sobre a institucionalização do feminismo na academia no Brasil a autora fornece mais peças para encaixar no mosaico que venho tentando montar. Os dados da pesquisa informam que dentre as mulheres brasileiras escolarizadas em nível superior apenas 24,7% se auto declararam feministas, 37,5 % das mulheres brasileiras não sabem ou se confundem sobre o que significa feminismo. Nesta pesquisa o dado bem pertinente é que 72,8% das mulheres com nível superior e mais (as cientistas brasileiras) não aderiram ao feminismo afirmando não serem feministas. Segue a indagação da pesquisadora:

[...] se elas não são feministas, como esperar que a ciência produzida (ou parte substantiva dela) tenha em seu escopo uma dimensão crítica de gênero e feminista? Como compreendermos que naquele âmbito em que mais se cria, fomenta, produz, reproduz, difunde informação e conhecimento, o feminismo seja ainda um valor tão iníquo? Que tipo de ciência estamos pois, (re)produzindo, se há uma fraca adesão das mulheres cientistas brasileiras ao feminismo? (MATOS, 2006, p. 96)

Parti destas leituras e da seguinte premissa: como poderíamos encontrar no Brasil uma vertente com tal hibridismo como a psicologia feminista se a Psicologia ainda é uma ciência preponderantemente regida pelo androcentrismo e há uma porcentagem elevada de mulheres com instrução superior que não aderem ao feminismo? O problema de pesquisa foi sofrendo pequenas transformações. Busquei pensar que psicologias se mesclaram com vertentes do feminismo e procurei produzir reflexões sobre o que algumas autoras têm denominado psicologia feminista. Problematizei a emergência de uma psicologia feminista no campo da psicologia social. Avancei para o campo das psicoterapias fazendo um pequeno recorte. Coloquei em análise o que poderia ser uma psicoterapia feminista e se ela existiria no campo das psicoterapias brasileiras como uma vertente, um método, uma perspectiva, uma área do

⁹Elaborado pela Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres

conhecimento ou um tratamento psicológico. Com a experiência do estágio-sanduíche em Portugal me envolvi com o contexto português e a rede portuguesa de psicologia feminista. Isto moveu-me a adentrar no campo acadêmico brasileiro de novo, na volta da viagem. Desta vez entrevistando pesquisadoras brasileiras envolvidas com psicologia feminista. Sendo assim o problema de pesquisa ficou como segue.

1.3 Problema de pesquisa

O que é afirmado como psicologia e como psicoterapia feminista, no Brasil e em Portugal, que possa ser considerado inteligível nas respectivas redes enunciativas?

1.4 Objetivo geral

O objetivo geral foi se transformando no processo com a experiência no exterior. O estágio doutoral no núcleo de pesquisa em gênero, diversidade e sexualidade na Universidade do Porto favoreceu a imersão na realidade acadêmica portuguesa. Lá desenvolvi um estudo exploratório no contato com quatro pesquisadoras objetivando me situar sobre a posição da psicologia feminista no campo acadêmico português, assim como a psicoterapia feminista em alguma medida. Deste modo, para poder construir um estudo de contexto brasileiro na volta do estágio entrevistei três pesquisadoras envolvidas com psicologia feminista no Brasil. Na sequência fiz articulações entre o contexto português e o contexto brasileiro. Não se constituiu num estudo comparativo e sim numa análise deste circuito, o objetivo da tese passa a ser analisar esta rede enunciativa luso-brasileira e o que dá sentido para a afirmação e/ou identificação com uma psicologia feminista respeitando as lógicas diferenciadas da Psicologia, assim como o campo da psicologia social e da psicoterapia de cada país que são distintas.

1.5 Objetivos específicos

Fazer análise arqueogenealógica das narrativas das pesquisadoras portuguesas e das pesquisadoras brasileiras sobre psicologia/psicoterapia feminista para compreender como fazem suas articulações entre os campos da psicologia e do feminismo. Saber qual a dimensão que a psicologia feminista tem, quais são suas condições de emergência, de afirmação, de posituação e em que plano isto se encontra. Que psicologia se vincula e se assume nesta lógica

do feminismo, seja do gênero ou da dimensão mais política do feminismo?; Que relações mantém com o movimento feminista?; Qual é a especificidade que teria a psicologia feminista?;

1.6 Questões norteadoras

O que vem definindo a psicologia feminista?

O que vem produzindo os encontros da psicologia com o feminismo?

O lugar marginal que hoje parece ocupar no Brasil impede sua construção ou positivação no campo?

O que contribui para a não-institucionalização do feminismo no campo acadêmico brasileiro, mais precisamente na área da psicologia?

Porque o nome *estudos de gênero* e não feminismo?

Em que campo(s) teórico(s) se situam autores e autoras no Brasil e em Portugal que reivindicam uma psicologia feminista?

Quais práticas psicológicas vem se apresentando como feministas?

Quais vertentes se propõem (e como) a lidar com a temática das violências contra as mulheres?

Como vem se definindo a psicologia/psicoterapia feminista no Brasil e em Portugal?

O que vem produzindo os encontros da psicologia com o feminismo?

O lugar marginal que hoje parece ocupar no Brasil impede sua construção ou positivação no campo e o mesmo ocorre em Portugal?

1.7 Relevância do estudo

Para a diretora da ONU mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka,¹⁰ a violência contra as mulheres é a violação de direitos humanos mais tolerada no mundo. No Brasil, um país negro, foram assassinadas 66,7% mais mulheres negras do que brancas de acordo com as conclusões do Mapa da Violência 2015, divulgado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), e que, nesta edição, foca na violência de gênero no País. Num país¹¹ que hostiliza suas

¹⁰ http://www.brasilpost.com.br/2015/11/26/violencia-mulher-onu_n_8655204.html

¹¹ Mapa da violência <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/o-dossie/http://www.geledes.org.br/10-piores-estados-para-ser-mulher-no-brasil/#gs.vMEeGzw>

mulheres como o Brasil, a Psicologia não poderia contribuir para o reforço nem para a manutenção de estigmas e estereótipos de gênero vigentes na nossa sociedade.

As pesquisas produzidas pelo CFP (2013) *Quem é a psicóloga brasileira?* e *Psicologia uma profissão de muitas e diferentes mulheres* sobre o perfil da psicóloga brasileira, informa que apenas 1% das psicólogas(os) brasileiras(os) lida na sua área de atuação com questões de gênero e com a temática da violência familiar e doméstica. Na coletânea de artigos e análises oriundas destas pesquisas são fortes as indicações de que há uma lacuna importante nas formações destas profissionais sobre noções de gênero, sexualidade e questões étnico-raciais que podem impactar suas áreas de atuação. De acordo com a psicóloga Madge Porto (2015) só entre os anos de 2011 e 2012 teve a discussão interna na categoria sobre a questão de gênero e a percepção de que a Psicologia no Brasil é formada majoritariamente por mulheres. Há uma relação estreita entre a Psicologia e a política pública de enfrentamento à violência doméstica contra as mulheres conforme Porto (2015) afirma. Há uma demanda para a presença de psicólogas nos serviços públicos que atendem as mulheres em situação de violência e uma expectativa de um papel a ser cumprido pela profissional frente a esse tipo de violência. A Psicologia e não só os direitos humanos são convocados para envolverem-se na discussão e no enfrentamento das violências contra as mulheres, o que requer preencher a lacuna na formação em gênero interseccional que foi apontada no início deste parágrafo.

Em Portugal as violências contra as mulheres em relações de intimidade também são alarmantes, especialmente em relação às mulheres idosas¹² com mais de 59 anos. A plataforma¹³ portuguesa para direitos das mulheres considera a violência contra as mulheres em relações de intimidade como a forma de violência mais comum no mundo inteiro, ou seja, a violação dos direitos humanos das mulheres mais frequente. Isto faz eco com o que foi dito anteriormente pela diretora da ONU mulheres. Esta violação inclui todos os tipos de violência (psicológica, física, sexual, coerciva, financeira, perseguição...), raramente se constitui num ato isolado, sendo um processo contínuo e continuado no tempo e na existência das relações de intimidade ou mesmo após o término dessas relações. O texto é finalizado com ênfase no fato de que tais violências são consideradas um crime público.

A presença institucionalizada ou não da psicologia feminista nos dois países se mostra vinculada ao fenômeno da violência contra as mulheres. Como este fenômeno diz respeito ao

¹² Acesso em <https://www.cig.gov.pt/siic/wp-content/uploads/2015/02/IPVoW.pdf>

¹³ Acesso em <http://plataformamulheres.org.pt/violencia-contra-as-mulheres/violencia-domestica/>

campo da psicologia comprometida com a transformação social, a tese em questão demonstra sua relevância maior ao lidar com estes temas.

Promover a difusão dos estudos de gênero na psicologia como sugere Nuernberg (2008) favorece a convocação de uma abertura maior à interdisciplinaridade desta ciência. Esta característica por sua vez se faz necessária já que o saber psicológico não dá conta sozinho da dimensão e complexidade do fenômeno das violências contra as mulheres que tem como base as relações de gênero construídas dentro de um sistema capitalista e conservador. Concordo com este autor quando afirma ser minoria a parcela da comunidade acadêmica da psicologia que compreende o alcance das teorias do campo feminista e o valor que seu tipo de análise pode representar. Historicamente as mulheres estiveram à margem das produções nas Artes, na Literatura, nas Ciências e na Política. Do mesmo modo a categoria gênero inserida na academia já desde a década de 1970 continua ocupando um lugar marginalizado. Grande parte das referências encontradas a respeito da psicologia feminista no Brasil vem reiterando o mesmo estatuto para esta vertente. Sendo assim este trabalho vem preencher este nicho e compor conjuntamente.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Na tentativa de circunscrever o campo problemático empreendi dois caminhos. Na sequência os apresento com o registro dos elementos, aproximações, relações e incorporações que a trajetória promoveu. O primeiro é um percurso mais histórico e descritivo e trata das conquistas globais e nacionais que resultaram de inúmeros agenciamentos que se deram no século XX, quando as mulheres despontaram no cenário mundial por conta de suas articulações e movimentos e influenciaram as políticas públicas de vários países dentre eles, o Brasil que se encontrava num período da redemocratização. Perscruto simultaneamente as condições de possibilidade para os acontecimentos na tentativa de desenhar uma história arqueológica deste campo problemático em que se insere a Psicologia junto ao nascimento dos centros de referência para as mulheres. O segundo caminho se configurou num estudo exploratório voltado para contemplar o objeto pelo qual me senti mais inclinada a me debruçar, que é a vertente da psicologia nominada feminista e sua possível inserção na produção acadêmica brasileira. Enveredei com mais profundidade e dediquei um tempo maior entre pesquisa, leituras e análises dos artigos encontrados neste que se configurou inicialmente num estudo teórico.

2.1 Primeiro caminho

Descrevo a seguir um breve mapeamento histórico de conquistas globais e nacionais que resultaram de inúmeros agenciamentos que se deram no século XX, quando as mulheres despontaram no cenário mundial por conta de suas articulações e movimentos e influenciaram as políticas públicas de vários países dentre eles, o Brasil.

Os esforços de inúmeras gerações de mulheres por justiça social e busca de maior igualdade de gênero vêm se visibilizando efetivamente no século XX. Respaladas por conferências como a Conferência do México em 1975 realizada pelas Nações Unidas que instituiu a década da mulher (1975-1985), uma exigência das mulheres integrantes das Nações Unidas (SANTOS, Yumi, 2006) desdobrada num ambicioso plano de ação voltado aos governos e às sociedades civis, diversas mulheres se articularam em movimentos em âmbito internacional e definiram estratégias para inserção de suas pautas.

Destaco dentre inúmeras conferências, a que está mais relacionada com meu tema de pesquisa que é a Conferência de Viena, em 1993, de âmbito da organização das Nações Unidas

que enfatizou o reconhecimento dos direitos das mulheres como parte dos direitos humanos. Seu Programa de Ação também nomeou a violência contra a mulher como violação de direitos humanos. Em 1984, o Brasil adere à Convenção contra todas as formas de discriminação contra a mulher (CEDAW), documento-base das demais convenções, um marco histórico para o compromisso dos governos com a promoção e proteção dos direitos das mulheres. Das conferências internacionais às conferências nacionais, estaduais e municipais, estratégias e ações vem sendo desenhadas para que as decisões se transformem em práticas e culturas modificadas.

Mas o que estava acontecendo no Brasil ao fim da década de 1970 para que se justificassem tantas movimentações e adesões? A luta contra a violência explodiu, com a reação coordenada de feministas diante de notícias de assassinatos de mulheres por seus companheiros: Ângela Diniz (RJ); Maria Regina Rocha e Eloisa Ballesteros (MG), Eliana Gramont (SP). Neste período surgiu o bordão *quem ama não mata* grito inicial das feministas mineiras que se espalhou pelo Brasil inteiro. A denúncia de violência doméstica, dentre outras questões, repercutiu no movimento feminista e se tornou pólo de aglutinação. Em 1980 no Encontro Feminista de Valinhos (SP) emerge a premência de se atuar no enfrentamento contra todos os tipos de violência contra as mulheres e se passa a recomendar a criação de espaços de denúncia. Do encontro germina o embrião das delegacias especiais de atendimento à mulher. Neste mesmo ano, em 10 de outubro, é criado o primeiro grupo organizado de combate às violências contra as mulheres, o *SOS Mulher* responsável por impulsionar a criação das delegacias especializadas no atendimento às mulheres em situação de violência (DEAMs). Em 1985, é estabelecida a primeira Delegacia de atendimento especializado à mulher em São Paulo e a ideia se espalha pelo país e tem repercussão internacional. Ao fim dos anos de 1990, duzentas delegacias estavam implantadas no país (SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico 2000). Em 2010 contabilizavam 475 unidades em todas as Unidades Federativas e no Distrito Federal (ONU e UNODOC, 2011).

Com o movimento de redemocratização no país, as condições de possibilidade para que os primeiros Conselhos Estaduais da situação feminina em São Paulo e em Minas Gerais em 1983 fossem criados se dão mediante esforços das feministas destas regiões. De acordo com Shuma Schumacher e Vital Brazil (2000) ao longo das três décadas que se seguiram mais de 1000 grupos feministas se espalharam por todo o Brasil atuando em diversos setores: em partidos políticos, estrutura do Estado, sindicatos, grupos autônomos, organizações não

governamentais (ongs), associações de moradores, instâncias de controle social, universidades, entre outros. Isto constitui uma poderosa força política espalhada pelas seguintes redes: Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, Rede entre Mulheres, Articulação Nacional de Mulheres Negras, Rede de Mulheres de Rádio, Movimento Articulado das Mulheres da Amazônia (MAMA), Rede de Educação Popular entre Mulheres (REPEM), Rede de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Rede para humanização do parto (REHUMA) e por fim a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB). Acrescento também a LBL¹⁴ (Liga Brasileira de Lésbicas) fundada no III Fórum Social Mundial, em janeiro de 2003, na cidade de Porto Alegre, durante a realização do Planeta Arco-Íris, na Usina do Gasômetro, em uma Oficina de Visibilidade Lésbica, que contou com a participação de dezenas de mulheres lésbicas e bissexuais vindas de vários estados do Brasil e de outros países.

No âmbito da Organização dos Estados Americanos (OEA) se destaca em 1994 a convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, conhecida como Convenção de Belém do Pará. Em 2003 é criada a Secretaria da Mulher, vinculada à Presidência da República e o ano seguinte é decretado o ano da Mulher Brasileira pelo Governo Federal. Em 2005 é realizada a I Conferência nacional de políticas públicas para as mulheres de onde resulta o I Plano Nacional de políticas para as mulheres, seguida pela II Conferência Nacional em 2007, o II Plano Nacional e em 2011 a III Conferência. No rastro das políticas públicas que foram sendo implantadas surgem os primeiros Centros de Referência de atendimento às mulheres durante os anos 1980 e 1990, formando outro embrião da rede de atenção às mulheres. Estes centros foram inspirados nos “SOS-Mulher”, criados nos anos 1970/1980 pelas feministas que, de forma voluntária e gratuita, ofereciam atendimento psicológico e jurídico para mulheres em situação de violência nas relações conjugais, com o objetivo de fortalecer sua autoestima e autonomia (ONU e UNODOC, 2011). Estes centros são equipamentos da Política Nacional de enfrentamento à violência contra as mulheres e que já totalizam 204 unidades em todo o país. Os primeiros foram criados por governos municipais nas cidades de São Paulo (1990), Diadema, SP (1991), Londrina, PR e Volta Redonda, RJ (1993), Belo Horizonte, MG (1996) e Barra Mansa, RJ (1998).

¹⁴Informações obtidas no acesso ao link: <https://lblnacional.wordpress.com/carta-de-principios/>

De acordo com o documento de referências técnicas para a prática de psicólogas(os) em programas de atenção à mulher em situação de violência (2013) alguns deles estão em fase de implantação em algumas regiões e de crescimento e fortalecimento em outras. Estes centros promovem além de ações pontuais de combate à violência, garantia de direitos e assistência às mulheres e são regidos e *definidos* pelo documento Brasil (2006) de Norma técnica de uniformização dos centros de referência de atendimento à mulher em situação de violência.

Os Centros de Referência são estruturas essenciais do programa de prevenção e enfrentamento à violência contra a mulher, uma vez que visa promover a ruptura da situação de violência e a construção da cidadania por meio de ações globais e de atendimento interdisciplinar (psicológico, social, jurídico, de orientação e informação) à mulher em situação de violência. Devem exercer o papel de articuladores dos serviços organismos governamentais e não-governamentais que integram a rede de atendimento às mulheres em situação de vulnerabilidade social, em função da violência de gênero. (BRASIL, 2006, p.11)

A inserção da Psicologia nas políticas públicas de caráter mais universalista já conta com uma história de pelo menos 25 anos se pensarmos no Brasil pós-1985 período em que esta área do saber vem também se construindo no diálogo com as políticas públicas para as mulheres. Penso que este percurso vem moldando a Psicologia que se insere num centro de referência e lida com uma rede discursiva que abarca (e mantém estas dicotomias) sujeitos vítima/agressor; o sujeito das políticas públicas e o sujeito de direitos, além de trazer consigo o sujeito psicológico. Com que ferramentas teóricas este saber se apoia para problematizar tais sujeitos e seus marcadores sociais de diferença? Isto me remete às categorias analíticas de interseccionalidade e de articulação (há diferenças entre os termos, mas o uso é indiferenciado entre certas autoras) que favorecem a apreensão de múltiplas diferenças de desigualdades para pensar estas posições que estarão colocadas (PISCITELLI, Adriana, 2008). Ou seja, há espaço (e necessidade) para a Psicologia se reinventar nestes espaços e há ferramentas conceituais para isto.

De acordo com Oswaldo Yamamoto (2010) a atuação da Psicologia no campo das políticas sociais convoca a um posicionamento político mais crítico por parte das psicólogas(os) com novos referenciais teóricos e técnicos que podem ou não partir dos saberes já consolidados, mas que precisarão ultrapassá-los e isto se constitui num dos desafios para a profissão. O autor problematiza também um aspecto bem importante: a questão das fissuras que uma psicologia transformadora pode produzir nas iniquidades reforçadas pelas políticas que reproduzem ordens socialmente excludentes.

2.2 Segundo caminho

Para me aproximar do campo de produção acadêmica da psicologia brasileira e me situar sobre a existência reconhecida ou marginalizada da vertente nominada de *psicologia feminista* empreendi um estudo exploratório utilizando dois descritores básicos: *psicologia feminista* e *psicologia e feminismo*. Considerei resultados aqui, toda e qualquer produção acadêmica brasileira que foi encontrada contendo os descritores escolhidos e por brasileira, a produção realizada por autoras e autores brasileiras/os em revistas nacionais ou internacionais. Os artigos produzidos por autoras(es) de outras nacionalidades que foram encontrados contendo os descritores estão em outra lista, mas não foram considerados resultados. Diante da escassez de material entendemos que em se tratando de sinônimos com uma escrita muito similar, *psicologia feminista* (português) e *psicología feminista* (espanhol) estaria desperdiçando produções que poderiam fornecer mais pistas que indicam a rede de pesquisadoras(es) que trabalham com o objeto de estudo e situam sobre o tamanho e a localização geográfica de sua produção. Muitas destas produções foram acolhidas em periódicos brasileiros, e, portanto, suas ideias estão circulando em nosso território e afetando nosso modo de pensar e fazer ciência (e psicologia).

A escolha dos periódicos a serem pesquisados foi norteadada pelos critérios desdobrados a seguir. Decidi iniciar a pesquisa pelas revistas feministas nacionais mais antigas que estão consolidadas neste campo. A Revista Estudos Feministas (REF) da Universidade Federal de Santa Catarina tem circulação nacional e internacional além de estar indexada e ser uma publicação interdisciplinar considerada referência importante para pesquisadoras(es) de várias áreas. A cadernos pagu da Universidade de Campinas (SP) foi escolhida por ser uma referência em estudos de gênero. Depois de consultá-la constatei que na sua área de interesse a psicologia não está listada. Pesquisei todos os números e volumes que se encontravam disponíveis *on line*. Foi coberto o período de 2015 a 1992 (na REF) e de 2014 a 1993 (na cadernos pagu). Totalizando 58 números pesquisados na primeira e 43 na segunda. Nenhum resultado obtido nestes periódicos.

A segunda direção empreendida diante da escassez de material foi partir para as revistas antigas e consolidadas no campo da psicologia. Neste segundo movimento do estudo exploratório o critério foi a idade delas e a sua credibilidade. Detive-me a ler sobre os periódicos após as consultas e constatei que cada um têm suas peculiaridades no aceite dos artigos. Alguns

estão mais interessados em trabalhos que contemplam uma psicologia com tópicos mais clássicos nas áreas da Psicologia do desenvolvimento, avaliação psicológica, processos psicológicos básicos e psicologia da saúde. Outras incluem nos seus interesses a psicologia social além da atuação profissional da(o) psicóloga(o), a pesquisa, o ensino ou a reflexão crítica sobre a produção de conhecimento na área da Psicologia. As pesquisas empíricas ou revisões sistemáticas na área da psicologia, em especial estudos e experimentos que englobem psicologia cognitiva, psicologia da saúde, psicologia clínica, neuropsicologia e psicobiologia dentre outras, também são alvo de interesse. É perceptível o tom positivista no modo de apresentação de muitas delas na própria maneira de denominar o saber como *Ciência Psicológica*. O oceano das psicologias é mais vasto e profundo do que supunha e nem todas as suas correntes levam para onde quero ir.

Iniciei a pesquisa pelos sumários dos periódicos escolhidos e procurei nos títulos os descritores citados. No entanto, ao longo da pesquisa encontrei alguns artigos que não continham os descritores nos títulos, mas eu já os tinha lido e sabia que ao longo dos textos ou nos resumos, um ou os dois descritores se encontravam lá. Reexaminei-os e ao confirmar a presença dos descritores os incluí. Quando suspeitava que algum artigo podia conter os descritores baixava-os e abria o localizador. Tive a grata surpresa de encontrar artigos que eu mesma produzi e em relação a eles não havia dúvidas, os descritores lá se encontravam. Adianto que as 31 produções brasileiras listadas apresentam o título sem a expressão *psicologia feminista*. Dos 14 artigos de outras nacionalidades quatro títulos contêm este descritor.

A seguir cito os volumes, números e períodos de cada revista consultada. Foram pesquisadas a revista Arquivos Brasileiros de Psicologia uma publicação da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a mais antiga de todas com seu último número publicado em 1990. Foi consultada nos períodos de 1979 a 1990 (do v 31 a v 42) totalizando 12 volumes e 47 números. Os Arquivos Brasileiros de Psicologia¹⁵ uma publicação do programa de pós-graduação de psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) doze volumes foram consultados dos números 66 a 55 nos períodos de 2014 a 2003. Totalizando 28 números dentre artigos, resenhas, relatos de pesquisa na página do Pepsic (periódicos eletrônicos em Psicologia) partindo do site da biblioteca da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul); a revista Psicologia & Sociedade uma publicação da Associação Brasileira de Psicologia

¹⁵ Publicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro que se coloca aberta às contribuições de todas as áreas da psicologia.

Social (ABRAPSO) em 14 volumes dos números 27 a 40 totalizando 39 números e mais 10 edições especiais no período de 2015 a 2002; a revista Psicologia USP foi consultada via scielo do período de 2015 a 1997 dos volumes 26 a 8 totalizando 57 números; a revista Psico¹⁶ do programa de pós-graduação da PUCRS foi consultada dos volumes 46 a 36 totalizando 38 números no período de 2015 a 2005; em 30 de agosto de 2015 a revista Psicologia: ciência e profissão foi consultada do período de 1982 a 2015, 34v (3 a 35) totalizando 98 números e 3 números especiais; em 05 de setembro de 2015, a revista Psicologia: reflexão e crítica, uma publicação do programa de pós graduação em psicologia UFRGS foi consultada; a revista Psicologia Política de 2007 a 2014 8 v e 16 números embora seja um periódico mais novo, se volta para o campo interdisciplinar aproximando psicologia e política; a publicação voltada para educação Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas também foi consultada (em agosto de 2015) em face de sua notada receptividade aos estudos sobre as mulheres, ao feminismo e estudos de gênero. Foi pesquisado o período de 2015 a 1999 dos números 106 a 155 (v.45 a 34; os demais não têm numeração) totalizando 50 números. Assim como todos os números do ano de 1975¹⁷ n12; n13; n14; n15 (estes na versão impressa); foram pesquisadas as Coletâneas da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) em 28/8/2015 os seguintes volumes impressos v1 n (1,4,5,6,8,9,10,12,13,14,16) de set 1996; v1 n2 dez 1996; v1 n7 jul 1997.

A terceira etapa deste processo se constituiu em pesquisar o Portal de Periódicos Capes; a Scielo livros; os bancos de dados *scopus* e *web of science* (em 19 de maio de 2015). Os motivos que me levaram a optar por estas ferramentas são basicamente: credibilidade no setor editorial acadêmico, a facilidade por ser *on line* e o grande alcance que seu acesso possibilita. Por fim optei em fazer uma varredura na internet para ver se conseguia encontrar mais referências que pudessem me guiar nesta escavação arqueológica importante na contemporaneidade. Detive-me em quinze páginas do *google* acadêmico na data de 10 de agosto de 2015 e 11 páginas no *Google* em 19 de junho de 2015.

2.2.1 Análise preliminar do corpus da produção acadêmica

¹⁶ revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico

¹⁷1975 foi instituído pela ONU como o Ano Internacional da Mulher

As trinta e uma produções encontradas contendo os descritores *psicologia feminista* e *psicologia* e *feminismo* foram separadas do seguinte modo: 29 artigos, uma dissertação, uma tese de doutorado e uma divulgação de uma conferência na página do Instituto de Psicologia da UFRJ. Os artigos, a dissertação e a tese foram lidas e analisadas mantendo o foco para localizar e refletir sobre as definições para a psicologia feminista e os conhecimentos produzidos no encontro dos saberes, psicologia e feminismo. O texto a seguir é fruto do alinhavo das diferentes ideias que as autoras e autores oferecem em seus trabalhos, tramados com as interrogações que me foram suscitadas por suas colocações em paralelo aos comentários reflexivos que foram sendo criados. O que configura este debate se encontra na materialidade dos artigos garimpados.

Para garantir uma organização maior do caminho percorrido procurei articular as ideias relacionadas à psicologia social, à categoria gênero e às teorias feministas; às definições e caracterizações da psicologia feminista; à psicologia clínica, à psicanálise e suas aproximações com o feminismo e as terapias feministas de família; à epistemologia feminista e as críticas à ciência. A perspectiva histórica está presente para situar os acontecimentos que estavam influenciando na crise da psicologia social e em sua abertura para os estudos de gênero, assim como os efeitos produzidos pelo feminismo com sua entrada na academia.

Os subtítulos seguem assim: psicologia social, gênero e as teorias feministas; psicologia feminista, definições e caracterizações; psicologia clínica, psicanálise e terapias feministas de família; epistemologias feministas e as críticas à ciência.

2.2.2 Psicologia social, gênero e as teorias feministas

Maria Eunice Guedes (1995) começa a difundir há 20 anos na psicologia brasileira argumentos de teor feminista e acentua a importância de se refletir sobre gênero. Ela mesma problematiza seu título *Gênero o que é isso?* Convoca a desmanchar preocupações sobre definir a categoria gênero e compreender como está acontecendo sua construção/desconstrução. A pesquisadora congrega a todas e todos para um envolvimento com as problemáticas postas pela categoria gênero e como sendo este um desafio a ser abraçado por *todas* as disciplinas no meio acadêmico. Cita alguns saberes como a medicina, a gramática, o direito, a biologia a serem problematizados e aqui acrescento a psicologia que também cabe fazer parte deste grupo. Neste artigo a pesquisadora apresenta as contribuições da categoria gênero para a psicologia situando a sua entrada em 1970 no Brasil, assim como traz as contribuições de modo sintético da norte-americana Joan Scott.

Um pequeno histórico sobre a categoria gênero é ofertado pelas autoras Narvaz e Koller (2007) que apresentam a Sociologia como o primeiro saber /disciplina onde os estudos de gênero se concentram em 1980 para depois incluir a Antropologia, a História, a Literatura, a Psicanálise, o Direito, a Saúde, a Psicologia, a Política, a Educação, a Comunicação, as Artes, a Geografia, a Economia. Segundo as autoras a inserção dos estudos de gênero se deu, e ainda se dá predominantemente na pós-graduação onde a flexibilidade curricular é maior, em geral sendo as disciplinas oferecidas como optativas e não como cursos regulares de relações de gênero. Isto denuncia o lugar marginal que vem ocupando no campo acadêmico brasileiro enquanto as questões abarcadas por estes estudos pululam dentro e fora dos seus muros. As mesmas autoras em outro artigo (2007b) apontam como motivo para este fenômeno, os preconceitos associados à vinculação dos estudos com os movimentos feministas (e partidos de esquerda). Inúmeras pesquisadoras, acadêmicas e militantes (antropólogas, sociólogas e historiadoras) se envolveram nos movimentos feministas no mesmo projeto político de confrontar e de contestar as discriminações e as relações de poder na sociedade. Buscavam denunciar a opressão patriarcal e capitalista vivida pelas mulheres dentro e fora da família. Embora na sua trajetória histórica o campo de estudos de gênero tenha se consolidado, ainda permanece marginalizado ocorrendo predominantemente na pesquisa e menos no ensino. As pesquisadoras atribuem esta situação à repressão a qual estava sujeita a Universidade e por extensão às Ciências humanas e sociais. Em face do regime ditatorial, as verbas eram limitadas e as pesquisadoras feministas tiveram que criar centros de pesquisa privados e apoios e financiamentos em agências internacionais.

Mas com o desmonte da ditadura o que mantém o estatuto marginal rondando os estudos de gênero ainda hoje? E o quanto se constitui em questão para as pesquisadoras e pesquisadores que se altere este lugar periférico? As autoras acrescentam o conservadorismo acadêmico que se expressa na relativa aceitação de núcleos de estudos de gênero na pós-graduação o que leva a crer que o gênero é tomado como uma temática de especialistas. Um outro ponto é a dicotomia ainda presente no senso comum de que só se produz teoria na academia e apenas o ativismo político produz ação social. As autoras finalizam esta parte do texto concluindo que a marginalização dos estudos de gênero e feministas indicam a sua não integração à ciência e o lugar que ocupam é de um discurso do outro evidenciado na presença tímida nos currículos universitários e na invisibilidade do gênero nos diversos campos do saber. Isto está em ressonância com o que as pesquisadoras Lima e Uziel (2013) apresentam no artigo *Gênero e*

sexualidade na formação e prática profissional em psicologia, que compõe a pesquisa qualitativa do CFP no qual as psicólogas entrevistadas confirmam o uso raro de concepções de gênero e sexualidade em suas formações. Na outra pesquisa quantitativa do CFP *Quem é a psicóloga brasileira?* Louise Lhullier e Jéssica Roslindo (2013) afirmam que dos 89% de mulheres que compõem a profissão no Brasil apenas 1% lida na sua área de atuação com as questões de gênero e violência familiar e doméstica.

Parece-me até aqui que a marginalidade vem sendo mantida e reiterada constantemente nos regimes discursivos mais do que questionada e reivindicada. Em sendo assim, se constrói um lugar para os estudos de gênero que os consolidam no campo, no entanto, à sombra. A lembrança de uma fala sexista do ex-presidente Lula¹⁸ proferida há mais de uma década atrás me vem à tona. Direcionada às mulheres, dizia ele em tom jocoso, que elas não deveriam "ser desafortadas e desejar a Presidência da República¹⁹", ou seja, não poderiam ser *tão* ambiciosas. Do mesmo modo os estudos de gênero já chegaram na academia, o que mais podem querer?

Albertina Costa (1988) afirma que os anos da década de 1970 eram tempos de regime autoritário, milagre econômico, reforma universitária e pico de repressão. No campo mais amplo da esquerda estavam germinando as feministas aqui no Brasil. E também neste mesmo período como Claudia Mayorga (2014) situa, o Brasil assume uma perspectiva liberal com o objetivo de erradicar a pobreza e outros problemas sociais decorrentes dela. Pensadoras(es) problematizaram estas posições e se opuseram a ela em virtude do desenvolvimento econômico estar produzindo uma expansão da pobreza ao contrário do que se queria. Dentro deste cenário a psicologia social foi criticada por importar conhecimentos da psicologia norte-americana que estava patologizando o que na verdade eram desigualdades sociais. A psicologia social comunitária surge assim com intuito de se configurar numa psicologia não-colonizada voltada para trabalhar as questões de minorias sociais e propor métodos interventivos como saídas também ético-políticas. Esta pequena biografia da psicologia social comunitária me levou a pensar sobre as condições de possibilidade para que um campo teórico ganhe corpo, afiliadas(os) e se consolide. A pesquisadora Ângela Arruda (2002) auxilia a pensar aqui sobre os campos de saber que são campos de disputa e por isso as teorias e as propostas dissidentes

¹⁸ Reportagem no link <http://imirante.com/brasil/noticias/2005/03/09/deputadas-chamam-declaracoes-de-lula-de-machistas.shtml>

¹⁹ Enfatizo que a frase foi sexista, sem com isto querer categorizar a pessoa como um todo. Foi no seu governo que mais se investiu nas políticas para as mulheres, além da criação de editais específicos no campo do gênero e da sexualidade, assim como, foi ele quem apoiou a candidatura daquela que seria a primeira Presidenta do Brasil.

não se instalam sem conflitos, lideradas por minorias ativas e favorecidas por transições paradigmáticas que abrem brechas para suas incursões.

Mayorga (2014) transita pelos diversos conceitos de pensadoras(es) caras(os) ao campo como Paulo Freire e a pedagogia do oprimido até chegar ao feminismo pós-colonial e interseccionalidades ponto em que me detenho mais. Pareceu-me importante registrar aqui as críticas que o feminismo pós-colonial tece à categoria gênero e os antagonismos que fervilharam nos debates entre feministas até chegar à criação da categoria interseccional. As diferenças que produzem desigualdades devem ser analisadas na raiz, ou seja, nos sistemas que as produzem e como estão em intersecção, afirma a autora. A noção de interseccionalidade é tomada como resposta à necessidade de se compreender a articulação das opressões em suas diversas formas, nas complexidades das sociedades contemporâneas. Uma posição orientada com a perspectiva feminista social se volta para a desnaturalização destas desigualdades presentes nos sistemas sexo-gênero, heteronormativo e racial.

A pesquisadora apresenta o feminismo pós-colonial como importante contribuição dentro dos debates no campo da epistemologia feminista. As principais referências do feminismo pós-colonial citadas por ela são: Ângela Davis, bell hooks, Glória Anzaldúa, Patrícia Collins, Sueli Carneiro e Thereza Santos; acrescento ao time, a antropóloga brasileira Lélia Gonzales. Outras causas com as quais o feminismo fez aliança são listadas: lutas abolicionistas, direitos civis das crianças e dos adolescentes, antimilitarismo, movimentos de mulheres, lutas por independência na África no século XX e contra as ditaduras militares. Este feminismo é trazido para o texto exatamente pela estreita relação com a interseccionalidade.

Kate Millet (1969) com política sexual, Gayle Rubin (1993) com sistema sexo-gênero e Carole Pateman (1993) com o patriarcado moderno apresentam sistemas de poder que são nomeados de forma distinta pelas feministas em questão. Graças a eles foi possível analisar as especificidades dos sistemas e seus efeitos sobre as mulheres. Ao traçar a história dos debates feministas Mayorga (2014) se refere às “feministas não-brancas norte-americanas” que se opuseram à teoria feminista e as primeiras concepções sobre gênero. A insatisfação com a categoria gênero e sua limitação para abarcar outras formas de opressão e dominação vivenciadas por diversas mulheres fermentou os debates, produziu cisões e a criação de coletivos com outras bandeiras de lutas. Segundo a autora as críticas à perspectiva de gênero postas pelo feminismo pós-colonial rechaçam a ideia universal de mulher, um falso universalismo de base, embasado por sua vez numa ideia de sujeito liberal-humanista,

autônomo e racional que excluiria as mulheres negras. Outra crítica está ligada a uma certa prescrição de gênero apontada pelas mulheres de terceiro mundo sobre o uso colonial da categoria pelo feminismo ocidental de primeiro mundo que as classifica de vítimas, submissas, escravas e primitivas. Neste sistema de colonialidade do gênero María Lugones (2014) intersecciona raça, gênero e colonialidade e produz uma teoria feminista não euro-centrada. O feminismo descolonial²⁰ traz uma crítica direcionada às teorias generalizantes que excluem mulheres com especificidades de raça e classe. As classificações carregadas de preconceitos acirram tensões entre feministas podendo promover cisões e assim impedir as coalizões.

Estes antagonismos que surgem nos movimentos de alguma forma são desafiantes quando chegam para a psicologia. Como trabalhar com as desigualdades sociais levando em consideração os inúmeros marcadores sociais dos sujeitos em estudo e intervenção sem entrar no que Mayorga (2014) chama de retórica das diferenças? Um dos princípios da psicologia social comunitária presente desde as décadas de 1960/1970 que a autora destaca é o reconhecimento do lugar de fala dos sujeitos. Se a psicologia não se utilizar de uma posição de contínua reflexividade, posição em pesquisa que implica que a(o) investigadora(o) explicita e revele suas posições e interpretações, evidenciando os valores implicados na sua perspectiva de análise, sem abandonar a perspectiva da neutralidade não terá condições de assumir um compromisso social engajado.

Aproximo-me da psicologia social crítica, vertente mais aberta aos estudos feministas por meio de Borges (2014). A autora afirma que os discursos destes estudos no âmbito da psicologia acadêmica contemporânea ainda são considerados marginais. Destaca as zonas de comunidade entre o movimento feminista e a psicologia social crítica: o caráter político do conhecimento e da ação social; a busca pela transformação e o compromisso social. Esta autora desdobra o conceito de reflexividade ou posição reflexiva colocando-o como uma alternativa possível de produzir conhecimento.

Para tratar da categoria gênero e sua historicidade as pesquisadoras, Maria Juracy Toneli Karla Adrião, Juliana Perucchi (2013) se basearam no feminismo anglo-saxão e se apoiaram em muitos autores e autoras do hemisfério norte. Para apontar a influência do feminismo no enfraquecimento dos modelos patriarcais que ditavam as normas sociais e políticas assim como

²⁰ Os três modos distintos de nomear este feminismo, pós-colonial, descolonial e decolonial indicam diferenças entre eles. Para uma leitura mais aprofundada recomendo o link do artigo <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf>

a performance da ciência positivista, quatro pensadores de peso foram alavancados: Stuart Hall; Manuel Castells; Anthony Giddens e Boaventura Souza Santos. Teóricas feministas não poderiam dar conta desta questão? Donna Haraway, Judith Butler, Conceição Nogueira foram citadas, no entanto, neste ponto que se propunha a *valorar* o feminismo a tarefa foi atribuída aos pensadores. Resta a dúvida se eles se posicionam a partir de uma perspectiva feminista, o que a meu ver, faria mais sentido. A articulação entre teoria e política é analisada pelas autoras no campo feminista brasileiro. Atentam para a força que esta articulação ganha na academia criando uma posição crítica. Partem do entendimento de que para se produzir ciência feminista ou pesquisa científica feminista a posição que se assume é politicamente comprometida. Associam o debate feminista com a produção de conhecimento buscando sua integração. Na introdução do artigo há um pequeno histórico apresentado pelas autoras sobre o feminismo que não contempla a história do feminismo brasileiro, embora as autoras se proponham a analisar o campo feminista brasileiro.

A categoria gênero e seus impactos nos campos teóricos e políticos promovem problematizações para as metodologias e também para a psicologia social. Sandra Azerêdo (1998) enfatiza a diferença que faz o gênero na Psicologia que ela considera proporcionar um lugar não disciplinar na disciplina. Ao circunscrever os eventos do feminismo, assim como a história da psicologia social no Brasil, a autora Arruda (2000) descreve a crise da psicologia social que estava se dando na Europa enquanto no Brasil o campo se encontrava ainda numa torre de marfim. Vertentes começam a reclamar um resgate das raízes locais e uma independência da psicologia norte-americana para deixar de importar problemáticas que não eram nossas, abandonar o positivismo obrigatório e a crença na neutralidade científica. A entrada da categoria gênero nas ciências sociais e a abertura da psicologia em relação a estes estudos coincide com sua crise, mesmo não incidindo na totalidade do campo psicológico. Para a autora, embora a entrada da categoria tenha produzido mudanças de enfoque e de direção da pesquisa, não encontrou no Brasil uma sistematização, nem o mesmo protagonismo que em outras partes do mundo em outras ciências sociais. A teoria feminista não é uma entidade teórica acima das realidades da vida. Além dela que emerge das revoluções feministas outras revoluções têm lugar (tecnologias eletrônicas, revolução ecológica, política, paradigmática, queda do muro de Berlim) assim novos tempos e muitas mudanças compuseram uma transição paradigmática a exemplo das ciências “duras”.

A categoria gênero adquire seu caráter atual a partir dos trabalhos de Gayle Rubin em 1975 e Joan Scott em 1980. O paradigma anterior não desaparece, ideias em oposição se afirmam, novas propostas não criam unanimidade, há um encontro com o corpo de conhecimentos científicos e isto tudo caracteriza a instabilidade da categoria. Feministas questionam a categoria mulher universal. A escolha de objetos de estudo e metodologias que não eram consagradas contrariam o cânone vigente – preferência pelas metodologias voltadas para a escuta dos sujeitos, interesse nas experiências e como eram relatadas tomando o saber como legítimo. Célia Amorós (2008), filósofa espanhola, afirma que a teoria feminista faz jus à raiz etimológica grega, segundo a qual, teoria significa fazer ver e visualizar. Assim, tem como atribuição própria lançar luz em uma série de fenômenos que são invisíveis ou que foram percebidos de modo distorcido a partir de outras direções do pensamento. As feministas, diz a autora, buscam que se construa uma nova forma de sensibilidade social que não aceite como óbvia, certas designações como as de crime passionai para os assassinatos de mulheres, como há algumas décadas se fazia com plena legitimidade social.

Os alvos das críticas das teóricas feministas segundo a pesquisadora Arruda (2000) são a falta do contexto cultural, social, histórico, normativo e emocional na pesquisa na psicologia individualista norte-americana. Atacam severamente os dualismos: natureza/cultura; razão/emoção, objetividade/subjetividade, mente/corpo, abstrato/concreto, no pensamento ocidental moderno. A presença destas críticas traz renovação à psicologia. São inúmeras as teorias feministas que passam da mulher universal para o estudo das identidades múltiplas ou nômades, da insistência à desistência do interesse no gênero. O trânsito das teorias feministas e da categoria gênero ultrapassa fronteiras disciplinares incluindo a filosofia. A autora chama atenção ao fato de que a difusão da categoria gênero e o seu uso por obrigação (quando incluída em projetos para que fossem financiados) promove um empobrecimento da categoria com a perda da sua densidade. Também corre o risco do “modismo”, fragmentação e perda da sua força explicativa quando descontextualizada e destacada da teoria que a origina e lhe dá sentido pelos trabalhos que a reivindicam.

2.2.3 Psicologia feminista, definições e caracterizações

A pesquisadora Borges (2014) apresenta autoras(es) que afirmam não ser possível se falar em psicologia feminista e sim em abordagens feministas e estudos de gênero. A autora não

apresenta definições da vertente apenas afirma que a área mais aberta a estes estudos é a psicologia social crítica e que os discursos destes estudos no âmbito da psicologia acadêmica contemporânea ainda são considerados marginais. Inclino-me a pensar mais como as autoras Narvaz e Koller (2007b) quando afirmam que a psicologia feminista está inscrita na corrente anti-hegemônica de outros discursos.

Flávia Timm, Ondina Pereira e Daniela Gontijo (2011) procuram articular a escuta clínica em psicologia com o feminismo. Mais ao fim do texto se referem a uma proposta de psicologia feminista sem definir a vertente especificamente. Explicitam a proposta de uma metodologia de atendimento engajada e politizada para o atendimento às mulheres em situação de violência. As pesquisadoras chamam atenção para a negligência do campo psicológico sobre as hierarquias de gênero. Acusam as metodologias utilizadas de atomizarem o sujeito e o fragmentarem frente às dicotomias vítima/agressor por exemplo. Falam das práticas clínicas psicológicas que “nascem sem elaboração crítica androcêntrica” (TIMM, PEREIRA E GONTIJO, 2011, p.253).

Faço uma observação ao que se quer dizer com “androcêntrica”. De acordo com Nogueira (2017) no início do século XX os homens estavam dominando a psicologia científica que estava nascendo nos Estados Unidos. Esta disciplina projetou os valores desta nova geração de homens. Cabe dizer que embora algumas psicólogas neste período não tenham desafiado este viés androcêntrico há as que foram sensíveis à experiência das mulheres tais como Leta Stetter Hollingworth, Helen Thompson Wooley, Goergene Seward e Naomi Weisstein²¹ (RUTHERFORD, Alexandra 2012).

Penso quais abordagens seguem este padrão que as pesquisadoras criticam e me pergunto se não há práticas que rompam com estes modos. O atendimento individual pode considerar o mundo social/relacional que “entra” na sala de atendimento quando verbalizado pelas mulheres e é preciso convocar a perspectiva feminista para que isto aconteça de acordo com as autoras. A extensão do problema da violência contra as mulheres, segundo elas, demanda esforços maiores e um olhar crítico sobre a manutenção do patriarcado, a presença do capitalismo, a herança burguesa e cristã a que estão submetidas(os) e o etnocentrismo que impregna nossas teorias. As autoras criticam fortemente a busca que é endereçada à psicologia

²¹ Para uma leitura mais detalhada das contribuições destas pesquisadoras para a psicologia feminista sugiro o trabalho de Rutherford (2012).

por alguém que possa falar por elas (as mulheres) e que entendam suas psiques. Mas que psicologia responde a isto? Não cabe a própria psicologia assumir o deslocamento desta indagação colocada pelas pessoas que buscam o saber psi com tal demanda? Se as mulheres se sentem culpadas pela escolha da relação ou pelo descontrole do companheiro, como é posto pelas autoras, faz parte da abordagem psi e da profissional envolvida recolocar a questão. Não seria mais o caso de se construir uma aliança entre o saber psi clínico e o saber psi social para que não se aposte nem na centralidade da personalidade ou na ideologia da intimidade, mas sim em pontes entre trabalhos diferentes? As autoras também afirmam que a comunidade acadêmica manifesta interesse em estudos sobre as características psicológicas das mulheres agredidas ou dos agressores e que os estudos que se voltam para a análise das estruturas que mantêm estas ideologias patriarcais ficam marginalizados, no entanto, não localizam sobre qual comunidade acadêmica estão se referindo.

Perucchi, Filgueiras e Galvão (2013) definem a psicologia feminista como sendo a ciência psicológica que se posiciona numa linha de ação ativamente anti-sexista e defensora da igualdade na valoração das experiências de mulheres e homens aos olhos do conhecimento científico. Reconhecem que no Brasil é uma vertente pouco conhecida assim como na América Latina. No entanto, os Estados Unidos, o Canadá e alguns países da Europa (Portugal, Espanha e Inglaterra) são citados como localidades onde a psicologia feminista é bem ativa. Acrescentam também que a vertente não só compreende a situação feminina como também os sistemas de classificação que geram opressão tais como raça, orientação sexual e classe.

O texto de Narvaz e Koller (2006b) situa a pesquisa feminista em diversos aspectos: metodologia; problemáticas do feminismo; epistemologias feministas; terapias feministas. As autoras comparam a psicologia feminista com a psicologia tradicional. Cabe aqui problematizar e ampliar a discussão destas autoras: o que elas definem como psicologia feminista e de que psicologia tradicional estão falando? A psicologia feminista a que se referem só trata do contexto social e desconsidera o intrapsíquico? Que vertente do feminismo a compõe? As autoras vão se referir ao que denominam terapias tradicionais a uma ala da psicologia que se pretende apolítica e que recorre a construtos intrapsíquicos para compreender o sofrimento psíquico; buscam o ajustamento; a normatização e normalização dos indivíduos e das famílias a papéis tradicionalmente prescritos. Do outro lado está a terapia feminista focalizando o contexto social, as desigualdades e opressão como origem das dificuldades individuais e familiares; problematizando papéis e normas; validando o saber individual das(os)

pacientes/clientes; valorizando as diversidades; reduzindo diferenças de saber-poder. As pesquisadoras dicotomizam estas disciplinas e não exemplificam as especialidades dentro da área do que elas chamam de tradicional. Também não apresentam outras vertentes psicológicas que não sigam a lógica tradicional, como a psicanálise (ou psicoterapia) reichiana considerada alternativa e um saber dissidente da psicanálise. No Brasil explodem na década de 1980 as terapias corporais a reboque do movimento da contracultura que seguem uma postura teórico-política mais explícita como afirma Jane Russo (2002). A psicologia feminista que situam historicamente desde a sua fundação é referenciada na produção acadêmica estadunidense.

A tese de doutorado de Nuernberg (2003) fez oito referências ao descritor *psicologia feminista*. O objetivo desta vertente, segundo ele, é contribuir para as mudanças nas realidades das mulheres por meio da produção de saberes que transformem as percepções sobre as mulheres e permitam a superação de sua situação de subordinada. Pluralizei o termo mulher por entender que a categoria é multifacetada, deixá-la no singular seria incoerente com a diversidade de mulheres que ela representa. O pesquisador apresenta inúmeras psicólogas feministas de considerado destaque: Carolyn Sherif, Rhoda Unger, Mary Crawford, Mary Parlee, Kathleen Grady, Michelle Fine, Rachel Here-Mustin e Jeanne Marecek. Duas destas autoras produziram uma obra importante chamada *Woman and gender: a feminist psychology* que são Mary Crawford e Rhoda Unger. Este livro representa uma síntese dos 30 anos de produção da psicologia feminista norte-americana, um campo voltado para a crítica aos vieses sexistas e androcêntricos da psicologia e a análise dos estereótipos sobre as mulheres baseado no pressuposto da construção social das diferenças de gênero. Temas relevantes desta perspectiva são os processos de gênero relacionados à saúde das mulheres, a questão das violências e o trabalho. O autor se apoia em diversas (os) autoras(es) de onde extrai estas considerações sobre a psicologia feminista.

No contexto Europeu, sem especificar onde, o autor afirma que as reflexões feministas foram absorvidas mais rapidamente pela psicologia clínica e pela psicologia do desenvolvimento. Argumenta que isto se deu pela necessidade da discussão subjetiva pela psicologia clínica e a importância das diferenças sexuais para a psicologia do desenvolvimento. Outro aspecto tratado pelo autor sobre a psicologia feminista é a diferença da resolução histórica desta vertente na versão anglo-americana que se guetizou no interior da psicologia comparada ao campo de estudos sobre a mulher e gênero na psicologia brasileira que se situou num campo interdisciplinar da psicologia social.

O autor argumenta que o feminismo brasileiro adotou uma postura moderada de integração e não de radicalidade e ruptura. Esta característica favoreceu a entrada dos estudos de gênero na academia em contextos já consolidados como a psicologia social. Ele entende que a psicologia feminista no Brasil não assume esta denominação, mas estudos de gênero que entram no campo se somando ao jogo de forças existentes para formar uma nova psicologia social brasileira. Um dado interessante que o pesquisador oferece é a respeito das acadêmicas que trabalham com estudos de gênero e são entrevistadas em sua tese. Elas não se referenciam à psicologia feminista anglo-americana embora os pressupostos desta vertente tenham muita relação com o seu pensamento e com os temas de suas pesquisas. De todas as pesquisadoras brasileiras entrevistadas a única que afirmou se utilizar da psicologia feminista anglo-americana em seu referencial teórico, foi Marlene Strey que citou Rhoda Unger. As possíveis explicações que o pesquisador apresenta estão ligadas ao período entre 1980 e 1990 quando a psicologia social brasileira está em pleno fortalecimento de sua identidade latino-americana evitando deixar-se influenciar por teorias do hemisfério norte. Outra explicação está relacionada às referências teóricas de gênero que as entrevistadas utilizam e que ora são de campo disciplinar diferente do de origem, ora de campos interdisciplinares. Na tabela onde o pesquisador reúne dados sobre as entrevistadas, consta que algumas tiveram experiência como militantes e outras não. Elas transitam por vários campos e não somente no seu de origem conforme a característica de pesquisadoras e pesquisadores do campo feminista o fazem. Entre as falas das pesquisadoras são citadas as divisões disciplinares entre elas em referência aos grupos de trabalho da ANPEPP. Nestas divisões ficam demarcados os posicionamentos dicotomizados das que se consideram “mais pesquisadoras” por um lado e as “mais feministas” por outro. Se a psicologia feminista foi absorvida como aposta o autor onde estarão seus rastros?

Em sua dissertação de mestrado a pesquisadora Renata Stelmann²² (2007) aponta que as psicólogas feministas têm estudado a experiência de mulheres e meninas em diversos contextos: contexto privado, políticas sociais, violência contra as mulheres, homossexualidade feminina. Estes estudos têm sido considerados pelas(os) autoras(es) em que a autora se apoia como estudos específicos que se afastam do campo principal (tradicional) da psicologia que segue os procedimentos da pesquisa empírica com criação de hipóteses, utilização de testes de

²² No capítulo 3, intitulado Psicologia de gênero dentro do subtítulo 3.2.1 O desafio da psicologia feminista.

probabilidade e análise estatística para quantificar. As psicólogas feministas começaram a utilizar outros modos de investigação e prática.

Como outras autoras nesta análise preliminar, Stelmann também aponta a marginalização dos estudos psicológicos feministas. Fundamenta tal afirmação no número irrisório de citações de textos feministas nas obras do campo principal da psicologia em comparação ao número de citações destes nos trabalhos feministas. Os estudos feministas são pouco mencionados em livros introdutórios de psicologia. A autora torna o quadro ainda mais sombrio ao citar estudos que afirmam que muitos livros base de psicologia se apoiam em estudos de gênero severamente criticados e abandonados. A perspectiva política presente nos estudos feministas é alvo de críticas por parte de algumas psicólogas(os) e é problematizado pelas(os) que afirmam que a não inserção da política na ciência é considerada como um ato político. As(os) críticas(os) da perspectiva política com crença inabalável no método científico e na ciência física como seu ideal desprezam todo e qualquer trabalho que não gere dados, sendo seus alvos os trabalhos críticos da filosofia da ciência, da teoria feminista e do pensamento pós-moderno. Este texto não contextualizou geográfica nem historicamente a vertente da psicologia feminista, não a definiu, nem a cercou das teóricas que a utilizam, mas ainda assim trouxe alguns pontos que outros textos não tinham abordado.

2.2.4 Psicologia clínica, psicanálise e terapias feministas de família

Em seu artigo *Epistemologia feminista, gênero e história* Margareth Rago (1998) se propõe a refletir sobre o movimento de constituição de uma, ou várias epistemologias feministas ou de um projeto feminista (alternativo) de ciência. A história e a historiografia e a sua relação com as críticas feministas e um outro modo de produzir ciência e conhecimento são colocadas para dialogar neste artigo. Há uma única referência à psicologia como sendo uma das áreas por onde o pensamento feminista passou e se desenvolveu para depois produzir reflexões filosóficas a respeito de sua operação conceitual. A outra referência que se faz ao campo psi é sobre a psicanálise para exemplificar os diferentes campos de produção do conhecimento científico que incorporaram questões feministas; para situar o feminismo e sua participação na ampla crítica cultural de outros campos dentre eles a psicanálise; na incorporação pela história social de uma dimensão mais subjetiva e a sua aproximação com a psicanálise para lidar com os conceitos de dimensão mais simbólica tais como o imaginário social e as representações sociais que estavam em circulação ganhando positividade nesta área antes dominada pelo marxismo.

Quando escrevi *Porque não somos todas feministas?* (SALDANHA, Marília; SCARPARO, Helena; STREY, Marlene, 2013) estava instigada a pesquisar a questão dos preconceitos e estereótipos que cercam o feminismo, as ativistas que aderem a ele e as psicólogas feministas. Já tinha sido apresentada à vertente da psicologia feminista e tomava como dada a sua existência. Ao longo do artigo não me preocupei em trazer definições para a disciplina em questão, posto que naquele momento não estava problematizando sua existência. São trazidas também as contribuições que o encontro entre psicologia clínica e o feminismo produzem para o enfrentamento à violência contra as mulheres, assim como das terapias feministas de famílias. São elas: escuta crítica de gênero e intersecções com raça, etnia e classe; posicionamento político na luta a favor da emancipação feminina e desnaturalização das violências contra as mulheres. Dentro da abordagem feminista de família, ao considerar as interações de seus membros há uma aposta na igualdade relacional e uma desconsideração da experiência masculina enquanto norma ou referência; posicionamento contrário à normatização patriarcal hegemônica. A psicologia feminista impregnada de um dos clássicos pressupostos da epistemologia feminista assume um outro modo de fazer ciência. O propósito principal foi o de seguir a sugestão da autora Rago (2001) de se construir um mundo filógino no qual as mulheres sejam menos hostilizadas e as tentativas para o seu aniquilamento encontrem barreiras efetivas de erradicação.

Marcela Fideles e Luc Vandenberghe (2014) no artigo *Psicoterapia Analítica Funcional feminista: possibilidades de um encontro* partem das vivências da autora em supervisões clínicas em Psicoterapia funcional analítica (FAP) na abordagem de temas feministas que surgem nas sessões com as(os) clientes. A autora e o autor localizam alguns pontos de convergência entre os dois estilos clínicos: terapia feminista (TF) e psicoterapia analítica funcional (FAP). Sua compatibilidade destacou-se quanto ao manejo da relação terapêutica, à inclusão de elementos sociais e culturais, à ênfase sobre a aquisição de habilidades para modificar o ambiente, ao fato da(o) terapeuta e a(o) cliente assumirem seus valores e sentimentos, e à validação da vivência emocional da(o) cliente em vez da tentativa de modificá-la. As qualidades do estilo clínico das duas abordagens são muito próximas. Porém, seus registros conceituais se baseiam em sensibilidades diferentes: a pragmática clínica para a FAP e os valores políticos para a TF.

A psicologia feminista de que tratam no texto é a abordagem clínica, ou seja, psicoterapia feminista, mas não a definem, nem esmiuçam sua composição. Afirmam que a

junção das duas abordagens, TF e FAP pode produzir uma visão clínica mais ampla e é considerada também pela autora e pelo autor como uma estratégia viável para o acolhimento de temas de gênero na atuação clínica. Para abordar a terapia feminista, a pesquisadora e o pesquisador se apoiam em obras de Conceição Nogueira e da literatura norte-americana. Na descrição do seu método de pesquisa a autora e o autor constata a escassa produção de gênero nos textos da abordagem psicoterápica em questão (FAP). Alertam para a necessidade de uma maior atenção nos posicionamentos feministas na teorização psicoterápica. Um aspecto que chamou a atenção foi sobre a discussão a respeito do comportamento assertivo das mulheres. Ao explanarem sobre como a(o)terapeuta pode ajudar no processo de partilha igualitária de direitos e deveres de clientes com “seus parceiros” partem do pressuposto de que as relações são heterossexuais. Narvaz e Koller no artigo (2007) *Feminismo e terapia: a terapia feminista da família - por uma psicologia comprometida* situam o surgimento da psicologia feminista em 1970. Definem a terapia feminista como sendo uma vertente de terapia de família, uma prática terapêutica comprometida com a mudança social e com o empoderamento das mulheres na medida em que se opõe à normatização patriarcal hegemônica na sociedade e à definição tradicional e estática de papéis e relações familiares baseadas em estereótipos sexistas. Re-localizam a gênese das dificuldades individuais nos processos e relações intersubjetivas trocando os primados dos construtos intrapsíquicos pelos fatores contextuais. O que me pergunto: porque trocar e não incluir?

Descrevem os cruzamentos de disciplinas, saberes, influências do construcionismo e do pós-modernismo em algumas escolas em diversos lugares do mundo, além de explicarem conceitos como a reflexividade valorizada no sistema terapêutico. As autoras explicitam os incômodos das/os terapeutas de família que se tornaram os motores da realização de conferências e formação de grupos de discussão para o questionamento da negligência dos aspectos de gênero e androcentrismo na terapia familiar. Também ressaltam que o foco da terapia feminista de família é a inclusão das questões de gênero e não a criação de uma nova terapia.

Produzem sete críticas feministas às terapias sistêmicas tradicionais: não consideram as diferenças de poder dentro da família; negligenciam os aspectos de gênero; não problematizam os papéis familiares mantendo-os estáticos e binários e a ordem patriarcal intocada; pautam-se em valores androcêntricos tais como poder, hierarquias e busca de autonomia do indivíduo dentro da família desprezando outras conexões relacionais tais como busca de intimidade e

cuidado (em geral atribuídas às mulheres); idealizam a função paterna e culpabilizam as mães sem problematizar as posições de gênero; desconsideram as questões de gênero nas formações e supervisões e as especificidades vivenciadas pelas(os) terapeutas como se estas(es) não tivessem gênero regendo seus comportamentos; pelo não-questionamento da instituição familiar em relação aos aspectos de sua construção nas sociedades o que contribui para manutenção das desigualdades de gênero e da opressão feminina.

Mara Lago (2010) traz a psicanálise para a conversa com o feminismo, por meio de algumas psicanalistas tais como Nancy Chodorow; Emilce Dio Bleichmar; Janine Smirgel; Juliet Mitchell e Jane Flax. Estas autoras refletem simultaneamente influências no texto sobre a psicanálise, feminismo, gênero, história, antropologia e marxismo. Vale ressaltar que Juliet Mitchell é uma teórica feminista que na posição de psicanalista promove o encontro do feminismo e os estudos de gênero com a psicanálise. Também faz parte desta conversa, a historiadora Joan Scott e seu clássico texto: *Gênero uma categoria útil para análise histórica* publicado em 1990. Estudo considerado fundamental para os estudos de gênero por ser uma primeira aproximação com a psicanálise.

Há outras psicanalistas francesas feministas presentes no artigo: Julia Kristeva, Hélène Cixous, Luce Irigaray. Há também Jane Flax, norte americana que transita entre feminismo, psicanálise e pós-modernismo. Lago chama atenção para a lacuna existente na literatura acadêmica de gênero no Brasil, evidenciada quando da publicação de uma coletânea organizada por Teresa Brennan que traduziu autoras pouco traduzidas no nosso país. Segundo a pesquisadora, provavelmente Judith Butler é a autora mais traduzida e discutida nos estudos de gênero atualmente pelas propostas conceituais que tem produzido na desconstrução das identidades de gênero, pela sua concepção de gênero performativo e pelos níveis elevados de reflexão na discussão com os escritos psicanalíticos. Influências de mão dupla são apontadas por Lago entre psicanálise, as teorias e os movimentos feministas. Debates envolveram o feminismo com Freud e depois com as formulações de Lacan. O artigo se deteve essencialmente na questão da importância das traduções e viagens das teorias na promoção dos diálogos trans e interdisciplinares.

2.2.5 Epistemologias feministas e as críticas à ciência

Em seu artigo, *Feminismo, gênero e representações sociais*, a pesquisadora Arruda (2000) afirma que o projeto (e seus eixos) da epistemologia feminista tem três temas

importantes que podem receber traduções diferentes: reintegrar valores e emoções presentes na produção do conhecimento realizado pelas mulheres; solapar a ideia abstrata, racionalista e universal do trabalho científico; dissolver as bipolaridades. Duas perspectivas são apresentadas pela autora: a) uma que resgata mais a representação da mulher, feminidade, emoção, corpo com nova roupagem cultural; b) outra, ligada à instabilidade com o contorno mais borrado das identidades. Duas grandes linhas atravessam o projeto: o universalismo (herança do iluminismo) e o diferencialismo (pós-moderno). A primeira afirma a necessidade de incorporar todas sob as bandeiras de uma e para a segunda não há uma nem duas e sim o movimento de diferir. O projeto tem seu ponto de partida nos pensamentos que brotam do movimento feminista sendo sistematizado na academia, possui uma visada política com íntima contestação de poder.

Pela ótica da historiadora Rago (1998) o próprio projeto feminista de ciência é em algum nível considerado alternativo. A autora aponta que no Brasil não há certezas sobre uma teoria feminista do conhecimento, um tema que para ela é pouco debatido entre as próprias feministas. O que há é um debate que já vem pronto, traduzido pelas publicações de autoras do hemisfério norte. Se há um feminismo dos trópicos parece interessar pouco, pois as urgências sociais não permitiriam este tempo para indagações de cunho filosófico (mas não diz exatamente quem profere tal questão). Isto me leva a pensar o quanto esta questão serve para fermentar resistências na psicologia que dificultam a abertura aos estudos de gênero em suas grades curriculares. A emoção é uma dimensão resgatada pelo pensamento feminista que traz a subjetividade como forma de conhecimento e isto se opõe ao conhecimento objetivo das Ciências naturais que é herdado pelas Ciências Humanas. Aqui se encontra uma das encruzilhadas onde se posiciona o campo psicológico e suas dissidências.

O feminismo propõe uma nova relação entre teoria e prática e clama pelo envolvimento do sujeito com o objeto que rompe com o isolamento da(o) cientista. Assim a pesquisadora me leva a pensar no feminismo como água que se vai infiltrando nos diversos campos de conhecimento convocando à mudanças. Lembro de dois artigos recentes que adjetivam suas disciplinas: *Estudos de gênero: uma sociologia feminista?* da Lucila Scavone (2008) e *Antropologia feminista: o que é esta antropologia adjetivada?* de Alinne de Lima Bonetti (2006). As ciências sociais ainda se interrogam sobre suas vertentes com sobrenome feminista. E a psicologia brasileira parece não fazer o mesmo.

A pesquisadora Azerêdo (2010) descreve o que chama de ponto cego nas teorizações em psicologia que é a dificuldade de levar em conta os processos de subjetivação que nos constituem em conjunto com o político. Ela identifica um movimento de abertura para a mudança e um movimento de resistência concomitantes que aparecem mais nitidamente na graduação e principalmente na pós-graduação, nas aulas de psicologia social. Para ela, isto está associado com a encrenca que gênero produz. Ela ilustra com três casos de aluna e aluno que interromperam suas orientações com ela porque não suportaram lidar com as questões impostas pela categoria e procuraram outra professora que não lidasse com o que ela chama de *encrenca de gênero*.

Louise Bandeira (2008) aborda as críticas feministas dirigidas à ciência e também as contribuições das mudanças com o acesso das mulheres à academia. A autora sublinha que as feministas não inauguraram este tipo de crítica já realizada por outros grupos e apresenta a especificidade destas. Embora a psicologia seja uma ciência e alguns saberes sejam citados pela autora, o único momento em que a disciplina é mencionada em seu artigo é numa referência ao passado em que a exclusão das mulheres no campo científico foi justificada por argumentos ancorados na fisiologia e na “psicologia femininas”. A autora não relaciona diretamente os descritores – psicologia e feminismo – mas suas análises sobre a crítica feminista são destacadas aqui. A pesquisadora alerta para as resistências ainda existentes no campo científico contrárias a presença de mulheres. Segundo ela isto deriva de uma produção científica historicamente construída e considerada como um domínio reservado aos homens. Isto se evidencia quando se observa o número sempre menor de mulheres do que homens nos postos de maior poder. Estas resistências provavelmente se intensificam quando as produções partem de perspectivas e de pesquisadoras auto declaradas como feministas.

Denise Rodrigues Prehn e Simone Hüning (2005) afirmam que o feminismo ganha legitimidade no meio acadêmico por meio de suas críticas contundentes ao positivismo da ciência trazendo contribuições importantes ao modo de fazer e pensar a ciência moderna. Produz reacomodações, desconstruções e reconstruções teóricas e isto tudo promovido pelos *teóricos feministas*. A linguagem sexista aparece nesta produção mesmo ao se referirem ao que provavelmente se constituiu numa maioria de mulheres ativistas e pesquisadoras feministas, a escrita não foi feminizada. Este artigo foi produzido em 2005, talvez neste período não estivessem tão divulgadas novas “normas” como as sugeridas para uma linguagem não-sexista

no manual²³ lançado em 2014 com inspiração no manual da Red de Educación Popular Entre Mujeres de Latinoamérica y Caribe – REPEM-LAC. As pesquisadoras explanam sobre o desassossego produzido na psicologia com a entrada ativa do feminismo e suas críticas às verdades psicológicas e os efeitos destas no contexto social. Intimidada a psicologia se vê diante de desafios impostos pelo feminismo. Será que a despatologização da situação feminina pela psicologia está tão consolidada como colocam as autoras? Será que a psicologia desmistificou realmente o espaço familiar como íntimo e idílico? Estas alterações seriam algumas mudanças ocorridas, mas elas não detalham quais ramificações da psicologia teriam aderido. Para as autoras a psicologia passou por meio da categoria gênero a assumir um compromisso maior com o público, com o social e consequentemente com o político.

2.3 Fora do campo acadêmico

No processo de pesquisa junto às autoras que reivindicam o objeto psicologia/psicoterapia feminista e em falas de interlocutoras e interlocutores que apresentam seu modo de articular os campos em questão, fui percebendo também o que vem sendo produzido fora do campo acadêmico. Algumas jovens ativistas da comunidade da Marcha das Vadias nas redes sociais e também algumas pesquisadoras-ativistas em alguns encontros do GT Estudos de Gênero ANPUH/RS que participei no ano de 2015 manifestaram seu interesse em psicoterapia feminista. Alegavam um certo descontentamento experimentado em processos de psicoterapia com psicólogas que não consideravam as questões de gênero em suas análises. De modo similar, na minha experiência em consultório, atendi mulheres que apresentavam como justificativa para mudar de psicoterapeuta, a ausência de uma escuta crítica de gênero por parte de profissionais com quem estabeleceram vínculos anteriores. No mesmo ano de 2016 recebo um e-mail de uma psicóloga especialista em violência doméstica pedindo-me outras referências teóricas sobre psicologia feminista após ler meu artigo *Pontos de intersecção: psicologia, feminismo e violências* (SALDANHA, 2013). A profissional estava fazendo uma revisão de literatura para organizar um projeto de pesquisa qualitativa, relacionado ao que ela nominava de empoderamento feminino.

No Rio de Janeiro em 2015, Caroline Pombo (psicóloga com abordagem fenomenológica) e Ana Cruz (gestalt terapeuta) produzem um curso presencial e à distância que

²³ Lançado pelo então governo do RS (Tarso Genro).

denominam *Grupo de estudos de psicologia feminista via hangout*²⁴. Na região de São Paulo há um projeto de autogestão feminista denominado *Ártemis*²⁵ *psicoterapia feminista* de uma psicóloga/psicoterapeuta que atende em consultório e à domicílio. Sua clínica como a própria profissional descreve “foge ao modelo rígido padrão, é anti-psiquiatria e questiona a tradição misógina na Psicologia” é direcionada para o atendimento de mulheres lésbicas. Dispersas assim no campo brasileiro da psicologia clínica, práticas relacionadas a esta psicologia híbrida vêm sendo afirmadas e demandadas.

2.4 Reflexões pós-estudo exploratório

Ter me deparado com uma escassez de material nos periódicos feministas faz eco com o que afirmam Nuernberg et al (2011) sobre o fato da Psicologia ter muito pouca representação nas revistas REF e cadernos pagu quando comparada com a Antropologia, Sociologia e Ciência política. Estes mesmos autores e autora também nos situam em relação à psicologia feminista ao dizer que esta vertente tanto como uma área institucionalizada da pesquisa, quanto prática não existe no Brasil. Respaldam esta informação na pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que é responsável pela regulação e avaliação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Nesta pesquisa nenhum dos 64 programas de pós-graduação em Psicologia incluiu os termos *feminismo e psicologia feminista* nos títulos de suas áreas de especialização ou linhas de pesquisa. Diferente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar sobre Mulheres, Estudos de Gênero e Feminismos da Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM) o primeiro nessa temática no país e na América Latina, mas que não está vinculado ao curso de psicologia. No website do Diretório de grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que é responsável pelo financiamento de pesquisa e bolsas de estudo no nosso país em 281 grupos de pesquisa de psicologia o resultado foi similar, ou seja, nenhum incluiu o termo *psicologia feminista* (NUERNBERG et al, 2011).

Na seção de artigos temáticos com Lago (2010) pude me situar parcialmente sobre a marginalidade das produções psis na Revista Estudos Feministas. A autora entende que a

²⁴É uma plataforma de mensagens instantâneas e chat de vídeo desenvolvido pelo *google*. <http://maetempo.net/2015/09/03/psicologia-feminista-grupo-de-estudos-com-inscricoes-abertas/>

²⁵ <http://psicoterapiafeminista.tumblr.com/>

Psicologia embora seja uma área internacionalmente consolidada no âmbito dos estudos de gênero e feministas mantém 4%²⁶ apenas de produção no periódico por alguns motivos que ela descreve a seguir. Supõe que as pesquisadoras da área psi têm direcionado suas produções (inclusive as de gênero) para publicação em revistas da sua área de atuação enquanto as psicanalistas para os periódicos de seus grupos institucionais. A autora reconhece que está havendo um movimento de mudança por parte das(os) psicanalistas que estão publicando também em periódicos voltados para a área da Psicologia. Estes aspectos não parecem ser suficientes para explicar este estatuto da psicologia no periódico. Em nenhum dos cinco trabalhos presentes nesta seção temática que tratam de gênero, feminismo, práticas clínicas, teorias psicológicas e pesquisas no campo psi há alguma referência à psicologia feminista.

Ao tatear o campo acadêmico para procurar a psicologia feminista no Brasil cheguei noutra questão. Como esta vertente não atingiu os patamares de positividade científica para ser legitimada e por conta disto, sua marginalização acadêmica é reiterada nos apontamentos das(os) autoras(es) citadas(os) – a questão que restou é: onde ela se encontra? Fui buscar como uma arqueóloga o que não está ali. Na psicologia não encontrei o feminismo (não de modo explícito) e a questão que se coloca é porquê? Está noutro lugar? Seria impossível estar ali presente?

Aspectos históricos relevantes como a ditadura na história brasileira (e na América Latina) podem ter contribuído para um retardamento do encontro entre a psicologia e o feminismo. O “grupo de 1972” composto por feministas universitárias da elite brasileira e a tímida entrada do feminismo na academia nesta época ou a não priorização deste grupo em introduzi-lo na sua pauta são problematizados pela feminista Costa (1988). Na história da psicologia social Silvia Lane foi uma das primeiras ícones a demarcar o território de uma psicologia social de orientação marxista com seus célebres livros: *O que é psicologia social* e *Psicologia social: o homem em movimento* o que também pode ter mantido o espaço apertado para incluir uma psicologia adjetivada como feminista. O marxismo com seus discursos de luta de classes, naquele período teve condições de possibilidade certamente mais favoráveis e foi mais absorvido pela psicologia social como afirma a pesquisadora Ana Bock (2014). Houve também as influências das(os) exiladas(os) políticas(os) da Argentina no Brasil que como a

²⁶ Resultado de uma pesquisa publicada em 2004 pelas autoras Débora Diniz e Paula Foltran em: “Gênero e Feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas” Revista Estudos Feministas v 12, n. especial p 245-253.

autora anuncia trouxeram para cá outros posicionamentos que afetaram a psicologia e a psicanálise produzidas no território brasileiro.

3 ENSAIO ARQUEGENEALÓGICO

Para entender meu objeto de estudo venho utilizando como operadores conceituais a categoria gênero; a psicologia enquanto saber historicamente produzido e culturalmente contextualizado e o feminismo enquanto uma categoria política. A questão de fundo é epistemológica e política: porque gênero e não feminismo? A tônica neste caminho teórico tem sido a pluralidade: psicologias, feminismos, mulheres, diversas acepções e usos da categoria gênero.

Nestes anos de doutorado fui ensaiando a articulação dos conceitos de arqueologia (ser-saber) e genealogia (ser-poder) de Foucault (2008) na trama com outros conceitos tais como: discurso e enunciado. A junção dos dois campos encerra o que se pode chamar de integração no projeto arqueogenealógico. Venho desenvolvendo a pesquisa partindo desta orientação pela qual me apoio para pensar nas condições de possibilidade para a emergência de uma psicologia feminista brasileira, e cujo tratamento dado aos discursos é político, toma o saber no elemento do poder. Importa mais a esta análise o caráter disciplinar da formação de um campo de saberes e práticas do que a cientificidade de um domínio de conhecimento.

Umberto Eco (2008) me ajudou a amaciar o processo de escrita sobre o percurso metodológico ao afirmar em seu clássico, *Como se faz uma tese*, que o inventivo, o que se espera em termos de originalidade numa tese é que se faça progredir a disciplina a que se dedica. Fazer uma tese significa na visão do autor pôr ordem nas ideias. A tese é um trabalho metódico de construção de um objeto que sirva para si e para outras(os). Ele diz que mais do que o tema, o que importa é a experiência de trabalho que ela comporta, pela escola de rigor, pela preparação que impõe. Suas palavras tiveram sobre mim o efeito de simplificar certas ideias que costumo associar ao percurso me-to-do-ló-gi-co, como um certo excesso de racionalidade asséptica, pragmatismo e narrativa dura. Volto-me então, para desenvolver uma compreensão do que é a análise que me proponho a fazer e como isto seguirá sendo feito.

Como preciso destrinchar o que significa este tipo de análise de discurso foucaultiana que não busca uma verdade, uma essência, que não interpreta os fatos, que não usa o método científico cartesiano e que será minha ferramenta preciosa, vou misturar o tema de minha tese com alguns conceitos e assim iniciar a tessitura deste caminho. Ao refletir em termos de percurso histórico, ou seja, no eixo vertical do tempo, o que tenho é o campo da genealogia e das condições de possibilidade. Interessa a Foucault (2010) dentro de uma perspectiva

genealógica se debruçar nos domínios onde há combates, linhas de força, pontos de confronto, tensões. Fazer parte destes combates e se misturar a eles, ou ter consciência disto é o que faz sentido para ele ao fazer história. É neste campo que a/o intelectual militante pode fornecer instrumentos de análise e para tal precisa ter do presente uma percepção densa de longo alcance, que permita ver os pontos frágeis e os pontos fortes a que estão atados os poderes. A arqueologia se situa dentro de uma análise horizontal onde se pode pensar como se constituiu um determinado campo do saber num momento específico, sobre a rede de enunciados, a forma como o saber se estrutura, quais são os discursos que estão ali presentes, qual a sua positividade, como se assentam e quando e como se afirmam.

Este misturar-se ao "combate" me remete a relação que estabeleci com a leitura dos artigos do estudo exploratório. Em muitas das vezes me via discordando; identificada com o modo de escrever de algumas autoras; agradecida pela oferta daquilo que procurava; frustrada quando "torcia" um artigo que pouco vertia material do meu interesse; sentindo o tempo deslizar e me deixando emocionar pelas memórias alavancadas; deslumbrada pelo mundo que se descortinava a minha frente; querendo participar com meu trabalho e abrir espaços para tal; deixando críticas escoarem; me reconectando com minha experiência na clínica; pensando nas mulheres que atendi em situação de violência. Senti-me mais do que uma leitora do trabalho alheio, senti-me fazendo parte, assumindo posicionamentos e adquirindo uma perspectiva para olhar o campo da produção acadêmica brasileira.

Em outros momentos quando me distanciava do combate reajustava o foco, em outros me reconhecia num ir e vir para destrinchar alguns conceitos foucaultianos. Sem ter a pretensão de seguir dogmaticamente o autor, mas inspirada nele, venho tentando uma apropriação dos conceitos de modo a dar sentido à análise e assim seguir pensando nos enunciados que encontram-se dispersos no campo discursivo. Este conceito foucaultiano se constitui numa unidade do discurso, mas vai além disto, se torna "uma função que cruza um domínio de estrutura de unidades possíveis e que as faz aparecer, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço" (Everardo Nunes, 2002, p. 128). Este operador auxilia a compreender o encadeamento entre as produções dentro de uma rede de enunciados que as torna parte de um campo e o que este campo tem a dizer. No campo feminista há diversos enunciados coexistindo e estruturando este campo: o interseccional, o radical, o pós-colonial etc. Pode-se pensar nas ondas que embora estejam estruturadas em 1^a, 2^a, 3^a não se sucederam, mas graças a certas condições de possibilidade ganharam configurações que se deram de um modo e não de outro. Foucault

(2010) chama a atenção para as discontinuidades, mas destaca que não é preciso se acomodar a elas. Interessa-lhe o que rege os enunciados e a forma como estes se regem entre si, os efeitos de poder que circulam entre eles para constituir cientificidade e se assentar. E aqui penso nas teorias feministas e nos movimentos feministas sem distingui-los e assim evitar dicotomizar teorias de práticas, aceitando suas interferências concomitantes. Lembrando como pontua Céli Pinto (2010) de que o movimento feminista é um movimento que produz sua própria reflexão crítica, sua própria teoria, característica que lhe é bem peculiar e que foi construída inicialmente (segunda metade do século XX) deste modo pelas mulheres de classe média educadas nas áreas das Ciências Humanas.

Houve condições de possibilidade para a emergência do sufrágismo no Brasil que constituiu a primeira onda. A luta pelo voto foi liderada pelas sufragistas brasileiras na década de 1910, simultaneamente estava acontecendo também o movimento das operárias de ideologia anarquista que explicitavam a situação das mulheres nas fábricas. Arrefece o movimento feminista no Brasil, USA e Europa e ressurge na década de 1960 onde outros inúmeros acontecimentos se davam. Aqui tínhamos a Bossa Nova; a Tropicália; Jânio Quadros; Jango; 1963 um ano de radicalizações políticas; 1964 o golpe militar; em 1968 o Ato institucional (AI-5) e em meio a isto tudo o movimento libertário feminista neste espaço apertado devido ao momento de repressão política severa. Mas ainda assim na década de 1970 enquanto as mulheres no Brasil organizavam as primeiras manifestações e as que estavam exiladas no exterior se contagiavam com o feminismo europeu tivemos o grupo de 1972. Enquanto no Brasil entre 1960 e 1970 não era propício para o exercício das lutas feministas, no hemisfério norte os caminhos estavam mais abertos. Lá a Guerra do Vietnã, o movimento hippie; o maio de 1968; a produção da pílula anticoncepcional; a rebelião de *stonewall*; o lançamento do livro "sagrado" do feminismo *A mística feminina* de Betty Friedan eram os acontecimentos que estavam fervilhando.

Então, há momentos diferentes, mas o que caracteriza os enunciados que dizem isto aqui é o feminismo sufragista e isto aqui é o feminismo da 2ª ou da 3ª onda são enunciados diferentes. Alguns apostam na categoria universal de mulher; outros na diferença entre cultura e natureza; outros no sistema sexo/gênero; ou na desconstrução do sujeito mulher. Os discursos mudam (e coexistem) e os enunciados que os configuram também. Esta análise é arqueológica, mais voltada para os regimes discursivos. E a análise genealógica que é discursiva também vai

possibilitar que se compreenda o que permitiu naquele momento que aquele discurso que estava sendo colocado se afirmasse. Para abordagem genealógica importa a trama histórica.

Para que o sufrágio brasileiro pudesse ter emergido precisou existir uma hierarquia violenta entre homens e mulheres nos primeiros anos do século XX e leis injustas que não lhes permitissem a participação política. Não era somente o direito ao voto que elas vislumbravam no horizonte, mas a possibilidade de se tornarem elegíveis também e assim abrir a frente para um posicionamento mais igualitário na sociedade. Foram necessários também apoios e contágios com outros feminismos no exterior para desenvolver estratégias para pressionar os governos que estas condições de possibilidade favoreceram o alcance do direito ao voto. Na terceira onda a dupla opressão vivenciada pelas mulheres negras é denunciada por elas junto com a queixa de que não eram representadas pelo feminismo ocidental branco. Estes elementos fertilizaram o terreno para a formulação do feminismo interseccional.

De modo similar pude encontrar entre as psicólogas sociais movimentações e crises em torno do seu campo de conhecimento que não se restringem a relatos cronológicos das diferentes construções teóricas em psicologia social. Nesta análise arqueogenealógica os holofotes se voltam para as contingências históricas que marcam o campo da psicologia social e o que venho percebendo neste estudo é que não se promoveu a invenção da psicologia feminista. Encontro a psicologia social brasileira no mesmo período histórico em meio a movimentações e crises do campo de conhecimento que não se restringem a relatos descritivos e cronológicos das distintas discussões teórico-epistemológicas. Enquanto nos Estados Unidos a psicologia feminista era fundada em 1974 pela Associação de Psicologia Americana (APA), a ABRAPSO só viria a ser constituída em 1980 e com esta, a psicologia social se fez objeto.

Esta associação tem sido responsável pelo acolhimento de inúmeros trabalhos relacionados aos estudos de gênero. As explicações para tal receptividade são dadas por Luana Carola dos Santos, Ana Berlado Carvalho, Julião Gonçalves Amaral et al (2016). No período de crise a psicologia social brasileira e latino-americana recusaram-se a importar teorias psicológicas de vertentes norte-americanas como a psicologia de posição dominante o fazia. Como as desigualdades sociais vividas pela sociedade brasileira não eram suficientemente contempladas por estas teorias tal posicionamento crítico contribuiu para que se problematizasse a colonização do conhecimento focando neste e em outros pontos. Como o campo dos estudos de gênero é marcado por uma variedade epistemológica, teórica e

metodológica, a psicologia crítica afinou-se com algumas de suas noções de modo a incorporá-lo nos estudos acadêmicos como categoria central para analisar as experiências das mulheres.

Desde sua existência regulamentada há pouco mais de 100 anos, a psicologia vem de alguma forma interagindo com o feminismo, mantendo conversações e trabalhando de modo estratégico, o que na segunda onda fica mais marcado com o viés androcêntrico da Psicologia sendo desafiado. A pesquisadora Rutherford (2012) apresenta uma parcela deste relacionamento por meio das ações de algumas psicólogas feministas pioneiras de primeira geração nos Estados Unidos que conectaram ciência e feminismo pelo uso de dados empíricos que justificassem objetivos feministas e usaram suas próprias subjetividades para mudar as visões de gênero da psicologia. O discurso psicológico e psicoterapêutico foi direcionado para o feminismo de modo a fortalecer as lutas de emancipação das mulheres e o exemplo clássico que autora apresenta, dentre outros, é do *bestseller* de Friedan *The feminine mystique* (A mística do feminino). A autora do livro voltou-se para a teoria psicológica tanto como fonte de material para a crítica feminista (psicanálise) quanto como meio de expressar o direito das mulheres se posicionarem. Isto se constituiu numa rápida realocação do processo de conscientização que politizou o espaço terapêutico. Por fim, enfatizo que a interação sinérgica entre psicologia e feminismo é uma aposta de Rutherford (2012) que entende que estes dois campos precisam ser tratados levando em consideração sua interdependência para compreender a construção de gênero no século XX.

Luísa Saavedra e Nogueira (2006) explicam como os enunciados psicológicos que desqualificam as mulheres nas comparações com os homens são descritos e organizados no tempo. No primeiro período (pré-feminista) da psicologia, quando se afirma ciência moderna e sua epistemologia dominante orienta-se de modo positivista seguindo os pilares da verdade racional e da neutralidade científica, as mulheres estão ausentes como pesquisadoras; no segundo período, que coincide com o da segunda onda feminista quando as mulheres entram na academia e passam a olhar-se como sujeito e objeto de estudo. E no período considerado atual que situa o final da década de 1980 até hoje com as diversas perspectivas agregadas formando o que se chama de pós-modernismo. Bem resumidamente, os debates giram em torno da suposta igualdade entre mulheres e homens passando pelo questionamento das diferenças e igualdade entre eles e o que respalda isto até chegar na desconstrução da associação entre sexo e gênero. As autoras afirmam ainda que a “verdade” acerca das diferenças e semelhanças não é considerada uma possibilidade para inúmeras autoras e autores. O gênero neste percurso passa

a ser concebido como um sistema de significados que funciona em nível social, interpessoal e individual atuando na criação das diferenças e na forma como se equaciona o poder nas relações de gênero.

Rosa Fischer (2001) diz que a categoria gênero sofreu constantes deslocamentos e transformações como um conceito nos diversos pertencimentos onde foi constituído e elaborado. Não há um caminho linear e cronológico e um ponto de partida ou origem para esta categoria central do feminismo que vem sendo problematizada também no campo da psicologia social. Este trio, feminismo, gênero e psicologia vem se movimentando numa dança conceitual onde a sequência discursiva se configura num processo de reatualização do passado nos acontecimentos discursivos do presente. De acordo com a autora, os enunciados mudam e sua mudança está atrelada a uma memória de um conjunto de já-ditos e a relações sociais e as suas condições de existência.

Uma peculiaridade sobre a discussão feminista é a característica interdisciplinar com destaque para a Sociologia que inaugura os trabalhos pioneiros na década de 1970, seguido da Antropologia nos anos de 1980, da História e da psicologia social crítica como representante de maior destaque no campo da psicologia social no Brasil, (PISCITELLI, 2013; RAGO, 1998). Todos estes trabalhos colaboraram para a legitimação no meio acadêmico dos estudos de gênero que nas décadas seguintes se consolidou como campo. Num espaço de tempo de 40 anos a produção feminista se disseminou rapidamente passando pelos estudos sobre as mulheres e a inclusão das temáticas sobre elas em congressos prestigiados e a criação de núcleos de gênero e o alargamento para outras categorias de sujeitos de diversas orientações sexuais e identidades de gênero nos dias atuais. Fiz um apanhado do passado para compreender a movimentação dos enunciados. O percurso histórico serviu arqueologicamente para poder pensar o presente.

Recorri ao campo de pesquisa pelo estudo exploratório da produção acadêmica brasileira disponibilizada *on-line* e produzi uma conversa inicial com os artigos encontrados. Venho procurando não reiterar a marginalidade acadêmica sobre o objeto psicologia feminista. Este é o ponto essencial que vem se configurando nesta pesquisa: sustentar o destaque e não o apagamento de uma vertente cujo sobrenome ainda levanta polêmicas.

4 PSICOLOGIAS

Ao longo de todo século XX o campo do saber psi se multiplicou numa diversidade de psicologias concorrentes conforme adverte Kleber Prado Filho (2005) e isto a deixou na posição incômoda de uma “ciência duvidosa e imprecisa” na sua falta de unidade de campo, objetos e métodos, de um consenso e um paradigma. A pluralidade de vertentes trouxe em simultâneo, posicionamentos teóricos que também são múltiplos. Como bem descreve Prado Filho (2011) as condições de possibilidade para o que o autor chama de psicologia social brasileira são os domínios mais amplos das Ciências Humanas, em particular a Psicologia e a Sociologia próximos da Antropologia e da História. Suas marcas são as contradições destas disciplinas assim como suas polarizações políticas de direita e esquerda; entre pensamento/ práticas funcionalistas x práxis materialista-histórico-dialética que separam as disciplinas, politizam o campo e dificultam diálogos suscitando disputas de várias ordens.

Dentro dos jogos discursivos e das polarizações emerge a Psicologia social como disciplina de fronteira colocada nos limites entre a Sociologia e a Psicologia. Spink e Spink (2014) dizem o mesmo em relação às intensas disputas no campo, a pouca tolerância sobre pontos de vista diferentes e nenhuma concordância sobre quais seriam os pressupostos teóricos básicos ampliando esta percepção para toda a psicologia. Assim embora a Psicologia seja fruto de uma ciência tradicional, moderna, positivista e androcêntrica transformou-se num amplo guarda-chuva onde há dissidências de pensamento.

Foi na década de 1990 que a psicologia social representou um campo que incorporou os estudos de gênero e suas alianças com teorias e campos que valorizam a cultura, o contexto social e a dimensão ativa e subjetiva dos sujeitos como afirma Nuernberg (2008). No entanto, de todas as vertentes da psicologia social, a que acolheu estes estudos foi a psicologia social crítica. Vertente, movimento ou postura filosófica que pode ser considerada como a de maior abertura às teorias feministas. Importante salientar que de acordo com alguns autores e autoras a psicologia social crítica, no caso brasileiro, é uma expressão que teria abarcado diferentes posturas teóricas. Como indica a autora Maria Cristina Ferreira (2010) ela é uma vertente da psicologia influenciada pelo socioconstrucionismo, pela psicologia Marxista²⁷, pela psicologia

²⁷ Termo utilizado pela autora.

discursiva²⁸, pelo pós-modernismo e pelo feminismo, termos que são um tanto genéricos, mas que apontam as interdisciplinaridades. Dentro do seu hibridismo é a vertente mais impregnada pelo construcionismo social esta que se constitui numa das principais linhas epistemológicas feministas como afirmam Narvaz e Koller (2006b) juntamente com o feminismo pós-moderno (pós-estruturalista e desconstrucionista). Esta perspectiva teórica incorporou a crítica das teorias feministas e valorizou seu potencial para promover a superação das concepções universalistas da psicologia.

Santos, Carvalho, Amaral, Borges e Mayorga (2014) encadeiam a psicologia social, o fortalecimento e surgimento de núcleos de pesquisa, a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e as Conferências Nacionais de Políticas para as Mulheres, além dos editais específicos para as pesquisas de gênero como os elementos que contribuíram para a formação do campo de estudos de gênero. Vale ressaltar que no campo da psicologia social, a psicologia social crítica, que não é uma vertente do grupo dominante na psicologia, acolhe estes estudos que são considerados periféricos apesar de sua introdução na academia e nos programas de governo (identificados com a esquerda). É justamente o campo da psicologia social crítica que menciona a psicologia feminista como uma vertente que não se configurou no Brasil, tratando-se, portanto, de uma conversa entre campos minoritários. Há margens nas psicologias, ou seja, várias margens na margem e umas são mais margens que outras (PEREIRA, Maria do Mar; SANTOS, Ana Cristina, 2014).

Joel Birman (2009) afirma que o mundo da pós-modernidade pode ser visto de uma perspectiva pós-patriarcal²⁹ que se organizou a partir de três grandes movimentos: o movimento feminista que rompeu com a família nuclear burguesa e produziu novas formas de amor e conjugalidade; um segundo movimento que veio na sua esteira e que foi a difusão e a legitimação do movimento gay; e o movimento transexual, uma radicalização dos movimentos anteriores. A perspectiva pós-moderna permite compreender o mundo social de um modo que os paradigmas positivistas não faziam que é aceitando a multiplicidade, a incoerência e o paradoxo como aponta Nogueira (2001). A autora diz ainda que na psicologia, o conhecimento como algo socialmente construído se funde na perspectiva do construcionismo social, na

²⁸ De acordo com Spink e Spink (2014) este modelo proposto pelo psicólogo inglês Jonathan Potter (e colegas) toma por orientação para ação que se faz presente nas falas ou escritos e examina as construções discursivas no contexto de sua ocorrência em especial às estratégias retóricas de construção de fatos.

²⁹ Período que se segue ao patriarcado que vigorou da época da Grécia clássica até os anos de 1960/1970

perspectiva da análise do discurso, da psicologia crítica e que estas são perspectivas que partilham entre si premissas semelhantes e se inserem num mesmo posicionamento epistemológico. À medida que o texto avança procuro ir desemaranhando entre os diversos nomes e influências destas disciplinas, as teorias, as posturas filosóficas e os movimentos que se cruzam, já constatando que estou diante de uma “família extensa” em termos de afinidades e posturas político teóricas.

Há posicionamentos diferenciados nas psicologias nos diferentes continentes – norte americano e europeu – sobretudo em países como a Espanha e Portugal com trabalhos menos positivistas nas diferentes especialidades de psicologia clínica, psicologia do desenvolvimento e psicologia social com impactos das reflexões feministas chegando (e sendo absorvidas) também de modos distintos. No entanto, ainda parecem se configurar em minoria. Em alguns deles a psicologia clínica recebe mais rapidamente a influência feminista. No Brasil como já foi dito, é a psicologia social que se mostra porosa para absorver as ideias anti-sexistas e os estudos de gênero. De acordo com Nuernberg (2008) é na década de 1970 e nas instituições universitárias USP e PUC's e na Fundação Carlos Chagas, assim como na Associação Brasileira de Psicologia Social com suas respectivas revistas *Cadernos de Pesquisa* e *Psicologia & Sociedade*, na ANPEPP e na SBP (Sociedade Brasileira de Psicologia) que isto pode ser melhor observado. Certamente são os efeitos da segunda onda feminista na academia brasileira, mais precisamente nos saberes psicológicos, se espraiando em algumas vertentes.

Nessa década o Brasil se encontrava em plena ditadura e a *Cadernos de Pesquisa*, publicação da Fundação Carlos Chagas acolhia os estudos sobre as mulheres. Muitas pesquisadoras deste periódico aproximaram perspectivas feministas da psicologia ao criticar a psicologia norte-americana como afirma Nuernberg et al (2011). O resumo do trabalho apresentado na mesa-redonda sobre mudanças de atitudes na cidade do México na ONU *Estereótipos sexuais: possíveis contribuições da psicologia para sua mudança* pela pesquisadora Carmen Barroso (1975) é um exemplo. Nele a autora convoca criticamente a psicologia a rever seus posicionamentos no tocante aos estereótipos de gênero, papéis e diferenças sexuais:

Infelizmente, a psicologia não está atualmente em condições de oferecer um conjunto de verdades indisputáveis sobre o desenvolvimento da percepção de papéis sexuais. Estivemos durante muito tempo sob a influência de uma herança cultural que aceitava as diferenças sexuais sem discutir ou oferecia explicações simplistas para a sua etiologia. (BARROSO, 1975, p.135)

A década de 1970 é um período de muitos acontecimentos que se encadeiam com a psicologia. A psicologia social brasileira sofreu uma crise epistemológica, a segunda onda feminista reverberou mais intensamente no Brasil, a psicóloga feminista norte-americana Betty Friedan visitou o país, a psicologia feminista nos Estados Unidos foi fundada. Uma parcela disto produziu fissuras na psicologia social tradicional como aponta Borges (2014). De acordo com a autora, a psicologia social crítica surge da insatisfação com os moldes positivistas de fazer ciência, impregnados na vertente mais tradicional.

A Psicologia não passou pelas viradas culturais/linguísticas³⁰ das décadas de 1960/1970 e vem se mantendo estruturalista. Isto significa que ela ainda se caracteriza como uma ciência que toma a norma, o padrão e a regulação dos comportamentos como parâmetro. Este é seu ponto de partida mesmo que para analisar e criticar. Parece que por não ter sofrido pelos abalos de uma virada que produzisse rupturas epistemológicas, o seu encontro com feminismo foi dificultado já que o feminismo é um produtor de rupturas. A trama histórica onde a psicologia social brasileira se constituiu, em particular, a crise experimentada na década entre 1970 e 1980, abriu espaço para os estudos de gênero, mas não para a formação e a positividade de uma nova vertente, disciplina ou campo denominado psicologia feminista. É o construcionismo social que inicia na psicologia social uma virada linguística incluindo no corpo teórico e metodológico dela as práticas discursivas, como refere Neuza Guareschi, Patrícia Medeiros e Michel Bruschi (2003).

Algumas reflexões me ocuparam a respeito da nomenclatura feminista. Um dos argumentos para o seu não uso junto à psicologia é de que esta é um campo apolítico. Há diversos campos dentro do campo maior da psicologia que fiel a um projeto da modernidade foi se tornando uma ciência disciplinadora e normativa que tem podido contar com o apoio de suas psicólogas e psicólogos, fazendo as vezes de guardiães da ordem como atesta Cecília Coimbra (1995) frente ao potencial transformador do feminismo. Se não fosse assim, como justificar que há um campo de psicologia política, mesmo que não dominante, e não há um campo de psicologia feminista? As psicologias são adjetivadas, todas têm nome e sobrenome, vide os termos, social, social sociológica, social crítica, social psicológica, discursiva, clínica, organizacional, escolar, e tantas outras e elas são nominadas assim para explicitar o objeto de

³⁰Mudança de paradigma nas ciências sociais e nas humanidades onde a abordagem da análise social contemporânea passou a considerar a cultura como uma condição constitutiva da vida social. Este movimento começou por meio da virada linguística, que foi uma revolução em relação à linguagem.

estudo de que tratam. Explicar os objetos de estudo de cada psicologia seria uma tarefa exaustiva para a qual não poderia me dedicar agora. No entanto, posso dizer que há mais hibridismo nesta nomeação do que se pode captar a olho nu.

Com Guareschi, Medeiros e Bruschi (2003) pude entender melhor este aspecto híbrido da composição do nome de uma psicologia, como por exemplo o da psicologia social que pode fazer fronteira ou intersecção entre duas disciplinas e que utilizou pressupostos teóricos da Psicologia e da Sociologia. Os conceitos sociológicos de autores norte-americanos concederam a ela a mesma nacionalidade e a contagiaram com valores neoliberais. Esta psicologia social norte-americana construiu seu objeto de estudo bi-partido, ou seja, parte dele originado da própria Psicologia e outra parte do objeto de estudo da Sociologia. Dentro desta linha de pensamento venho pensando qual é o objeto de estudo da psicologia feminista. Seria uma disciplina que estuda o feminismo? Para ostentar tal sobrenome há que ter um objeto de estudo que faça jus a ele. Talvez venha a se dedicar a alguma de suas bandeiras de luta, já que o feminismo enquanto campo teórico transversaliza os saberes e ao se mesclar à psicologia pode produzir uma outra disciplina. Depende também de que psicologia se está falando, uma psicologia que se una a alguma escola do feminismo terá um objeto de estudo resultante deste encontro.

Para seguir os pilares de uma ciência tradicional regida pela neutralidade, objetividade e racionalidade a psicologia não poderia assumir posicionamentos políticos em suas práticas especialmente na pesquisa onde se espera um rigor que é atrelado a estes pilares. No entanto, nominar uma disciplina de política parece possível visto a existência da disciplina, psicologia política, um campo interdisciplinar que vem ganhando estatuto de legitimidade desde o reconhecimento de sua Associação Brasileira de Psicologia Política (ABPP), fundada em 2000 que divulga seu principal periódico a Revista Psicologia Política no país.

As palavras *política* e *feminismo* parecem produzir impactos diferenciados. Na junção com a psicologia, a primeira parece ser mais aceita do que a segunda. Nos dois países, Brasil e Portugal, a psicologia política existe no contexto universitário e seu estatuto é mais legitimado que da psicologia feminista. O nome psicologia política assume que a psicologia não se encontra à margem da política; afirma que a própria Psicologia contém implícita ou explicitamente pressupostos ideológicos como reflete Leôncio Camino³¹ (2001). Há inclusive

³¹ <https://psicologiapolitica.org.br/sobre-a-abpp/>. Este é um artigo originalmente publicado na revista de psicologia política, referências ao fim do trabalho.

uma discussão sobre dizer psicologia política ou psicologia *da* política, a primeira afirma a característica política intrínseca ao campo e a outra não. A nomeação da psicologia política de alguma forma serve de parâmetro para problematizar a nomeação feminista da psicologia.

4.1 Psicologia feminista fora do Brasil

Em Portugal, Nogueira (2013) afirma a existência da psicologia feminista dizendo que esta se constitui num projeto de igualdade atento às diversidades, às diferentes possibilidades e isto o identifica com o feminismo e com o projeto que está associado às mudanças sociais e a interseccionalidade. Embora a Psicologia siga um modelo mais positivista em grande parte de suas instituições acadêmicas, na Universidade do Minho se apresenta com um perfil mais inovador. O curso de psicologia e diversidade no mestrado integrado de psicologia onde se ministram disciplinas de gênero, feminismo, questões LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis/Transgêneros e Transexuais) e racismo é um exemplo deste caráter mais alternativo assim como o doutorado em psicologia social ter desde 2007 uma área que contempla questões de gênero e sexualidade como descrevem Mariana Azambuja, Nogueira e Saavedra (2007). O Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero (CIEG) criado em Lisboa no ano de 2012 assim como a Universidade Feminista, uma associação feminista, encorpam o contexto lusitano que se ampliou também com o deslocamento da pesquisadora Conceição Nogueira para a Universidade do Porto.

Há várias vertentes da psicologia feminista e as psicólogas que assumem esta perspectiva seguem diferentes posturas teóricas e diferentes posicionamentos epistemológicos como afirma Nogueira (2001). No caso desta psicóloga feminista, a constituição da psicologia que ela assume é a da psicologia social crítica feminista interseccional. Desdobrando: o campo maior é o da psicologia social com o cruzamento de saberes que compõem a vertente da psicologia crítica que é o construcionismo social influenciado pelo feminismo de terceira onda que utiliza o conceito da interseccionalidade.

Na nova geração de psicólogas feministas temas como corpo, sexualidade, estudos transgêneros, intersexo são tópicos familiares aos estudos interdisciplinares dos *Women's studies* e conectados aos trabalhos de orientação pós-moderna. Esta psicologia foi influente em algumas esferas apesar da hostilidade da versão hegemônica: na criação de novas áreas de pesquisa, novos temas e o renomear de problemas cujo exemplo dado é o da violência contra as mulheres e a violência de gênero; no questionar de métodos e pesquisa e de prioridades como

a inclusão de métodos qualitativos e preocupação com pesquisa associada às desigualdades e às discriminações; nas novas abordagens à prática clínica e terapêutica onde pode situar o campo das terapias feministas (NOGUEIRA, 2017).

A relação entre feminismo e Psicologia é relativamente antiga nos Estados Unidos tendo tido uma história de mútua influência já a partir do início do século XX. A Psicologia estava se profissionalizando neste país em paralelo ao momento de visibilização da primeira onda do feminismo. Neste período os tradicionais papéis e estereótipos de gênero respaldados por psicólogos do sexo masculino, eram utilizados para justificar a exclusão de mulheres do ensino superior. Muitas destas primeiras psicólogas protestaram e se engajaram no movimento sufragista e/ou em grupos para enfrentar estas e outras situações de exclusão feminina. Mas é durante o período da segunda onda do feminismo que a Psicologia feminista tem sua fundação reconhecida, num período delimitado entre 1960 e 1970, quando a relação sinérgica entre feminismo e Psicologia estava clara e forte (CHRISLER, Joan; DE LAS FUENTES, Cynthia; DURVASULA, Ramani; ESNIL, Edna; MCHUGH, Maureen; MILES-COHEN, Shari; WILLIAMS, Julie; WISDOM, Jennifer, 2013).

Angelo Brandelli Costa, Silvia Koller e Henrique Nardi (2015) relatam que em 1970 um grupo de psicólogas norte-americanas lideradas por Phyllis Chesler e Nancy Henley organizaram uma manifestação na reunião anual da Associação Norte-Americana de Psicologia (APA). Elas exigiam reparação financeira no valor de um milhão de dólares pelos danos que as teorias psicológicas androcêntricas e misóginas causaram às mulheres. A Comissão de mulheres na Psicologia (CWP) da APA é conhecida como um grupo ativista que contribuiu por quatro décadas para a transformação feminista da Psicologia. Naquela época além desse evento protagonizado por Nancy Henley, Betty Friedan e Kate Millet dentre outras, desafiaram com seus livros³², inúmeras teorias e práticas psicológicas que justificavam a dominação masculina e que se tornaram pivôs do movimento feminista. Grupos de conscientização (CR)³³ auxiliaram psicólogas e estudantes de Psicologia a reconhecer e a refutar práticas sexistas na sociedade e na Psicologia. As psicólogas feministas conduziram estes grupos nas comunidades e no campus de Universidades em todos os estados dos Estados Unidos, sendo esse movimento considerado como o marco para a emergência da psicologia feminista. As psicólogas feministas filiadas ao movimento feminista passaram a adotar uma abordagem mais militante para reformar os vieses

³²A mística feminina e Política Sexual respectivamente

³³ Consciousness-raising (CR) grupos de conscientização

androcêntricos nas teorias psicológicas, na pesquisa e na terapia assim como nas práticas sexistas das associações de Psicologia (CHRISLER, Joan et al, 2013). Embora como afirmem a autora e os autores supracitados, a reparação financeira não tenha acontecido, como efeito simbólico a APA organizou uma força tarefa que levou a criação em 1973 da divisão 35 (Sociedade pela Psicologia da Mulher), reconhecendo e institucionalizando o que agora é referido como psicologia feminista.

Na Espanha temos a red de psicoterapeutas feministas que é composta por um grupo de sete psicoterapeutas que trabalham com distintas correntes teóricas tais como psicanálise, gestalt e arteterapia. Estas teorias psicológicas não trazem em seu arcabouço uma leitura crítica frente ao patriarcado como afirma MaJo Torres Costa³⁴ (2013) no entanto, as profissionais desta rede utilizam uma perspectiva feminista pautada no trabalho de Judith Butler. Graças a isto se abre espaço para que gênero, sexo, orientação sexual, identidade e corpo sejam escutados de modo crítico. La Psicoterapia de Equidad Feminista (PEF) como é denominada no Espacio de Salud entre nosotras (ESEN) se constitui numa outra prática psicológica que se baseia em métodos da psicologia cognitiva-emocional-comportamental há 25 anos utilizada neste espaço. Propõe-se a recuperar a saúde mental de mulheres que adoecem frente ao impacto patológico que exerce sobre suas vidas a desigualdade estrutural do sistema patriarcal. No manual que a associação apresenta há conceitos como depressão de gênero e síndrome de gênero.

No Canadá, na Universidade York em Toronto, o Projeto das vozes feministas na psicologia (Psychology's Feminist Voices³⁵) dirigido por Rutherford que se une ao projeto com um grupo dinâmico de estudantes de graduação e pós-graduação que utilizam abordagens históricas, feministas, críticas e construcionistas para analisar experiências passadas e atuais de mulheres e minorias na psicologia e na sociedade. Este projeto começou em 2004 no programa de graduação em História oral a partir das iniciativas das/os estudantes que coletaram, preservaram e compartilharam as narrativas de psicólogas feministas de todo o mundo.

4.2 Psicoterapia feminista no Brasil

O campo das psicoterapias tem se mostrado mais impermeável aos estudos de gênero e feministas no Brasil. O campo clínico, herdeiro de uma certa assepsia da medicina e positivismo

³⁴ Psicoterapia feminista un factor de cambio y empoderamiento no La independent. 2013

³⁵ <http://www.feministvoices.com>

da ciência, tem oferecido mais resistência à escuta crítica de gênero na sua interseccionalidade e politização. Há mais de quinhentas psicoterapias catalogadas por diversas(os) pesquisadoras(es) e vinte abordagens dominantes de acordo com Luis Hanns (2004), então presidente da Associação Brasileira de Psicoterapia. As autoras Mônica Lima e Eliana Viana (2009) afirmam que surgiram mais de setenta escolas de psicoterapia no mundo a partir de 1950. Aristides Cordioli (2008) traz a informação de que há 250 modalidades distintas de psicoterapia descritas em mais de dez mil livros! Este apanhado breve dá uma dimensão da pluralidade de abordagens e os números descontraídos apontam a não uniformidade destes dados, o que também informa a dificuldade sobre um controle destas proliferações.

Há discussões no campo sobre as diversas especializações e o que as justificam ou não; há também posicionamentos que entendem esta multiplicidade de objetos de estudo e vertentes como algo que gera descrédito sobre a psicologia, enquanto há posicionamentos que consideram tal discussão ultrapassada. Em 2009 foi lançado um conjunto de textos geradores pelo CFP, marcando aquele ano como “O Ano da Psicoterapia”. A publicação dividida em dois grandes grupos de textos trouxe para o debate algumas reflexões sobre o campo das psicoterapias. Nos seus três eixos principais são abordados a constituição das psicoterapias como campo interdisciplinar; parâmetros técnicos e éticos para a formação na graduação e na formação especializada e para o exercício da psicoterapia pelos psicólogos (assim no masculino); relações com os demais grupos profissionais. Em nenhum dos textos há alguma referência aos estudos de gênero/feministas como algo a ser problematizado ou refletido pelo campo.

A pesquisa do CFP (2013) resultou numa coletânea que contempla a diversidade do perfil das psicólogas no Brasil. Procurei extrair dos artigos produzidos a partir dos encontros com as profissionais em dezoito grupos focais e em entrevistas, alguma relação que pudesse ter sido estabelecida entre psicoterapia e feminismo e/ou gênero. O que registro é a incipiência das discussões de gênero e sexualidade nas formações da Psicologia que é apontada pela pesquisa. A prática clínica que é abordada é a psicanálise e quanto às psicoterapias não há menção ao termo no dossiê, apenas encontrei relacionados, Psicologia, mulher e consultório. A prática clínica também é relacionada com o termo feminino, mas não com feminismo ou gênero.

5 FEMINISMOS E TEORIAS FEMINISTAS

“Ô abre alas que eu quero passar... ô abre alas que eu quero passar... sou feminista não posso negar”. Esta é uma paródia de um trecho da primeira marchinha de carnaval brasileira de autoria da compositora, pianista e abolicionista Chiquinha Gonzaga (DINIZ, Edinha 2009). O momento em que foi entoada, no último dia da jornada da Conferência Estadual de Políticas Públicas para as mulheres em 2011, no auditório do Hotel Continental em Porto Alegre/ RS por algumas lideranças feministas gaúchas e acompanhada pelas pessoas que ali estavam (inclu-me aqui) foi inesquecível. Agrego a afirmação de uma das ícones do feminismo brasileiro, Carmem da Silva (1984) “digam o que disserem, mas o feminismo é uma festa!” para traduzir a mesma convicção que carrego comigo desde então!

O feminismo é plural, multifacetado e colorido. Embora o livro-registro-imagético, *Mulheres e movimentos* seja em preto e branco, estas cores saltam aos olhos na produção de Claudia Ferreira e Claudia Bonan³⁶ (2005). A diversidade de raça, etnia, nacionalidades, sexualidades e classes estão explicitadas nas inúmeras fotos e gestos capturados e expressos por estas, fotógrafa e pesquisadora respectivamente, ao longo de cada página e texto. As lutas das mulheres estão ali no geral e no detalhe, presentes no entrelaçamento com os feminismos brasileiro e latino-americano dentro de um período de 13 anos, ou seja, de 1989 a 2002.

Abro este capítulo fazendo referência a este livro e a este momento na conferência. A compra do livro há um bom par de anos, foi um gesto possível naquele período da minha vida, quando ainda não publicizava minhas ideias, nem fazia contribuições acadêmicas às mulheres com esta perspectiva feminista. Registrar a participação na Conferência, minha segunda chance de estar no meio de um mar de mulheres fazendo política e lutando por um mundo mais justo e igualitário, se configura no modo de eternizar a memória deste momento em que estava constituindo meu projeto de doutorado. Registrar estas memórias e me ancorar nos escritos das autoras do livro e de suas colaboradoras está me subjetivando como uma pesquisadora que quer concretamente fazer contribuições para a transformação social que redesenhe o mundo para uma versão não-sexista, não-racista e não-homo (lesbo)(trans)(bi)fóbica.

Dentro desta perspectiva de pensar os estudos de gênero na academia e a inclusão do feminismo por intermédio do subterfúgio bem-sucedido, como afirma Eva Blay (2006), de

³⁶ Tive o prazer de cursar uma disciplina ministrada por esta professora, que na época ocupava a pós-graduação na instituição Fernandez Figueira na Fiocruz, Rio de Janeiro.

utilização de categorias de análise para refletir, questionar e desenvolver teorias que situem, expliquem e promovam mudanças nas relações sociais entre mulheres e homens, reside uma das possibilidades de interação entre a psicologia e o feminismo. A autora informa também a existência no Brasil de apenas um único programa de pós-graduação interdisciplinar sobre Mulheres, Estudos de Gênero e Feminismos (NEIM) da UFBA³⁷ reconhecido pela CAPES. Este Núcleo ministra cursos em nível de graduação e pós-graduação por meio dos departamentos da Ciência Política, Antropologia, Sociologia e História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, bem como nos Cursos do Instituto de Letras, Escola de Enfermagem e Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. E o departamento de Psicologia? Associa esta pergunta com as indagações de Matos (2006):

[...] onde estão as mulheres brasileiras nas ciências? Mais especificamente, onde estão as mulheres feministas brasileiras nas ciências? Ou seja, quem são as mulheres cientistas brasileiras que têm um enfoque pró-feminismo? Preocupa-me sinceramente, após 30 anos de redemocratização, entender melhor por que não somos/fomos igualmente competentes em difundir as idéias e valores feministas no Brasil. Por que, nem mesmo entre a maioria das mulheres brasileiras mais escolarizadas, o feminismo não se constituiu, ainda, numa bandeira, levando estas mulheres de maior nível de escolaridade a reconhecer o ideário político feminista como um elemento fundamental de suas ações e reflexões? (MATOS, 2006, p.92)

Há inúmeros núcleos e grupos de pesquisa que se ocupam da temática das mulheres e estudos de gênero (raros levam a palavra feminismo no título) em todo o território nacional. Em Porto Alegre cito alguns como o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação; NIEM (Núcleo Indisciplinar de Estudos sobre Mulher e Gênero), vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e o NUPSEX³⁸ (Núcleo de Pesquisa em Relações de Gênero, Sexualidade e Diversidade Sexual) vinculado ao Instituto de Psicologia, estes três da UFRGS; o NEPEVEDH (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Violência, Ética e Direitos Humanos) unidade que está vinculada à Faculdade de Serviço Social e o Grupo de Relações de Gênero vinculado ao Instituto de Psicologia ambos da PUCRS. O grupo de pesquisa sobre Gênero, Sexualidade e Feminismos vinculado a FFCH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/PUCRS) de todos é o único que leva o termo feminismo no nome. Tem página no facebook é constituído por Tatiana Vargas Maia³⁹, Fabrício

³⁷ Universidade Federal da Bahia

³⁸ Encontro-me vinculada a este grupo de pesquisa

³⁹ Cientista política e integrante deste grupo. Forneceu-me estes dados informalmente no ano de 2015 e autorizou-me publicá-los. Grupo de Pesquisa sobre Gênero, Sexualidade e Feminismos (GP GSFEM) no facebook.

Pontil, Juliana Missaggia, Elisa Stumpf, Laura Guerim, mas até o momento em que este texto foi produzido não havia adquirido o estatuto de núcleo de pesquisa.

5.1 Gênero

Gênero é um conceito central, problemático e importante para o feminismo que foi segundo Piscitelli (2009) elaborado por suas pensadoras para desmontar o duplo procedimento de naturalização das supostas diferenças inatas entre mulheres e homens e as desigualdades percebidas como resultados destas diferenças. É uma categoria alvo de disputas políticas e teóricas.

Se considerar o nascimento do termo gênero em 1963 quando é introduzido pelo psicanalista estadunidense Robert Stoller e sua difusão nos debates da segunda onda feminista via os textos de referência em 1972 de Ann Oakley (sociologia), de Rhoda Unger (psicologia social) em 1979 ou Joan Scott (história) em 1988 que localizei com Lígia Amâncio (2003) e contar até os dias de hoje pode se dizer que gênero é uma categoria quase "cinquentona" que vem sendo formulada e reformulada num quadro de efervescência intelectual, fruto de luta social, dentro de um cruzamento entre feminismo acadêmico e popular.

A sua trajetória indica que passou por inúmeras transformações até ganhar uma certa consolidação dentro da sua conhecida instabilidade teórica como desenvolve densamente Sandra Harding (1993). Esta instabilidade é enfatizada pela autora como algo bem-vindo. Ela diz que não faz sentido teorias coerentes e consistentes em um mundo instável e incoerente que pelo contrário, acabam por se tornarem obstáculos ao conhecimento e às práticas sociais. A plasticidade da categoria gênero, herança dos movimentos sociais feministas vem se mantendo dentro do contexto acadêmico desde a utilização como uma simples variável passando pela divisão de papéis sexuais, categoria relacional, relações de poder até os estudos sobre performatividades de gênero. Suas reformulações acompanharam paralelamente o que acontecia com a sucessiva pluralização do feminismo fora dos muros acadêmicos.

Os nomes dos eventos acadêmicos brasileiros traduzem uma posição paradoxal da categoria analítica no cenário atual revelando dissonâncias: Fazendo gênero⁴⁰ e Desfazendo

⁴⁰ O evento *Fazendo Gênero* é um consolidado espaço de discussões no campo dos estudos feministas e de gênero com dimensão internacional promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Seus encontros acontecem desde 1994.

gênero⁴¹! Dentro deste paradoxo parece residir a ideia de construção e desconstrução permanentes da categoria que se constituem em fonte de tensionamentos importantes seja nos debates teóricos e vivenciais assim como nas angústias verbalizadas pelas(os) iniciantes no tema ao transitarem pelos diversos conceitos de gênero. Os artigos das autoras Guedes (1995) e Marie-Victoire Louis (2006) expressam bem as tentativas de dar continente a movimentação desta categoria de análise na complexa rede de estudos feministas e refletem anos de debates entre várias gerações de ativistas e teóricas feministas brasileiras, latino-americanas e euro-estadunidenses.

Apresento algumas das autoras, já bem conhecidas, que se destacam no cenário dos estudos de gênero para expressar aqui suas contribuições no desenho da trajetória da categoria gênero no campo da psicologia social brasileira, assim como, algumas das autoras que as influenciaram. Começo pelas pesquisadoras brasileiras e como se deram meus encontros com seus escritos e os impactos que alguns tiveram nos modos de me subjetivar como pesquisadora-psicóloga-feminista.

Heleith Saffioti⁴² é considerada uma das mais importantes teóricas feministas no país com reconhecimento internacional. Falecida em 2010, a socióloga, professora e militante feminista paulista fez parte de uma lista junto a outras cinquenta mulheres que foram indicadas para o prêmio nobel da paz em 1995. Seus estudos sobre gênero trouxeram importantes contribuições sobre a temática das violências contra as mulheres. Meu primeiro contato com seu trabalho se deu de modo autodidata, anterior à entrada no mundo acadêmico e por meio do seu conhecido artigo *Já se mete a colher em briga de marido e mulher* (SAFFIOTI, 1999). Durante a cerimônia de sanção da Lei do Femicídio em 2015, a então presidenta⁴³ Dilma Rousseff conclamou mulheres e homens a desmentir o velho ditado sexista reiterando a frase criativa de Saffioti:

Em briga de marido e mulher, nós achamos que se mete a colher, sim, principalmente se resultar em assassinato. Meter a colher nesse caso não é invadir a privacidade, é garantir padrões morais, éticos e democráticos. E o estado brasileiro deve meter sim, a colher, a sociedade brasileira idem, deve meter a colher. (ROUSSEFF, 2015)

⁴¹ O primeiro Seminário Internacional *Desfazendo Gênero* aconteceu em agosto de 2013 no estado do Rio Grande do Norte e foi criado por pesquisadoras(es) e ativistas ligadas(os) aos estudos *Queer*.

⁴² Dados sobre a pesquisadora foram obtidos no site da universidade <http://www.unesp.br/portal>.

⁴³ Discurso completo na página do Palácio do Planalto Presidência da República. Acesso pelo link <http://www2.planalto.gov.br/>

A pesquisadora se utilizava de uma perspectiva materialista. Ela afirma neste artigo que embora haja aspectos diferentes sendo enfatizados pelas feministas, o gênero é considerado uma construção social por grande parte delas e além de uma categoria de análise, também é uma categoria histórica.

O texto *Nas trilhas de um pensamento complexo sobre relações de gênero e a psicologia social no cotidiano: homenagem para Karen Ellen Von Smigay* (PRADO, Marco Aurélio 2011) foi um marco no meu percurso. Por meio dele fui apresentada à pesquisadora-ativista-feminista-psicóloga que faz parte da história de aproximação entre os estudos de gênero e a psicologia social. Ao ver a expressão hifenizada surpreendi-me com a aproximação entre psicologia e feminismo. Subitamente senti a integração das áreas pessoal, profissional e social: era possível ser uma psicóloga engajada já que o feminismo não estava apenas nos movimentos sociais como também se corporificava nos títulos que identificam as profissionais e nas práticas destas que se aderem a ele.

No vídeo "O legado das feministas que se foram", registro realizado no evento Fazendo Gênero 10, Karen Ellen Von Smigay⁴⁴ foi descrita como tendo tido um agudo senso para a questão sexista e binária que (ainda) rege as relações de gênero violentas na intimidade. Afirmava profundamente o núcleo central do conceito de gênero em sua produção acadêmica que foi articulada à militância feminista em dois sentidos – 1. por incluir na agenda da academia a temática das relações de gênero e a reflexão sobre o próprio desenvolvimento sexista e machista da ciência; 2. por fazer a ponte entre o movimento social das questões cotidianas das mulheres e os afazeres próprios da universidade ou sejam a pesquisa, ensino e extensão. Sua participação na diretoria nacional da ABRAPSO nos períodos de 1988-1989 e 1999-2000 foram decisivos para que as temáticas do feminismo e as teorias de gênero fossem incorporadas na pauta da ABRAPSO e da psicologia social do Brasil.

Não poderia deixar de falar em Rosiska Darcy de Oliveira, escritora, ensaísta e professora universitária carioca que se constituiu em referência afetiva, intelectual, fonte de consulta e admiração ao longo do período que antecedeu minha entrada na vida acadêmica. Autora de várias obras literárias dentre elas *Elogio da Diferença: o feminino emergente* (1991) e de *Reengenharia do Tempo* (2003) nas quais me apoiei teoricamente antes e durante o período

⁴⁴ Informações no link https://www.youtube.com/watch?v=shEmF_aT7WQ. Vídeo produzido no evento Fazendo Gênero, edição de 2013 Mesa redonda: o legado das feministas que se foram.

do mestrado. Foi exilada na época da ditadura brasileira em 1970, parceira de trabalho de Paulo Freire, hoje é a sexta ocupante da cadeira 10 na Academia Brasileira de Letras. Direitos humanos e a causa das mulheres foram seus temas inspiradores no período de exílio e seguiram sendo no seu retorno ao Brasil. Com ela pude pensar sobre a ocultação do mundo privado atrelada às questões das divisões desiguais das tarefas domésticas como um problema a ser equacionado não somente pelas mulheres ou pelo casal, mas por toda a sociedade. Feminista, Rosiska liderou a delegação brasileira para a conferência de Pequim em 1995 e neste mesmo ano foi nomeada presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Embora ela não tenha se debruçado sobre a construção ou reformulação de teorias de gênero, propriamente ditas, refletiu e produziu muito sobre questões a respeito das desigualdades de gênero na articulação dos mundos público e privado.

Gayle Rubin, pioneira dos estudos de gênero, a antropóloga estadunidense que em 1975 discute o pensamento de Lévi-Strauss e Freud, faz uma crítica ao marxismo e descreve o que concebeu como sistema sexo-gênero no seu ensaio *Tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo*. Interessada na gênese da opressão e da subordinação social das mulheres, considerava válido entender a origem desta opressão para poder revertê-la e se perguntava: quais são as relações que transformam uma fêmea da espécie humana em uma mulher domesticada? Aqui colocados os termos *fêmea* e *mulher* compondo a dicotomia natureza e cultura respectivamente que se transparece no sistema sexo/gênero. Para Piscitelli (2009) o grande mérito do ensaio de Rubin reside no deslocamento que foi produzido dentro da discussão desenvolvida na época. O conceito (sistema sexo/gênero) oferecido como categoria alternativa ao patriarcado se contrapõe ao suposto de uma opressão estática ao exigir compreender realidades empíricas diversas. A partir de Rubin a conceitualização de gênero é difundida de modo mais intenso.

Em 1980, a historiadora norte-americana Joan Scott influenciada por correntes pós-estruturalistas esquematiza uma nova forma de pensar o gênero, para além de um instrumento descritivo convocando a pensar na linguagem, nos símbolos, nas instituições e a sair do binômio homem/mulher, masculino/feminino. Seu artigo *Gênero uma categoria útil para análise histórica* se tornou um clássico ao sair do registro do patriarcado, falar em relações de poder e inserir a ideia de masculinidade e feminilidade. Ela traz dois conceitos básicos para a categoria

gênero: a) é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; b) é uma forma primeira de significar as relações de poder⁴⁵.

A filósofa norte-americana Judith Butler inspiradora da teoria queer é uma reconhecida crítica do feminismo. Ela abala as categorias mulher e identidade, expõe a ordem que prevê total coerência entre o sexo/gênero/desejo/prática sexual no bojo da sociedade heteronormativa. Reconceitua gênero e compartilha certas referências com Scott. Traz o corpo e o sexo para o campo discursivo. Para Butler (2003) gênero é um tipo particular de processo que não tem origem, nem fim. É algo que fazemos e não algo que somos, é não-natural. Não há para a filósofa uma relação obrigatória entre o corpo de uma pessoa e gênero. Podendo inúmeras combinações dos elementos feminino e masculino comporem um ser, sem que os arranjos sigam as normas do padrão heterossexual.

Conceição Nogueira, uma das primeiras psicólogas feministas de Portugal, enfatiza em seus escritos a importância da perspectiva feminista na compreensão e elucidação dos processos e mecanismos psicológicos pelos quais o gênero transita e exerce seu controle. Para ela, esta perspectiva deve desafiar a tendência da psicologia para aceitar a diferença, demonstrando como as categorias, quer profissionais quer culturais são construídas. A autora afirma que a interseccionalidade está embutida no projeto da psicologia feminista, vertente que ela apresenta em diversos de seus estudos. Apresenta a teoria da interseccionalidade como possibilidade teórica de leitura das vivências e subjetividades produzidas pelo gênero e pelas sexualidades. Norteadas pela sua produção acadêmica venho tecendo há algum tempo parcelas do fio condutor desta pesquisa.

Embora eu não tenha dialogado nesta tese e nem em outros trabalhos com nenhuma das obras de Simone de Beauvoir, não poderia deixar de falar nela e no Segundo Sexo que em 1949 inaugura o que algumas pensadoras chamam de feminismo existencialista. A filósofa-feminista desenvolve um projeto de auto-afirmação da mulher para além do gênero que a define. Nesta obra que adquire caráter político, Beauvoir (1970) trabalha com o conceito o Outro. Este outro não se auto-define como outro, ele é definido e assujeitado. A autora vai analisar como isto acontece e o que colabora para a submissão da mulher (que é este Outro) e a sua não-contestação deste lugar. Esta obra é icônica para a história do feminismo ocidental e a frase “Não se nasce

⁴⁵A autora revê em sua obra e acrescenta também a questão da raça/etnia.

mulher, torna-se⁴⁶ é um resumo de sua tese para afirmar que ser mulher não é um dado natural, mas sim, o efeito de uma história da civilização e da própria infância desta mulher que determinam sobre ela o que seria a feminilidade. A mulher branca não é vista por si só, ela é o outro do homem branco, precisa deste para legitimar sua existência. O conceito, o Outro é sofisticado pela pensadora Grada Kilomba conforme Djamile Ribeiro (2016) afirma. A mulher negra na visão daquela autora é o Outro do outro, uma dupla antítese da masculinidade e branquitude, ou seja, a mulher negra é o Outro do homem branco, o Outro do homem negro e o Outro da mulher branca. Ser este Outro pressupõe um lugar de subalternidade e nunca de reciprocidade. Portanto, a situação de alteridade para a mulher negra é ainda mais difícil.

Em 1960, a filósofa francesa vem ao Brasil e faz uma Conferência na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro e neste evento ela aponta duas saídas para transformar a situação das mulheres: liberdade e igualdade reais e não abstratas. De acordo com a blogueira Daniela Lima (2015) esta Conferência foi um marco do feminismo fortemente apagado.

5.2 Vertentes

A teoria feminista contemporânea é uma tela intrincada e amedrontadora afirma Andrea Nye (1995). Esta frase traduz bem meu impacto inicial diante do mar turbulento de debates e inúmeras reformulações promovidas pelos feminismos sobre diversas questões que lhe são caras incluindo aqui o próprio sujeito a que se dispõe representar. Ao me deparar com os inúmeros usos do conceito de gênero imbricado ao movimento feminista e suas teorizações conscientizei-me da dimensão da arena em que me lanço para circunscrever o campo problemático desta tese. O texto da socióloga Louis (2006) teve um efeito balsâmico e mapeador ao fazer o que a autora nomeia de recenseamento parcial da categoria gênero que emerge, mas só pode ser entendida na diversidade de sua utilização e em toda sua polimorfia que coexiste ainda com:

A palavra mulher: estudos sobre as mulheres, estudos sobre o gênero e sociedades; história das mulheres e do gênero. A palavra feminismo: estudos feministas, gênero e sexualidades, estudos e pesquisas feministas sobre o gênero; o gênero do feminismo; gênero e feminismo. (LOUIS, 2006, p. 717)

⁴⁶ “Não se nasce mulher, torna-se” por Simone de Beauvoir. Acesso em <https://youtu.be/nvlgLsHPPMY>

Há inúmeras teorias psicológicas e feministas que foram construídas e são utilizadas para oferecer uma análise dos vários fenômenos genderizados. As análises das causas das desigualdades de gênero são efetivadas de modos diferenciados entre as feministas, assim como suas possíveis saídas. Há muitas escolas consideradas por inúmeras autoras que descrevem de quatro a sete principais. Trago inicialmente um panorama mais geral das quatro clássicas e mais conhecidas que são: liberal, radical, marxista e socialista por meio de Vivien Burr (1998) e Chris Beasley (1999) que as organizaram de modo didático. Foi um modo mais simples que encontrei de me situar, após a leitura de inúmeros textos densos e complexos. Na biblioteca da Universidade do Porto conheci as duas obras destas autoras que se dedicaram ao feminismo e a psicologia na relação com o gênero. Com elas organizei os conteúdos que já trazia comigo de modo mais difuso, o que favoreceu transpô-los para a escrita.

Beasley (1999) apresenta o feminismo como sendo um termo problemático sobre o qual muita gente se sente encorajada a dizer coisas e a expressar opiniões. Há falta de nitidez, assim como uma representação preconceituosa, mas não é só isto. Trata-se de um termo complexo e diverso, o que contribui para que muitas confusões conceituais aconteçam, sendo comumente assumido e pouco problematizado com seus significados que não são tão óbvios quanto podem parecer. As vertentes desenham a complexidade de suas discussões e norteiam os posicionamentos políticos.

No feminismo liberal as lutas se voltam para as mudanças nas leis que discriminam as mulheres (ex. sufrágio). Beasley (1999) afirma que a questão da cidadania e igualdade com os homens é central para esta escola. Se homens e mulheres são iguais perante a lei, mulheres podem ser capazes de fazer o que os homens fazem. A autora chama atenção para o fato comum das pessoas se referirem ao campo do feminismo como se ele se resumisse à vertente do feminismo liberal. Referem-se ao todo pela parte e como efeito ele fica sendo reiteradamente marcado no senso comum como face dominante (*mainstream*) do feminismo. Para esta escola, o foco não é produzir uma revolução e sim reformar a sociedade. Há subdivisões dentro desta escola *small liberalism* e *welfare liberalism* mas não entrarei neste terreno. Uma das críticas que esta escola recebe de feministas e anti-feministas diz respeito a ignorar como o mundo é produzido e dominado pelos homens, seus interesses e preocupações.

De acordo com Burr (1998) o feminismo radical traz o conceito de patriarcado para o centro de suas teorizações e seu foco é a micropolítica. As feministas radicais são as autoras do mote “o pessoal é político” (a política do interpessoal) para elas a dominação/opressão sobre

as mulheres inclui a esfera do trabalho remunerado, as articulações com a esfera do trabalho doméstico assim como as relações de intimidade com os homens: relações sexuais incluindo estupro, prostituição e abusos/ assédios sexuais. Os alvos de suas críticas são o papel da biologia em produzir as relações opressivas entre os sexos; o papel reprodutivo das mulheres; a variedade de violências masculinas contra as mulheres; o modo como a visão masculina do mundo reflete o *malestream* por ex. a Ciência (psicologia incluída) como uma instituição masculina que vem sendo utilizada para sustentar ideologias que definem as mulheres como inferiores. As teorias e questões da vertente radical vêm de uma base sociológica e são de muito interesse para a Psicologia. Seus questionamentos versam sobre as bases biológicas da sexualidade, maternidade, vida familiar, sobre como se teoriza a respeito da homossexualidade e lesbianidade, sobre divisões de tarefas domésticas e sobre as causas do estupro e da violência doméstica. Esta vertente tem sido bastante responsabilizada pelo crescimento da pesquisa feminista que impactou a Psicologia e outras ciências sociais ao questionar seus métodos e práticas e encorajar pesquisas para e sobre as mulheres. Os grupos de *consciousness-raising* onde mulheres conversam sobre suas experiências de serem mulheres e do despertar sobre as opressões que sofrem.

Ainda sobre o feminismo radical Beasley (1999) aponta que o que distingue o perfil da opressão das mulheres é a sua opressão como mulheres, ou seja, mulheres são oprimidas por causa do seu sexo, tratando-se, portanto, de uma opressão sexual. A noção de uma opressão compartilhada está intimamente conectada com uma forte ênfase na irmandade feminina chamada sororidade (*sisterhood*). Dentro desta perspectiva se entende que independente da diversidade existente entre as mulheres, ainda assim as mulheres têm mais em comum entre si, do que com qualquer outro homem. O foco é nas mulheres para mudar a opressão sexual. Há uma inclinação para apostar na lesbianidade como um lugar de honra e uma forma de reconhecimento mútuo entre mulheres. Para as feministas radicais o homem é visto como a primeira causa e o primeiro beneficiário das desigualdades. Este feminismo já foi hegemônico mas hoje, com a presença de outras vertentes não só perdeu a hegemonia como se depara com tensões acirradas advindas de críticas dos feminismos interseccional, pós estruturalista e transfeminista em relação às radicais que definem as mulheres a partir da biologia e com isto excluem as mulheres trans. Destaco que nem todas as radicais apresentam-se como transexcludentes.

Para o feminismo marxista o ponto nodal é o capitalismo e a exploração dos padrões sobre suas trabalhadoras analisado por Marx nos meios de produção. O pivô desta operação está na família heterossexual onde as mulheres reproduzem a força de trabalho (cuidam do marido/filhas(os) e da casa) e produzem novas (os) “trabalhadoras (es)” e cuidam desta nova geração de “trabalhadoras (es)”, seu trabalho é gratuito e isto é vital para o capitalismo se manter. Se as mulheres se recusam a fazer isto e transferem para empregadas que cobram pelo serviço, isto é repassado para as(os) empregadoras(es) com o aumento das taxas que serão necessárias para cobrir o custo de vida. Para as feministas marxistas o capitalismo deve ser erradicado para que as mulheres atinjam a equidade, ou seja, é preciso mais do que a igualdade formal são necessárias políticas públicas e afirmativas. A saída para esta escola é a abolição do capitalismo.

O feminismo socialista refere-se a dois sistemas teóricos ligados: econômico e gênero (relação de gênero). Entendem o patriarcado como transcendendo o tempo e a cultura existente antes do capitalismo e também mutável com o advento deste. Para entender as opressões das mulheres é preciso olhar a divisão de trabalho na esfera doméstica e pública e ver suas relações: ver como o casamento mais a vida familiar e suas funções limitam o acesso das mulheres ao trabalho remunerado e as mantêm atadas ao casamento para se sustentarem. A ideologia do casamento mais a maternidade são vistas como conciliadoras deste mecanismo.

Durante a apresentação das quatro vertentes clássicas detectei um pêndulo dentro de mim. Ele me move a inclinações que me levam a reconhecer na minha experiência muito do que é expresso nestas teorias. Em cada uma delas encontro verdades, mas não me posiciono inteiramente em nenhuma. Manuela Tavares (2010) afirma por exemplo que inúmeras feministas portuguesas têm uma formação ou pensamento marxista que muitas vezes se misturou com as posições radicais. As correntes se reconfiguram não somente por conta dos desenvolvimentos teóricos quanto em face das mudanças dos contextos e assim também as feministas transitam e mesclam suas posições. A autora ainda ressalta a existência de uma nebulosa área de pensamento onde o contorno teórico das diversas vertentes não se encontra bem nítido, pelo menos não na realidade dos movimentos em Portugal.

Estas escolas que apresentei mais didaticamente são analisadas por Tavares (2010) de modo resumido onde a autora diz que o feminismo radical perdeu peso político, apesar de sua notável contribuição; o feminismo socialista-marxista precisa de atualização teórica e de entender os contributos que recebeu da corrente radical; e o feminismo liberal alargou seu

espaço como reflexo da própria institucionalização do feminismo e do avanço do ideário liberal na atualidade.

Durante o registro destas posições do feminismo encontrei na obra de Tavares (2010) dois termos, o feminismo tácito e o feminismo assumido. O primeiro diz respeito à ação de muitas mulheres que se revoltam contra as desigualdades e discriminações em lutas reivindicatórias de seus direitos em Portugal e em outros países, sem se afirmarem feministas. Algumas autoras citadas na obra atribuem a este fenômeno à despolitização das sociedades estudadas e do debate político feminista não ter contemplado suficientemente as relações de poder entre mulheres e homens. O feminismo assumido pressupõe a consciência expressa de uma defesa do feminismo. Encaixo-me neste, como disse na apresentação, mas já carreguei comigo um feminismo tácito, sem ações no social, era mais um feminismo amordaçado e, portanto, emudecido pela ditadura brasileira na minha experiência juvenil.

Há também os feminismos de terceira onda que apresentam a desconstrução, a diversidade e a fragmentação identitárias como possíveis posições na atualidade. São os feminismos pós-modernos, pós-estruturalistas, o feminismo negro. Este último questionou os alicerces epistemológicos da teorização feminista assumindo que grande parte das análises e reivindicações se baseavam nas experiências das mulheres, brancas, ocidentais e de classe média. As escolas feministas tradicionais uniam as feministas num projeto de sociedade, já o feminismo negro assumiu a pertença a um grupo social somente. Mais à frente na década de 1990 se começou a contemplar de modo multidisciplinar com as autoras Patricia Collins e Kimberlé Creenshaw (que cunhou o termo da teoria da interseccionalidade) a questão da diversidade entre as mulheres (NOGUEIRA, 2017).

A vertente do Feminismo interseccional se refere a uma resposta teórica que tem surgido nos feminismos recentemente pela via desta teoria da interseccionalidade. A teoria interseccional, considerada como um dos trunfos mais importantes no feminismo contemporâneo busca apreender a interação das diferenças que constituem a diversidade na produção de desigualdades. As categorias gênero, raça/etnia, sexualidade, classe social, geração, nacionalidade são analisadas no seu entrecruzamento e compõem a complexidade da opressão experimentada pelas mulheres e representam um desafio de porte para a pesquisa na psicologia. Não encontrei muito material na literatura acadêmica sobre este feminismo, observei que ele vem sendo dito mais facilmente em blogs feministas. O que parece estar mais desenvolvida é a teoria da interseccionalidade amplamente descrita na obra de Nogueira (2017).

5.3 As ondas

Há uma divisão de três ondas (até quatro) que buscam marcar períodos da história do feminismo e foram criadas pelas teóricas feministas de modo a registrar a presença das mulheres no Ocidente. Estas etapas seguem os cânones dominantes e universalizam as próprias ondas impondo o risco de trazer uma percepção que nos debates atuais vem sendo localizada, particularizada em histórias e contextos e seus conflitos (CANAVAE, Doris, 2009). Como foi dito anteriormente, a fundação da psicologia feminista se deu no período da 2ª onda feminista. Parto desta etapa para situar o campo discursivo dos feminismos. Início o trajeto situando como o movimento se deu abaixo da linha do Equador, em vez de seguir a rota do eixo tradicional euro-estadunidense. Sustento esta escolha pela necessidade apontada por Susana Funck (2014) de se fazer um deslocamento epistemológico proposto por algumas feministas latino-americanas. A ideia é que deixemos de pensar influenciadas unicamente pelo pensamento ocidental do hemisfério norte e passemos a adotar um pensamento partindo de nossas experiências nativas e colonizadas no hemisfério sul.

Inspirada pelos textos de Sonia Alvarez (2014) e Clare Hemmings (2009) tomo o cuidado de evitar repetir as versões oficiais ou mitos de origem de modo chapado e perder ou obscurecer a complexidade das histórias das ondas feministas. Detenho-me nos pensamentos convergentes sobre a segunda onda produzidos por estas autoras. Alvarez (2014) vai situar os feminismos no Brasil e por este motivo início com alguns de seus posicionamentos. A autora se refere a um primeiro momento fundacional da “segunda onda” onde o feminismo ainda era conjugado no singular. Havia uma espécie de centramento do campo e o movimento é repassado na versão oficial como sendo considerado mais genuíno. Inúmeras narrativas sobre a movimentação intensa das ativistas voltadas para a oposição e resistência às ditaduras e também sobre o pertencimento destas à luta armada. Dentro do mito de origem é enfatizada a organização autossustentada dos coletivos autônomos das mulheres e suas manifestações nas ruas pelo fim da subordinação da mulher, pelo fim da ditadura militar, pela anistia e os direitos humanos. A palavra de ordem invocada era a autonomia. A autora chama a atenção de que desde o começo, os anos de 1970 se constituíram num campo discursivo de ação heterogêneo e isto significa dizer que os conflitos dividiam as mulheres e produziam dicotomias que a autora denomina de “luta específica-militância autônoma” e “luta geral militância política”.

Hemmings (2009) acrescenta que os anos 1970 eram vistos como a década de menor diversidade, tida como politizada e unificada. A autora põe em dúvida assim como Alvarez, a

ideia de que os anos 70 eram homoganeamente essencialistas na sua perspectiva. Foram travadas ricas discussões sobre raça, gênero e sexualidade naquela década e reside aí a complexidade dos debates feministas que a cronologia historiográfica encobre. Para Narvaz e Koller (2006b) diferentes propostas características de cada uma das fases do feminismo sempre coexistiram, e ainda coexistem, na contemporaneidade. Alinho me aos pensamentos de Hemmings (2009) que empreende uma genealogia foucaultiana para indagar sobre o modo como a história dos anos 70 foi contada e aceita.

Uma outra proposta de substituição das ondas é trazida por Karen Offen (2008) que sugere a metáfora geológica vulcânica que ela explica como sendo por fluxos ou erupções que seriam as ações feministas que emanam das brechas dos sistemas patriarcais.

5.4 Anti-feminismos

A palavra feminismo, produz impacto quando é pronunciada e evoca uma polissemia de sentidos. É um termo histórico que foi e ainda é alvo de ideias distorcidas, preconceitos e estereótipos que o estigmatizam. Está ligado a uma rede complexa de discursos que disputam com maior ou menor saber o seu significado e alcance. Esta aura negativa tem se mantido ao longo das décadas e tem sido eficiente para manter especialmente, uma boa parcela das mulheres, longe de uma possível adesão ao movimento feminista. Mas o que é ter uma posição antifeminista? Esta é uma indagação que pode ter uma resposta simples e complexa simultaneamente. A resposta mais simples e imediata poderia ser a de que posicionar-se de modo anti-feminista significa colocar-se contra o ideário feminista e as pessoas que o representam, no caso as feministas. O que a complexifica é quando se tenta explicar do que trata o ideário feminista e por sequência contra o que pode se posicionar alguém que adota o anti-feminismo em suas ações e discursos.

“Mas afinal o que é o feminismo?” É uma outra indagação que aparece repetidas vezes em títulos de livros e capítulos que se propõe a tratar do tema e talvez seja muito pouco levantada nas conversas cotidianas do senso comum. Como o campo do feminismo é social e político, inclui o ativismo dentro e fora da academia, se transformou ao longo de décadas de atuação em campo teórico que transversaliza os saberes.

Referindo-se tanto ao contexto português quanto ao brasileiro Tavares (2010) explica que ambas, direita e esquerda, se mostraram refratárias ao feminismo, podendo-se dizer que há anti-feminismo tanto no espectro de um lado quanto de outro. A direita posiciona-se contra as

reivindicações do feminismo na busca pela emancipação das mulheres, pois isto significaria maior liberdade para elas e um rompimento com o modelo tradicional de mulher que transita nos papéis fixos – dona de casa, esposa e mãe e uma conseqüente ameaça ao que a direita entende por família brasileira, ou seja, um casal heterossexual, cristão e com filhos. A esquerda entende o feminismo como sendo um movimento conduzido por uma parcela de mulheres intelectuais de classe média, categorizadas de burguesas que não lutariam por todas as mulheres, mas apenas pelo seu próprio círculo de mulheres mais privilegiadas. Isto posto de um modo mais generalista, sem levar em conta o espectro da direita e da esquerda (extrema-direita, centro-direita, extrema-esquerda, centro-esquerda) com suas diferenciações.

As ideias que desqualificavam as lutas perpetradas pelas ativistas se multiplicaram nos períodos de ditadura dos dois países, Brasil de 1964 a 1985 e Portugal de 1926 a 1974. Nesta época o feminismo foi ostracizado pela igreja católica, demonizado pelo regime salazarista, além de caricaturizado na imprensa dos dois países, nas mais diversas formas, etiquetado como um movimento inimigo das mulheres, dos homens e da família tradicional. O Pasquim, jornal carioca de esquerda, famoso por caricaturizar as feministas, protagonizou um momento cáustico no encontro com a psicóloga feminista Betty Friedan na década 1970 quando ela esteve no Rio de Janeiro para uma dupla publicação de seu livro, conforme relato da pesquisadora Ana Rita Duarte (2006). Conhecidos por seus posicionamentos anti-feministas, os cartunistas do Pasquim fizeram de tudo para desestabilizar a ícone do feminismo norte-americano e disto resultou que ela num dado momento da entrevista, jogou para longe o gravador dos jornalistas. Baixada a poeira, eles reconheceram que a conversa com ela foi bastante estimulante.

Na atualidade proliferam-se discursos de ódio nas redes sociais que tentam apequenar e intimidar o movimento e as feministas por indivíduos e grupos sexistas com posições de intolerância ao que consideram ser o ideário feminista, junto com um certo temor em relação às feministas. Desconhecem a vastidão do campo de saber que constitui o feminismo, sua história e seu traço principal que é uma capacidade de auto interpretação, autocrítica e inclusão. Em suma, dissemina-se até hoje a ideia de que o feminismo é um inimigo a ser combatido. O desconhecimento sobre o movimento por boa parte da população contribui para que esta estigmatização seja bem-sucedida em alguma medida.

Se o feminismo se tornou um campo teórico que transversaliza os saberes, principalmente das ciências sociais e humanas, como a campanha antifeminista vem impactando a percepção da psicologia para com as contribuições daquele? Um dos modos que

enfateizei é esta estigmatização que circunda o termo histórico, a tal palavra bicho-papão⁴⁷. Mulheres conceberam um movimento político que carrega consigo esta marca de ser produzido por elas e isto basta para gerar descrédito. Um movimento político reivindicador que mexe com valores diversos nas diversas sociedades onde existe, e são muitos coletivos de mulheres no Brasil (vide mapa⁴⁸ digital), levanta a ira das pessoas que não querem rever seus privilégios. Houve possibilidade de inserção do feminismo enquanto campo teórico nas ciências sociais e humanas pela via dos estudos de gênero. Para adjetivar um campo ou vertente da psicologia, as portas parecem fechadas.

A premissa de onde parti indica as fortes resistências ao feminismo presentes no mundo acadêmico. A resistência da psicologia ao feminismo é ela própria uma extensão da resistência geral ao feminismo na sociedade de que a psicologia é parte constitutiva, como bem afirma Rutherford (2012). Na condição de profissional psi instiga-me pensar a implicação da psicologia na criação da sociedade que o feminismo busca transformar. Abordar a relação entre psicologia e feminismo é adentrar numa seara tensa, num feixe de relações históricas atravessadas por inúmeros elementos de várias ordens e significa também sair dos cânones da ciência tradicional.

Destaco também uma estratégia que começou a se construir na década de 1990 e que busca limitar as transformações propostas e reivindicadas pelos feminismos e pelos ativismos da diversidade sexual, que é o conceito de ideologia de gênero. Este conceito é um produto da análise de ativistas e intelectuais católicas(os) estadunidenses e europeias(eus) com ramificações bem presentes no Brasil e América Latina e apropriado pelo movimento evangélico neopentecostal por meio de suas práticas ativistas. Por meio desta ideologia referem-se com linguagem hiperbólica às reivindicações dos grupos minoritários de poder e aos avanços das equidades de gênero como se estes fossem produzir catástrofes para a humanidade. Presente no repertório desta ideologia está o recurso ao medo, via pânico moral para frear as mudanças jurídicas e sociais propiciadas pelas lutas feministas e LGBTI. Esta estratégia trafega por meio do conceito em organizações locais e em movimentos internacionais de caráter conservador, em diversas nações no mundo. A Igreja Católica mostra-se diversa com uma posição aberta aos direitos das mulheres, em algumas correntes, na extensa gama de produções literárias, blogs,

⁴⁷ Adoto este termo de modo irônico para fazer referência ao feminismo temido pela psicologia inspirando-me em Carmem da Silva (2000) que se refere a ele como palavra bicho-papão.

⁴⁸ <http://www.mamu.net.br>

livros, portais de notícias, o que é utilizado por setores conservadores, de forma deturpada para fazer parecer radicais, os posicionamentos das feministas. (VIGOYA, Mara e RONDÓN, Manuel, 2017).

6 CONVERSAS COM AS PESQUISADORAS

Durante o estágio doutoral na cidade do Porto, nos encontros com o grupo de pesquisa Gênero, Diversidade e Sexualidade a co-orientadora me sugeriu que para me apropriar do campo de atuação da psicologia feminista fizesse contato com algumas pesquisadoras(es) envolvidas(os) com a área. Esta experiência acabou por gerar outra no meu retorno ao Brasil, ou seja, conversas que se estenderam também com pesquisadoras brasileiras. O que segue é o registro destes encontros e os efeitos que produziram no processo reflexivo a respeito do que venho chamando aqui de psicologia feminista.

6.1 Contexto de Portugal



As gaivotas

Para refrescar minha memória deste processo de aproximação com as pessoas indicadas, retomo minha pequena agenda feminista, primeira aquisição na Cidade do Porto, mais precisamente na Confraria Vermelha - livraria de mulheres e que me acompanhou nestes quatro meses de permanência na cidade.

Decidi que faria o primeiro contato com a professora que abriu um sorriso quando anunciei num dos encontros do grupo de pesquisa que era do Brasil e estava às voltas com reflexões sobre psicologia feminista. No entanto, como ela estava com dificuldades de horário isto fez com que eu enviasse um email para a segunda de minha lista. Saí de minha zona de conforto dos percursos percorridos na cidade e fui de metrô para Maia que fica no distrito do Porto, um pouco mais distante do centro histórico. Esta professora de psicologia social e vitimologia me recebeu no Instituto Universitário da Maia (ISMAI) e embora ela tivesse me proposto encontrá-la no seu gabinete, acabei parando no Gabinete de Apoio a Vítimas de Violência no Namoro

onde ela trabalha com sua equipe neste projeto de prevenção financiado pelo governo. Lá conversamos em torno de uns 40 minutos, próximas às pessoas que ali estavam trabalhando, duas psicólogas, uma coordenadora executiva e a outra que é especialista em criminologia. Desta conversa saí com novas reflexões, mas restou um tom sombrio em relação ao futuro da área. Muito embora ela nem tenha mencionado seu projeto mais recente Associação Plano I, um centro de apoio à população LGBT que a deixou muito feliz, eu vim a saber disto ao encontrá-la uns quarenta dias depois no evento “40 anos, 40 mulheres” onde foi homenageada. Neste dia festivo não somente a encontrei mais esperançosa, como também tive a surpresa de rever entre as mulheres homenageadas a livreira da Confraria Vermelha, meu primeiro contato na cidade a fazer um primeiro convite para conduzir uma tertúlia no evento extra-acadêmico, Feira do livro Vozes de mulheres. Em tempo, este evento veio a reboque das comemorações do 25 de abril, dia da liberdade que celebra a revolução dos Cravos, fim do período ditatorial salazarista 1926-1974.

Enquanto a primeira pesquisadora ainda tentava achar um horário para nos encontrarmos, fui a pé ao consultório do pesquisador. Combinamos previamente que seria em seu consultório pois ele gentilmente cuidou da questão da privacidade e silêncio, embora se tratasse de uma conversa para uma pesquisa, ainda assim o acolhimento não foi menor. Este psicoterapeuta fez licenciatura em psicologia e tem uma formação específica em saúde mental. Entremeadada em sua fala há suas passagens pela psicologia comunitária, psicologia clínica, psicoterapia e a pesquisa no doutorado e no pós-doutorado. Ficamos em torno de 1 hora e meia a conversar e com ele se descortinaram alguns cenários onde me apresentou a presença das mulheres em seu percurso profissional, as mulheres reclusas, as mulheres com hiv e a questão da violência doméstica; o impacto da ditadura e da revolução de 25 de abril em sua vida e na sua geração; o reconhecimento gradual da importância da categoria gênero para as questões LGBT; as influências do Brasil e da Guacira Lopes e outras e outros pesquisadores no seu trabalho; sua relação visceral com o movimento LGBT e as inúmeras críticas dirigidas à psicologia que considera negligente com gênero.

O agendamento com a primeira pesquisadora teve de ser remarcado pois viajei para um evento de celebração dos 40 anos da associação União Mulheres Alternativa e Resposta, a UMAR (a associação feminista mais antiga de Portugal) em Lisboa. Encontramo-nos no dia 19 de julho na sala do grupo de pesquisa na U do Porto, espaço em que estive algumas vezes nos meses que antecederam. Nossas conversas tangenciaram sua experiência como docente numa

perspectiva construcionista, o espaço da Ordem das/os psicólogas/os, sua tese onde se assume com uma psicologia transfeminista e seus posicionamentos como psicoterapeuta feminista. Atualmente compõe o grupo de pesquisa Gênero, Diversidade e Sexualidade na Psicologia Social além de lecionar na universidade.

Por fim, a última pesquisadora me encontrou numa estação de metrô e dali partimos para sua casa. Durante a conversa sua gata muito sociável ficava em meu colo, enquanto ela me contava sobre as mulheres ofensoras (como chamam as mulheres que cometem violência⁴⁹) e como ela insere a psicologia feminista nestes espaços prisionais, a criminologia como área de atuação, além de sua experiência de docência como única psicóloga feminista no curso de psicologia.

Todas estas pessoas atuam como psicólogas docentes em universidades, sendo que duas também atuam como psicoterapeutas. A abordagem com a qual trabalham é a psicologia social crítica interseccional sendo esta uma afinidade que marca esta rede. Foram conversas informais que giraram em torno de quatro pontos principais: o campo da relação da psicologia com o feminismo em Portugal; a presença institucional da psicologia feminista; a relação desta psicologia com os movimentos sociais e a existência ou não de psicoterapias feministas. Os nomes utilizados são fictícios, já que nem todas as pessoas concordaram com que seus nomes fossem citados. Nomeei-as como Maia, Gaia, Braga e Trindade. As conversas foram gravadas e autorizadas pelas participantes e depois transcritas e analisadas.

Inspiro-me nas explicações de Fischer (2001) sobre alguns conceitos de Foucault e sua análise de discurso, além dos escritos do próprio filósofo para apresentar as posições que ocupam as participantes e o participante, seus lugares institucionais e seus lugares de fala. Parti para a análise de seus discursos que se multiplicam em muitos. A fala destas pessoas dá lugar a dispersão e a descontinuidade dos sujeitos sociais que são. O que apresento a seguir é uma pluralidade de vozes que falam e são faladas, ou seja, através delas outros ditos se dizem. Do mesmo modo, tenho um objeto de estudo que será falado de muitas maneiras.

Para produzir a análise arquegenealógica dos discursos das pesquisadoras e do pesquisador vou seguir a direção dos pontos que nortearão o processo. Encontrar a rede enunciativa que estrutura o sentido da fala em questão, ou seja, quais são os elementos ditos que permitem resumir em poucas palavras o que foi possível dizer naquela interação. Qual a relação que

⁴⁹ Neonaticídios. Situação em que mulheres matam os filhos logo que nascem.

aquela fala tem com as condições de possibilidade para sua emergência, ou seja, como se relaciona com a história vivida e o contexto sociocultural que marca as experiências de si, isto é, qual a relação que ela estabelece com o jogo de verdades do seu tempo. O que tem efeito de verdade para aquela pessoa e guia suas ações e reflexões - se posicionando com a norma ou na resistência ao campo discursivo que marca a hierarquia de posições na sociedade, por exemplo.

Criei alguns subtítulos que condensam numa certa unidade os temas conversados em cada encontro. São eles: presença institucional; anti-psifeminismo; de que é constituída a psicologia (psicoterapia) feminista?; materialidades; relação com os movimentos sociais; tensionando as psicologias; ausências. Trouxe para esta seção algumas imagens que são efeitos de um pensamento de Foucault que ficou impregnado no meu processo de escrita que é fazer de nossa existência uma obra de arte. Este pensamento se desprende ao lidar com o conceito de materialidades. As imagens compõem com o texto no mesmo plano sem se sobrepor a ele. Elas trazem um fragmento da realidade vivida, em silêncio. Podem romper um pouco com a imaginação das leitoras, ao mesmo tempo que podem alargar seu envolvimento com a minha experiência compartilhada. Queria trazer o colorido emocional para o texto tão presente nas artes feministas. Minha tentativa é fazer como afirma Foucault (1988) sobre a pintura clássica que ao se constituir fora da linguagem falava muito e assim repousava silenciosamente num espaço discursivo.

6.1.1 Presença institucional



Evento 40 anos de UMAR

Tudo é prática imersa em relações de poder e saber: enunciados, visibilidade e instituições. Apresento o grupo pequeno de profissionais da psicologia feminista que se reconhecem como possíveis de “se contarem pelos dedos” (Maia e Gaia) e habitantes de um país que também tem dimensões territoriais pequenas. Ofereço a seguinte medida de comparação: Portugal equi-

vale ao tamanho de Pernambuco, com uma população aproximada da de São Paulo e isto favorece que saibam quem trabalha com perspectiva feminista. As pesquisadoras portuguesas Pereira e Santos (2014) listam os nomes de várias/os profissionais que compõem o corpus consolidado de reflexão feminista em Portugal somando vinte pessoas, ou seja, o equivalente ao somatório do número dos dedos das mãos e dos pés. Sem ser totalizante, deixo uma noção de quantidade que não se pretende fixa, posto que não há informações oficiais na Ordem das/os psicólogas/os portuguesas/es que identifique quem faz psicologia feminista no país.

As falas de Maia, Trindade e Gaia sobre a presença institucional da psicologia feminista foram muito similares. Reconhecem-se como identificáveis, “umas pessoas que fazem isto” e são faladas/os como “aquelas/es que não tem medo e que vão dizer aquilo que a gente não consegue” discursos que se dispersam na “psicologia da investigação, no terreno, na sua própria incursão, nos movimentos sociais” (Trindade). Com uma psicologia feminista cuja presença nas universidades é “tímida” (Maia), “tênue” (Gaia). Braga afirma a não-existência desta vertente na Ordem dos Psicólogos Portugueses e a sua não-assunção como campo de discussão e importância de implicação para a prática. A ordem existe desde 2008 e a psicologia só se institucionalizou depois da revolução de 25 de abril de 1974, com a abertura da primeira graduação superior oficial em 1976 (OLIVEIRA, João; SAAVEDRA; NEVES E NOGUEIRA, 2013).

Maia lembra que a psicologia feminista não está institucionalizada em Portugal, mas há pólos de afirmação na academia e no ativismo. Os estudos de gênero estão, e um exemplo de materialidade disto é o Centro Interdisciplinar de Estudos em Gênero (CIEG) único centro no país sobre as questões de gênero e que agrega algumas pessoas da área da psicologia feminista. Este centro localizado em Lisboa se constitui num espaço de excelência onde tem havido condições de possibilidade para a expansão da psicologia feminista. Neste centro convergem atividades da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) e da Universidade Feminista (ONG) para discutir temas feministas que não são específicos para a psicologia. Na sede do Projeto de Prevenção de Violência no Namoro em Contexto Universitário (dentro de ISMAI), mesmo com um gabinete de apoio às vítimas deste tipo de violência e integrado num serviço maior de atendimento psicológico com seu grupo de trabalho (com perspectiva feminista interseccional) ocupa posição minoritária dentro da zona de conforto da psicologia na universidade. Mesmo não estando instituída a psicologia feminista interseccional está presente na prática destas pesquisadoras que formam a “equipa” e resistem com este projeto, o que se constitui num

efeito de verdade para elas ao se posicionarem na hierarquia de posições dentro do campo acadêmico.

Trindade, Braga e Gaia referem-se à identidade marcada por serem feministas. Maia usa a metáfora das “aves exóticas” importantes de serem mantidas por perto e que são exibidas quando a instituição é avaliada, já que os estudos de gênero estão a crescer na agenda política. Ter no seu corpo institucional um grupo de professoras com este perfil se constitui num valor para a imagem da Universidade que em face disto retrai seu conservadorismo em relação aos feminismos, gerando condições de possibilidade para a permanência delas. No cotidiano, no entanto, Maia reafirma que não são respeitadas na estrutura organizacional.

Braga levanta a questão de que quando não se problematiza e não se discute o que é psicologia feminista, dificulta-se a formação de um campo de legitimidade e valoração. Ao não existir esta designação, não há investimentos na área, não há linhas orientadoras de práticas.

6.1.2 Anti-psifeminismo

Criei este termo para abordar algumas falas das/o participantes no que diz respeito ao estigma que impregna os feminismos e que respinga e encharca quem se envolve com o campo e se mescla a ele, como é o caso da vertente em questão. No corpo da tese abordei os anti-feminismos e aqui mais especificamente, os anti-psifeminismos.

O discurso tem uma dimensão dialógica porque há sempre discursos anteriores com os quais se relaciona. Quando Maia diz que o “feminismo é visto com desconfiança, com algum exotismo e é pouco aceito pela *psi mainstream*” soa muito familiar. Este estigma cola na psicologia feminista que “é erradamente pensada como uma psicologia das mulheres e isto lhe retira valor”, a psicologia política “não tem este pendor negativo, não é posta em causa”. A desqualificação do feminismo tem uma desqualificação de base que lhe antecede que é ser idealizado e concebido por mulheres, mesmo que ao longo das décadas tenha sofrido transformações e se tornado mais abrangente. A pesquisadora Darcy de Oliveira (2003) usa a expressão *Midas ao contrário*, para se referir ao mito grego do rei que em tudo que tocava virava ouro, mas que no caso das mulheres, o “tudo” vira uma outra coisa. O que é feito pelas mulheres e em prol delas ainda se torna alvo de desconfiança e fica descredibilizado, mesmo dentro de espaços de produção do saber supostamente amparados no tripé da neutralidade, racionalidade e objetividade que teoricamente não deveriam ceder a preconceitos e estereótipos de gênero.

Fischer (2001) explica que quando se trata de discurso feminista não se pode falar em tradição de uma área específica, dada a sua transversalidade. Mas seus enunciados têm força de conjunto e se situam como novos campos de saber os quais tangenciam mais de uma formação discursiva. E aqui lembro de vários discursos que compõem esta formação, é a Psicologia que não aceita que uma de suas vertentes se dedique a um grupo social específico (as mulheres) e deixe a neutralidade de lado; no grande campo desta Psicologia, a psicologia política tem estatuto de legitimidade e a psicologia feminista não; o feminismo pós estruturalista questiona o sujeito do feminismo (de que mulheres falamos aqui? as mulheres trans estão incluídas?); o desconhecimento (ou não-reconhecimento) de que o objeto de estudo de uma psicologia feminista inclui os homens nos seus estudos de masculinidades.

Além dos preconceitos e estereótipos, há também a lógica neoliberal que atua como barreira para a expansão do campo como Maia destaca:

Toda a lógica da produção científica é neoliberal não sendo compatível com o ideário feminista e os estudos feministas que são geralmente estudos qualitativos não são tão vendáveis, não são tão comerciais e portanto, não são apelativos neste ponto de vista também. É muito mais fácil nós publicarmos numa área mais próxima das ciências exatas, como uma psicologia tradicional, do que numa psicologia feminista e portanto, como toda carreira está pensada para os resultados estão a publicar em revistas de topo com estudos quantitativos, com grandes amostras a psicologia feminista fica automaticamente limitada porque não tem esta orientação em termos de objeto de estudo. (Fonte: Maia)

Gaia percebe o temor de colegas que dizem “Tenho que cuidar contigo que és feminista” em tom de piadas recorrentes. Há um cuidado maior com a evitação do uso de uma linguagem sexista por parte de colegas da área, mas ela diz que se limita a isso “daí a acharem que coisas de gênero são importantes (...) continuam a achar que outras coisas da psicologia são mais importantes”. Braga cita pessoas que evitam se posicionar como feministas, “são psicólogas que se dedicam à transformação social, aos direitos humanos, não são pessoas que trabalham com gays e lésbicas, é quase uma ideia de um discurso mais polido”. Como diz Maia, muitas pessoas continuam a sentir-se desconfortáveis com o termo feminista e Trindade “(...) basta dizer, feministas, para ser muito mal acolhida pelos psicólogos, por colegas que apontam o dedo de ser muito parcial”.

Trindade fala de uma psicoterapia afirmativa cuja existência encarnada na sua prática produz nos colegas da psicoterapia que levam seus filhos a se trabalharem com ele, as seguintes reações: “O que é que tu vais fazer com meu filho? Tu vais obrigá-lo a ser gay ou lésbica? Vais

obrigá-lo a fazer um determinado caminho trans?” Lembrando que Maia afirmou sobre a psicologia clínica ser a mais convencional de todas, “a mais fechada aos olhares críticos que a psicologia feminista traz com seu discurso pouco aceite e pouco instituído na academia”. Nogueira (2013, 2012) cita a psicologia forense, a psicologia social tradicional, a psicologia da personalidade assim como a psicologia do desenvolvimento como sendo as psicologias mais resistentes às mudanças promovidas pelos feminismos.

Um dos efeitos do anti-psifeminismo se percebe no que Maia aponta. Para ela, as jovens estudantes tendem a se afastar das lógicas feministas que não parecem atrativas já que o feminismo ainda carrega estigmas que maculam a imagem de quem está começando carreira. Uma preocupação para a psicóloga é que sem novas gerações a seguir com os estudos de gênero a área corre risco de extinguir-se. A leitura que faz é de que há uma falha na formação para produzir consciência crítica.

Um outro efeito é a nota que Braga faz “toda gente sente legitimidade para falar de mulheres, homens, feminismo, estruturas de poder, desigualdades de gênero” e seu exemplo se refere às/aos profissionais da medicina. Quem tem legitimidade, quando fala, esbarra nas ideias estereotipadas propagadas de quem falou sem conhecimento e mesmo com formação em gênero, é desvalorizada.” Entende que é importante separar quem tem conhecimento sobre, de quem tem opinião apenas.

6.1.3 De que é constituída a psicologia(psicoterapia) feminista?

Fala-se de uma psicologia feminista de diferentes maneiras. Pode-se identificar lutas e modos de existir no discurso onde se situa Braga que aqui se dispersa nos saberes da psicoterapia, psicologia social crítica e na experiência do ativismo para pensar

A psicoterapia feminista, por exemplo, numa intervenção individualizada psicoterapêutica em que não se esqueça o contexto do conhecer dos fenômenos, por exemplo, quando nós chamamos homofobia, transfobia ou quando temos alguém em consulta que seja homossexual ou transexual ou transgênero ou travesti e que tenha um conjunto de situações por ex no caso da homossexualidade, de uma homofobia internalizada, é perceber ao nível da psicoterapia que aquela homofobia internalizada não é no vazio, não está no vazio, mas nós conhecendo o sistema opressor que é nomeadamente a homofobia social e de toda a sociedade, estrutura que está organizada p exemplo, perceber numa situação de violência de gênero a questão das dinâmicas relacionais e de poder que existem entre homens e mulheres e perceber o pano de fundo do feminismo e daquilo que são as lutas e as estruturas de poder. A nossa intervenção é muito mais complexa, muito mais robusta naquilo que é a intervenção psicológica quer em termos da formação, quer em termos de uma intervenção mais específica porque nos dá um arcabouço que quem não tem este trabalho, esta dedicação para estas áreas não chega a problematizar, ou pode não vir a problematizar para estes lugares e às vezes pode até prejudicar mais do que ajudar nestes processos psicoterapêuticos. (Fonte: Braga)

Cabe às pesquisadoras produzirem esta vertente por conta própria. Apoiam-se num conjunto de linhas meramente da teoria crítica, do construcionismo social, da interseccionalidade, de um conjunto de base que não é da psicologia e que muitas vezes também serve a elas para a intervenção psicológica. “Ela faz todo sentido principalmente quando se fala de determinadas áreas de intervenção psicológica que são centrais como a violência de gênero, as questões da homossexualidade e as questões trans” reflete Braga.

Maia fala em projeto político que ainda não se institucionalizou em face da dispersão das/os integrantes da rede que se isolam em seus nichos de atuação. Há também o entendimento de que esta é uma psicologia que faz a diferença na assunção de uma responsabilidade com a transformação social como afirma Braga “mesmo estando numa psicologia clínica, numa psicoterapia, tendo em conta esta que é muito num modelo afirmativo, num modelo transafirmativo em várias áreas nomeadamente uma psicologia feminista.” A disciplina psicologia e diversidade cultural, que já foi ministrada por Conceição Nogueira, ficou posicionada como disciplina optativa. Há mais de 10 anos as autoras Narvaz e Koller (2007) apontavam no Brasil que a inserção dos estudos de gênero se dá predominantemente na pós-graduação onde a flexibilidade curricular é maior e as disciplinas são oferecidas desta forma optativa.

Braga indaga “se é optativa como é que nós vamos criar uma área robusta de formação desta base central na prática da psicologia em Portugal?” Destaca ainda que há psicologias que têm sido mais privilegiadas que outras, tendo em conta os lugares de legitimidade “quer também a nível de discussão das metodologias quanti e quali, dos posicionamentos mais teórico-epistemológicos que vem destas áreas que a psicologia também tem muito desvalorizado”. Gaia não fala especificamente da constituição de uma psicologia feminista, mas da cadeira que ministra

tem uma parte em que falo das questões de gênero, depois falo da intervenção sensíveis às questões de gênero e depois falo disso na criminologia. Ninguém dá formação de gênero, em lado nenhum, quer dizer, mais facilmente alguém dá formação de gênero fora das universidades do que nas universidades, percebes? (Fonte: Gaia)

Para Trindade o mundo e as pessoas são interseccionais:

o que eu acho que aprendi muito, é que a psicologia só pode ser interseccional para ser psicologia. É o gênero, é a orientação, é a classe social, é a etnia, é tudo o que for importante para a diversidade. (Fonte: Trindade)

6.1.4 Materialidades



Bricolage

Alguns tantos elementos estruturam as atividades e as diversas ações das(o) participante(s) promovendo e sustentando a existência dos enunciados em suas produções acadêmicas, são os domínios não discursivos ou materialidades. Para Foucault (2008) uma das condições para que o enunciado seja considerado como tal, é que ele precisa se sustentar numa existência material que pode ser uma espessura, mesmo que disfarçada ou prestes a desaparecer.

Lembrei neste momento de um símbolo que vi produzido pela técnica de estêncil no chão da Praça da Batalha no centro histórico da cidade do Porto. Havia me sentado para ler o livro *Afinal o que é o feminismo?* e quando pousei meus olhos no chão visualizei uma vulva e seu clitóris carimbados na cor laranja, uma evidência de existência material de um enunciado feminista reconhecível e repetível. Como eu poderia saber que era um símbolo feminista se não havia assinatura? Pois este material é a substância que compõe um dos muitos modos de se reconhecer a circularidade dos enunciados e é marca registrada dos ditos feministas se fizerem presentes em fanzines, cartazes, panfletos, grafite e outras técnicas de arte em espaços públicos. Num lugar central da cidade, circundado pelo antigo cine Batalha, em fase final de reabilitação e onde estava agendada a mostra *Desobedoc* de cinema insubmisso, ali no chão da praça, estava grafitado um símbolo feminista⁵⁰. Foucault vai nos dizer que a materialidade do enunciado é definida pelo status de coisa ou de objeto codificável e que ela interfere na identidade do enunciado na forma de um regime complexo de instituições materiais.

As materialidades que garimpei nas conversas com o grupo português são várias. Os acontecimentos políticos do 25 de abril e da legalização do aborto; os processos econômicos, a crise econômica, a austeridade e os projetos universitários financiados pelo governo; outras

⁵⁰ Nem todas as vertentes do feminismo utilizam a vulva, simbolicamente, como materialidade. Há debates sobre desgenitalizar o feminismo promovidos por pensamentos dissidentes.

práticas como os artigos nos quais as acadêmicas se apoiam e os artigos que produzem; o Manual de Intervenção Feminista com Vítimas de Violência na Intimidade construído a muitas mãos; os guíões de Educação Género e Cidadania feitos pela Comissão de Cidadania e a Igualdade de Género (CIG) e implementados nas escolas; a APA que serve de “guideline”; o Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG) com sede em Lisboa; o CIG; a universidade feminista (ONG); a livraria feminista situada na Rua dos Bragas em pleno Centro Histórico e as atividades que promove; os eventos que celebram os 40 anos da associação feminista UMAR e os 40 anos da CIG incluídas a homenagem às 40 mulheres; a própria sede nacional da UMAR em Lisboa (40 se transforma em um número significativo) e as demais em Açores, Almada, Braga, Coimbra Madeira, Porto e Viseu; a REDE de jovens para a igualdade; as universidades que compõem os espaços de trabalho das pesquisadoras e do pesquisador; o governo; a rede nacional de apoio às mulheres. Nestes espaços institucionais e nas materialidades circulam os enunciados que fazem parte das condições de emergência dos discursos presentes nesta análise.

Maia lembra que precisam em Portugal verter para o papel:

As boas práticas feministas que temos do ponto de vista da intervenção porque acredito que elas estejam a ser implementadas, não são depois do conhecimento público, né? nós tivemos aqui um projeto alguns anos atrás financiado também pelo governo em que dinamizamos um grupo de mulheres vítimas de violência na intimidade e fizemos um Manual de Intervenção Feminista, este manual existe. Mas ele está a ser usado? A ser replicado? Talvez não esteja. Se calhar porque não teve a visibilidade, não teve a repercussão que eventualmente poderia ter e se calhar são estas práticas dispersas que nós temos que organizar e compilar, documentar porque o que não é visível, não existe. (Fonte: Maia)

Diante do elevado número de queixas de mulheres em situação de violência que chega às autoridades, Maia descreve a estrutura de atendimento por meio de um levantamento que recentemente realizou: 120 estruturas de atendimento em Portugal, 39 casas abrigo espalhadas pelo país dentro de uma rede nacional de apoio às mulheres. A média anual europeia de mortes é muito elevada também. As mulheres acima de oitenta anos sofrem violência sexual e quanto mais idosas, mais grave é a violência que lhe é praticada. Esta parte da conversa acionou uma curiosidade investigativa que me levou a encontrar o Relatório Nacional de Portugal – Violência contra mulheres idosas em relações de intimidade um projeto co-financiado pela comissão europeia em 2010 (PERISTA, Heloisa; SILVA, Alexandra; NEVES, Vanda, 2010). Este relatório se constitui em outra materialidade que se desdobra diante da pluralidade de mulheres e das violências que sofrem.

Um acontecimento político trazido por Gaia que se materializa na rede de discursos aqui postos em análise é a legalização do aborto, fruto de uma luta feminista que durou 33 anos (1974/2007) segundo Tavares⁵¹ co-fundadora da UMAR. Gaia traz o tema do aborto enredado nas questões que levam as mulheres a matar seus filhos recém-nascidos. Na sua experiência na área de criminologia Gaia trabalha com mulheres que cometeram tais crimes e para elas fez diferença o antes e o depois da legalização do aborto. Quando o aborto não era permitido as questões que elas se colocavam podia ser assim “ok pronto não tenho condições, se não posso abortar, não sei onde devo ir para fazer o aborto, olha mato quando ele nascer”. Depois da legalização fica mais difícil justificar estas mortes. Além disto, Gaia explica que fazer um aborto legal não é algo fácil do ponto de vista das exigências feitas às mulheres que são em grande parte pertencentes às classes mais baixas e nestes meios não são bem vistas se fizerem aborto mesmo que optem pelo meio legal. Elas têm que passar por consultas com médica(o), com psicóloga(o), voltar para casa, refletir e voltar aos setores. Todas estas etapas para estas mulheres não são de fácil realização, “portanto estão sempre sem saída” conclui Gaia.

Maia pontua que “com a crise econômica, com a austeridade, com os retrocessos do financiamento na área das ciências sociais nós andamos uns passos atrás” e entende que seria importante um reencontro com seus pares para fazerem uma leitura mais atualizada do cenário. Foucault (2008) fala de uma materialidade repetível que caracteriza a função enunciativa que faz aparecer o enunciado como um objeto específico e paradoxal. Esse mesmo objeto é produzido, manipulado, utilizado, transformado, trocado, combinado, decomposto e recomposto e até destruído pelos seres humanos. Com isso e ao mesmo tempo os enunciados circulam, entram em redes, se colocam em campos de utilização servem a muitos propósitos e dentre outros entram na ordem das contestações e das lutas, tornam-se tema de apropriação ou de rivalidade.

A psicologia feminista se divide em psicologia, feminismo e gênero e percorre os espaços de atuação das pesquisadoras e pesquisador: ora vemos Gaia trazendo o modo como usa a psicologia mais e o feminismo menos, quando se debruça em entender a maternidade como é construída por aquela para entender as mulheres reclusas e as questões que atravessam suas vidas e também as mulheres ofensoras e a relação com o aborto. Maia com vistas a se reconectar com seus pares e discutir sobre os feminismos na academia, e a situação econômica do país e

⁵¹ Informação fornecida durante o workshop conduzido pela feminista, em Braga, no qual participei em julho de 2017.

talvez inserir numa próxima vez a psicologia feminista, pensa o trabalho que venho produzindo “talvez nos dá algumas pistas para esta reflexão...”

Na ordem das lutas que Foucault aborda localizo um dito da pesquisadora “a brecha é a coesão e a união de quem está na área (...) um pólo agregador das diferentes pessoas dos diferentes interesses, acho que teremos algo, uma força coletiva. Enquanto nos mantivermos cada um nos seus nichos de atuação vamos ter muita dificuldade em nos afirmarmos”. Braga lembra o privilégio de algumas psicologias sobre outras:

Há um conjunto de várias que têm sido privilegiadas, outras desvalorizadas tendo em conta estes lugares, quer também a nível de discussão das metodologias quanti e quali, dos posicionamentos mais teórico-metodológicos que vem destas áreas que a psicologia também tem muito desvalorizado que vai acrescentando e cada vez mais há um crescendo de valorização de determinadas áreas, mas ainda está no meu ponto de vista, muito aquém do que aquilo que deveria ser o conhecimento da profissão das áreas mesmo. Por exemplo, na ordem dos psicólogos portugueses, tal ordem da psicologia em Portugal, não existe por exemplo, a psicologia feminista. (Fonte: Braga)

6.1.5 Relação com os movimentos sociais



25 de abril de 2017

Abril, de novo, com a força do povo. O povo, unido, jamais será vencido (3x). Agora e sempre, abril está presente (3x). 25 de abril sempre, fascismo nunca mais (2x). Para nós e muitos mil, viva os valores de abril (3x). O povo, unido, jamais será vencido (3x). 25 de abril sempre, fascismo nunca mais. Abril, de novo, com a força do povo (3x). Abril e o mundo novo é a vontade do povo (3x). Distribua-se por igual, a riqueza nacional (3x). Não queremos mais injustiças sociais (3x). Agora e sempre abril está presente (3x). 25 de abril sempre, fascismo nunca mais. O povo, unido, jamais será vencido.

As palavras de ordem no dia 25 de abril de 2017, na Avenida dos Aliados foram entoadas pela multidão presente, entre cravos vermelhos de papel crepom. Materializei-as em mp3 e em fotos. Esta data é relembrada todos os anos e tem especial importância para as mulheres.

Em 25 de abril de 1974 é derrubada a ditadura que durou 48 anos e instaurado o regime democrático em Portugal. “As mulheres soltam os gestos e as palavras nos movimentos sociais que despertam por todo o país” (Tavares, 2010, p 684). O espaço para a consignação de seus direitos nas leis do país é aberto e assim destacam-se: a constituição de 1976 que consagra a não discriminação em função do sexo; o código civil de 1978 que consigna igualdade de direitos entre mulheres e homens na família. As mulheres passaram a ser reconhecidas como cidadãs, a ter acesso a todas as profissões, direito de votar, de ter conta no banco, de ter passaporte e de poder sair sem ter que ter a permissão do marido. Alio-me ao pensamento das autoras Nogueira, Saavedra e Neves (2006) que afirmam o modo como um país lida com os direitos das mulheres como sendo um bom barômetro do seu desenvolvimento.

O acontecimento político do 25 de abril teve seus efeitos na vida das mulheres, no movimento feminista, na psicologia e em outras esferas da vida da sociedade portuguesa. A UMAR se constitui a partir de 1976 e vinte e um anos depois o ativismo LGBT. A situação política do país sofreu os efeitos de quarenta e oito anos de ditadura, da aliança religiosa e de uma guerra colonial que moldou a sociedade de modo conservador. Houve um desenvolvimento tardio das ciências humanas e sociais, assim como retardou a entrada do feminismo na academia apesar das mudanças na legislação que foi se tornando mais igualitária para os gêneros com o súbito processo de democratização. A psicologia feminista foi “inaugurada” no país em 1997 com a primeira tese de autoria de Conceição Nogueira e supervisão de Lígia Amâncio (OLIVEIRA, SAAVEDRA, NEVES E NOGUEIRA, 2013).

Trindade integrou o movimento LGBT em Portugal desde o seu início há vinte anos; foi o primeiro a fazer doutorado sobre questões dos gays e lésbicas iniciando seus estudos em 2001. A influência da esquerda no meio familiar; ter nos pais uma geração que o antecede e viveu a ditadura; ter nascido pouco antes de eclodir a revolução de abril; ter tido uma mãe “mais revolucionária que o meu pai”; ter desenvolvido um senso mais rebelde em suas ações contra imposições de gênero e patologização de comportamentos “não pode usar brinco, então vou usar” foram condições de possibilidade para Trindade tornar-se um sujeito questionador, um ativista no movimento LGBT e um pesquisador dedicado às questões da diversidade. Sobre a interação da psicologia com o feminismo ele diz:

As intervenções comunitárias, as intervenções do grupo, as intervenções com as comunidades têm uma atenção à dimensão da escuta e sobretudo da dimensão da clínica, na escuta. Até portanto, a comunidade e o quanto as mulheres e o feminismo têm em algumas das suas vertentes obviamente, uma contribuição

maravilhosa para a emancipação e portanto para uma crítica forte ao diagnóstico, ao viés intrapsíquico enfim, a toda uma perspectiva crítica que nós não tínhamos aí do feminismo e os feminismos, obviamente. (Fonte: Trindade)

Braga considera que

A teoria feminista nos aproxima da produção da ciência quando falamos em movimento feminista e teoria feminista, é o que está a sustentar o conjunto de estruturas e pilares. A partir da produção de conhecimento se pode explicitar o que é o feminismo e o que significa se assumir feminista e pensar sobre as intervenções feministas e a violência de gênero. (Fonte: Braga)

Para Maia, a psicologia feminista tem alguns pólos de afirmação na academia e no ativismo também, “porque as pessoas que estão na academia, simultaneamente estão no ativismo, grande parte de nós. Portanto aqui, esta aliança que nem sempre é pacífica, entre o conhecimento científico e o ativismo”. Gaia não fez menções sobre os movimentos sociais, mas afirmou considerar-se mais feminista do que psicóloga.

Uma bandeira importante dos feminismos é o enfrentamento da violência contra as mulheres. Neste grupo português, os estudos sobre este fenômeno da violência constituem um nó que une esta rede. Parece que o objeto que se apresenta como o mais fundante para a psicologia feminista é a violência de gênero, ela emerge como objeto de estudo nas práticas destas pesquisadoras e deste pesquisador. As condições de possibilidade são muitas que foram se constituindo com a democratização do país e o pioneirismo das antecedentes, Conceição Nogueira com sua tese e Lígia Amâncio com a introdução dos estudos de gênero. Embora a ditadura tenha sido derrubada, as desigualdades de gênero persistiram e com elas as violências.

Maia trabalha com jovens no projeto de prevenção contra a violência no namoro em contexto universitário, leciona a disciplina de vitimologia e psicologia social. Dentro da área da criminologia por meio da psicologia e do feminismo Gaia trabalha com as mulheres de classe social baixa que cometem violência contra seus filhos, matando-os, o que parece ser um efeito de um lugar que ocupam onde pesa sobre elas uma carga de pressão gigantesca de vulnerabilidades. Braga abraça as questões trans e as travestilidades e se conecta ao Brasil durante seu doutorado e isto afeta seus estudos criando um vínculo afetivo com o Sul do país. Trindade envolvido com as questões da diversidade e a população LGBT desde o começo do movimento em Portugal em 1997, questiona firmemente a psicologia e sua negligência quanto ao gênero e a patologização dos sujeitos. Este pesquisador também esteve no Brasil no seu processo de doutoramento e se contagiou com a ideia de “sulear”. A experiência na América do Sul, mais

precisamente no contato com a professora Guacira Lopes, a quem faz menção carinhosa, abriu e consolidou uma ponte para o intercâmbio entre o pesquisador e autoras e autores dos trópicos.

O grupo de pesquisa diversidade, gênero e sexualidade recebe pessoas do Brasil em estágios de mobilidade sanduíche, estão acostumados conosco. Fui notando em Portugal a presença do Brasil. Nós estamos representados lá de muitos modos e somos admirados e amados⁵² enquanto cultura. Nossa música toca nas ruas, nas feiras de antiguidade ao ar livre, nas lojas. Eles sabem sobre nós, nossa história, nossa política, nossas novelas; nos citam e compreendem muito bem nosso português. E sim, no grupo de pesquisa o acolhimento foi alegre, assim como a disponibilidade para as entrevistas, para a continuidade de encontros futuros e para adições em facebook. Estar lá significou olhar o Brasil do ângulo europeu e experimentar um distanciamento que fica num entre, longe-perto.

6.1.6 Tensionando a(s) psicologia(s)

Situaram-me sobre as tensões que a psicologia feminista enfrenta ao transbordarem críticas sobre o saber psicológico nas mãos de profissionais psis que se encontram impregnadas(os) de preconceitos e estereótipos quanto a gênero e identidade de gênero. Coladas(os) a um modo positivista de fazer psicologia que destitui um tanto de sua humanidade não parecem reconhecer suas lógicas assépticas.

O pesquisador considera que são pouco numerosos os que investigam sobre as minorias e alega um cansaço coletivo de uma psicologia que continua a fazer bandeira da patologia, da inferiorização do sujeito discriminado, de ditar quem é e quem não é doente. Acrescenta que “há discursos horrorosos sobre a cura gay também em Portugal” e há uma forte resistência à despatologização das identidades trans. As pessoas continuam a ouvir dentro do espaço terapêutico aquilo que as oprime: mulheres que não cumprem a maternidade; que são promíscuas; os gays que são efeminados; os trans binários (“O que é isto?”) o desconhecimento dos psis sobre suas questões; os estereótipos do “homem de verdade” e da “mulher de verdade”.

Do ponto de vista dos movimentos sociais Trindade relata as muitas lutas, pela consignação formal de uma série de direitos desde 1996 com o reconhecimento constitucional, insti-

⁵² Ouvi relatos de colegas que foram hostilizadas por questões de xenofobia. Vivi uma situação pontual num bar chamado Pinguim. De um modo geral, no entanto, a hospitalidade foi calorosa e educada.

tucional, organizacional de proibição da discriminação com base na orientação sexual. Atualmente a luta é mais em relação à questão das identidades de gênero e da população trans. E aqui pergunta: de que lado está a psicologia? Uma inquietação de uns poucos que com ele estavam no ativismo era se escutavam o sujeito, se estavam ao lado da pessoa pobre que não tem para onde ir quando é espancada. “Nós estamos de facto a ouvir as diferentes diferenças dentro da dita diferença?”

Questiona a falta de consciência histórica da categoria psi a respeito da importância dos movimentos LGBTs para o seu exercício profissional. E vai mais além afirmando que foram os movimentos que fizeram o trabalho mais importante, que a questão trans não é uma questão da psicologia em primeira mão, é uma questão das pessoas e dos movimentos. E por fim numa lógica integrativa o pesquisador fala de seus sentimentos e leituras ao cruzar os movimentos, os feminismos, as questões de orientação as questões afirmativas. Considera inacreditável que a psicologia “não queira para as pessoas aquilo que elas querem, que é tudo, que é o sonho de qualquer pessoa, de ter o céu”.

6.2 Contexto do Brasil

Só mais duas noites e é isso. Vida que anda e no movimento cruzamos os espaços, as fronteiras, os tempos. É preciso chegar em casa, na outra casa, para ir sentindo quem é o novo eu-pesquisadora transformada. Mas vai ser preciso cruzar outras esquinas, o reencontro é gradual, espantoso. Os indícios, os sinto. As intensidades deixaram marcas, a textura da pele mudou, o extraordinário bateu na porta, as pupilas dilataram, houve batalha e eu ganhei. Mas não ganhei sozinha, a sororidade andou junto e quase sempre. A Gloria me disse, a Steinem. Nós mulheres seremos tratadas como piada de mau gosto pelas hostes do *status quo*, se escolhermos nos comportarmos como seres humanos plenos. Desafio aceito, companheiras de viagem de mãos dadas. Não volto só. 30 de julho, um quase adeus ao Porto gótico. Adeus é melancólico, mas é isso mesmo, separar dói.

E assim fui me preparando para retornar ao país de origem, ao contexto brasileiro. E nos reencontros de orientação fomos redesenhando os rumos da tese. Decidimos que para poder construir um estudo sobre o contexto brasileiro e fazer articulações com o contexto português seria importante entrevistar três ou quatro pesquisadoras brasileiras envolvidas com psicologia feminista. A escolha delas, assim como o critério a reger tal escolha foi se configurando de modo que consideramos que o envolvimento delas com a temática e sua atividade na área da

psicologia, docência e prática clínica seriam os pontos principais. O contato foi intermediado inicialmente pelo orientador e a seguir fui tratando por email com cada uma, a ideia da conversa e as combinações possíveis para realizá-la.

Diferente do processo de encontro com as pesquisadoras portuguesas que se deu pessoalmente, com as brasileiras situadas em Goiás e no Rio de Janeiro conversei via Skype e avisei-as que um aplicativo havia sido instalado previamente de modo a poder gravar a conversa que elas já haviam aceito que fosse feita. Com a pesquisadora que mora em Porto Alegre o contato se deu presencialmente em seu consultório. Os encontros não foram permeados pela cidade como personagem de fundo, não havia mais o contexto de viagem apenas de familiaridade. Todas eu conhecia à distância por meio de suas produções acadêmicas.

A primeira conversa aconteceu com a pesquisadora Lenise Borges às 9h da manhã de uma segunda feira. Foi animador iniciar a semana com este primeiro compromisso no dia. Nossa conversa durou em torno de 1h. Havia feito um contato com ela há mais tempo, antes da qualificação. Ela me foi indicada por Spink para responder a questão: quem são as psicólogas feministas ativas no Brasil? Minha pergunta foi feita a reboque de um comentário pinçado na obra desta pesquisadora que mencionei nas preliminares do esqueleto da pesquisa. Fazer este novo contato com Lenise significou uma aproximação com uma pesquisadora que fundou em 1987 juntamente com outras mulheres a ONG feminista Transas do Corpo inspiradas na experiência do SOS Corpo sediada na cidade do Recife nordeste do país e para quem o feminismo surgiu antes do envolvimento acadêmico.

Lenise também se engajou nas questões das mulheres no movimento da saúde durante a implantação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) quando por meio de uma médica sanitarista teve seus primeiros contatos com o feminismo. A psicologia já lhe apresentava questões sem resposta dentro da saúde pública e da saúde mental. Seu encontro com teorias feministas aconteceu em 1994 quando fez seu mestrado em Deen Haag na Holanda no *Institute of Social Studies* onde as discussões baseadas nas teorias de Butler já fervilhavam. Sua abordagem na psicologia é a social construcionista o que lhe permite uma interlocução maior com o feminismo. Reconhece-se mais como educadora do que como psicóloga.

Quase ao fim do doutorado encontro a autora dos primeiros textos que me conectaram com a psicologia feminista e que antropofagizei, literalmente, durante minhas incursões no centro de referência para mulheres em situação de violência, há 4 anos. Conversar com a psicóloga Martha Narvaz aproximou-me da terapeuta clínica que trabalha com enfoque feminista e se

reconhece convicta de que é possível trabalhar com tal perspectiva, embora tenha sido bastante questionada na fase de sua formação em terapia de família. Seu embasamento teórico foi um dos elementos que constituíram as condições de possibilidade para sua prática.

Desloca-se da capital para o interior dividindo-se em inúmeras atividades na universidade. Além da prática docente cotidiana e em cursos de extensão se encontra envolvida com cursos de especialização e no consultório com atendimentos individuais, de casal e família. Em seu relato percorre seus espaços principais de atuação na militância, seja em parcerias com políticos da cidade, engajamentos em campanhas da ONU mulher, palestras ligadas às questões das violências contra as mulheres. O trânsito por coletivos feministas é trazido para a conversa, assim como suas tensões.

Por fim, converso com Amana Mattos que compartilha sua experiência na pesquisa-ativismo, categoria que nomeia sua prática na docência como psicóloga que trabalha com gênero e sexualidade na intersecção com raça. A psicologia feminista de Amana tem origem na psicologia política, na psicologia do desenvolvimento crítica e no feminismo interseccional. À frente de um grupo de pesquisa chamado DEGENER⁵³ a pesquisadora que é professora da licenciatura em psicologia afirma seu interesse na formação de professoras e professores com quem promove oficinas de gênero e sexualidade. A sua polifonia discursiva está marcada pela presença do feminismo, da psicologia e da pedagogia. Nossa conversa se estendeu por dentro e por fora do mundo acadêmico como numa faixa de Moebius. Com ela vislumbrei uma pesquisa do CNPq⁵⁴, o mundo das alunas e alunos estagiárias/os do grupo de pesquisa e as professoras do ensino básico com quem pensa em conjunto questões de educação, assim como o movimento feminista, a Marcha das Vadias.

Embora dois dos encontros tenham se dado pela via possível do skype, menos caloroso do que um face a face, como foi no consultório com a pesquisadora de Porto Alegre, a experiência como um todo pode ser resumida em uma palavra: expansão. Com cada uma das pesquisadoras me senti avançando no tempo e no espaço pelas institucionalidades em que atuam ou que tem alguma relação. Não havia o cenário da viagem, como na experiência anterior de Por-

⁵³ Núcleo de Pesquisa e Desconstrução de Gêneros

⁵⁴ Pesquisa do Programa Mulher e Ciência: CNPq (2014) mostra que, entre os cientistas com até 40 anos, são seis homens para cada mulher no nível mais alto do CNPq: apenas 22 pesquisadoras com menos de 40 anos estão no mais alto nível de bolsas de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), contra 136 homens. As faixas etárias de menor representatividade feminina coincidem com a idade fértil. http://cnpq.br/noticiasviews/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/5648344

tugal, ainda assim foi um tipo de viagem que aconteceu pelos corredores da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e da UERGS (Universidade do Estado do Rio Grande do Sul), da PUC de Goiás (Pontifícia Universidade Católica), por uma pesquisa do CNPq, por diversos coletivos feministas, pela PUCRS, pelas campanhas do *he for she*, pela UFRJ. A viagem no tempo me transportou à década de 1980 e ao cenário das políticas públicas para as mulheres e a criação de ONGs. Também fui conduzida para a periferia do Rio de Janeiro, para os Cras de São Luís do Maranhão e para as escolas de ensino básico. Fui impactada neste caminho pela violência sempre presente contra as mulheres e as lutas para que pudessem fazer cirurgia, aquelas mulheres que sofrem deformações no rosto vinda das foices de seus “companheiros”.

Não diria que o cenário da viagem brasileira foi mais difícil de empreender, posto que saber das violências sofridas pelas mulheres idosas nas terras lusitanas foi bastante indigesto. No entanto, aqui onde tremula a bandeira verde amarela o processo foi despido de maiores intensidades. Voltei com as palavras ditas num evento na U do Porto ecoando em meus ouvidos: o Brasil é o país que mais mata pessoas trans. Esta intensidade me atingiu. Ouvir tal declaração quando se está longe do país de origem, produz um impacto emocional peculiar. Estar de volta ao centro histórico de Porto Alegre, sem segurança básica nas ruas, com pessoas dormindo sob o viaduto que é cartão postal da cidade, nada tem em comum com o centro histórico da Cidade do Porto, aquele que não carrega o adjetivo alegre, mas poderia.

6.2.1 Presença institucional



UERJ

Na universidade fica nítido para Lenise que seu propósito seria fazer dos lugares que viesse a ocupar, um lugar para disseminar a importância do feminismo e da discussão de gênero, embora com dificuldade. Segundo ela, as pessoas percebem a importância, mas continuam com muito medo da discussão do feminismo e é difícil bancar as discussões de feminismo e gênero sozinha na psicologia.

A dificuldade de afirmação da psicologia feminista é que outras disciplinas obedecem a uma espécie de cânone que tem que ser puro, menos misturado, tem que ter linhagem. O feminismo é menos comprometido com bancar uma categoria, se permite misturar, no sentido da *bricolage*, das diversas possibilidades que o conhecimento pode oferecer. (Fonte: Lenise)

Para Martha:

como o feminismo não combina com neutralidade, a psicologia feminista não é nominada no Brasil, na academia limitam-na porque é terreno apolítico, na psicologia porque esta se propõe ser neutra e na clínica por esta ser ainda mais fechada. (Fonte: Martha)

Amana criou uma disciplina na graduação baseada na sua experiência de pesquisa que se chama “a produção de gênero na escola”. Nos nomes dos grupos de pesquisa e da sua disciplina a categoria gênero e sexualidade circulam e materializam a presença institucional.

Não são exatamente um objeto de estudo, nem uma metodologia tá certo? É uma categoria que pode ser preenchida de diferentes maneiras. Eu entendo e disputo esta categoria o tempo todo, não tem mais nada que eu preencha hoje que eu não assinalo isto, certo? Eu trabalho no campo dos estudos de gênero e sexualidade, isto é ponto pacífico. E acho que a gente, sim, tem que disputar, colocar isso na UERJ. Na psicologia, por exemplo, tem pelo menos dois grupos que vem trabalhando isso, o LIDIS⁵⁵ lá do CLAM⁵⁶ da Anna Uziel e o DEGENEREA. (Fonte: Amana)

Lenise traz a oscilação entre a questão do desejo e do poder de inserir certas discussões na instituição.

(...) eu ministro disciplinas na pós-graduação. Geralmente eu faço inserção de discussão de feminismo, discussão de gênero, tento juntar. Têm aquelas disciplinas, tópicos especiais, temas e aí faço uma espécie de, divido né, hora faço uma discussão mais teórica que outra coisa também esta própria discussão do construcionismo social na graduação e na pós também é totalmente estranha no ninho. Como o construcionismo dialoga mais com as teorias pós-modernas, isso não é visto com bons olhos. Aí eu tento fazer um pouco este jogo de trabalhar, difundir um pouco o que são estas ideias do movimento construcionista e sempre juntando com as ideias do feminismo, da discussão de gênero. Então, se você for analisar as

⁵⁵ Laboratório Integrado em Diversidade Sexual e de Gênero, Políticas e Direitos

⁵⁶ Centro Latino Americano de Estudos em Sexualidade e Direitos Humanos

ementas, essa produção precisa aparecer em algumas iniciativas concretas. Tento fazer com que apareça dentro da graduação e da pós com este tipo de discussão. (Fonte: Lenise)

As tensões aparecem nas disputas de sentido onde temos de um lado, o construcionismo social, o feminismo, as teorias pós-modernas e de outro a psicologia dominante. Lenise lembra que sua tese ficou conhecida como uma tese mais feminista do que construcionista.

Mas isto é bom ou ruim? Aí depende né? pra que lado você tá querendo que se afirme e a outra coisa é pensar que se, por um lado o nome te dá um pouco mais claro o caminho pra quem tá procurando a gente, também tem que pensar que pra alguma coisa ser procurada é preciso que ela exista antes. Quer dizer, hoje eu acho, eu fiz uma edição das minhas linhas de pesquisa pra também que aparecesse mais claramente gênero, pra alguém chegar. Mas cada vez mais vejo os alunos que têm chegado a mim, chegam por outras vias não, vamos dizer assim, porque tão lá e da graduação, mas porque lá o que existe assim, mais consolidado é a psicologia experimental. (Fonte: Lenise)

Uma tese que fica conhecida como mais feminista produz um efeito discursivo no campo acadêmico, ocupa uma posição. O sujeito-autora marca um lugar que rompe uma tradição, cria sulcos num território que pouco aceita o feminismo. Além disto, finca uma “bandeirinha” indicativa também nas ementas e assim visibiliza um campo de saber e produção e permite a aproximação de alunas e alunos, encurtando-lhes o caminho na procura dos estudos de seu interesse.

6.2.2 Anti-psifeminismos

Amana exemplifica o quanto a categoria gênero está estigmatizada no cenário conservador do país atualmente “gênero eles tomaram como um espantalho mesmo, como o Rogério Junqueira tem falado, um sintagma, ideologia de gênero, teoria de gênero, e tal para bater. Gênero virou inimigo.” Ela usa mais as categorias gênero e sexualidade e sobre elas discorre.

Lenise afirma que o feminismo e o gênero são considerados excentricidades na universidade que ocupam lugares mais marginais. “A gente não é a regra, somos muito poucas, muito poucos.” Esta fala dialoga com o que Martha diz:

Mas é sempre assim, são uns grupelhos que ficam tentando, esperneando, se não é assim instituído, incorporado, digo assim, na graduação, nos institutos, é um grupo dumas malucas feministas lá que inventam as coisas e ok parece que eles toleram, mas é sempre assim, é uma concessão. (Fonte: Martha)

Martha também compartilha o lugar “mal visto” que experimenta onde quer que esteja como psicóloga feminista. Não conseguiu vaga numa dada universidade no campo da psicologia por ser feminista e no feminismo mais *hard* é considerada “perua” porque usa batom e outros elementos de um dos múltiplos modos femininos de se comportar. Estas áreas (academia, feminismo, clínica psicológica) se constroem de forma isolada e tem formas de legitimação próprias que excluem outras. Martha não se vinculou à psicanálise pois optou pelo feminismo “ou tu tens que abortar o feminismo, ou tu abortas o Freud.”

Lenise diz que as(os) alunas(os) lhes são indicadas(os) por quem sabe que ela trabalha com gênero. É assim que tem funcionado já que “todo este sistema também é muito perverso, na coisa de trabalhar muito linearmente dentro de categorias já estabelecidas e legitimadas, e isso faz com que você não tenha realmente muito espaço, muito lugar.”

Amana afirma que mesmo dentro do campo da construção da ciência como sendo enviesada por questões políticas, “se você mulher quer estudar gênero, sexualidade, não é dito, mas é reiterado todo dia, que isso não vai dar certo”. E complementa afirmando que o mundo da ciência é muito hostil às mulheres, por isso muitas cientistas são reticentes em usar a categoria feminismo. “A questão do gênero define onde você transita e onde não”. Para ela, há um duplo trabalho a se empreender: explicitar como é que se produz algo que está naturalizado para depois combater. Bandeira (2008) alerta para as resistências ainda existentes no campo científico contrárias a presença de mulheres e isso faz ressonância com a fala de Amana. Segundo Bandeira (2008) isto deriva de uma produção científica historicamente construída e considerada como um domínio reservado aos homens e que se evidencia quando se observa o número sempre menor de mulheres do que homens nos postos de maior poder. Estas resistências provavelmente se intensificam quando as produções partem de perspectivas e de pesquisadoras auto-declaradas como feministas.

6.2.3 De que é constituída a psicologia(psicoterapia) feminista?

Amana apresenta sua psicologia feminista como um fazer que tem origem numa interface com a sociologia, a partir da psicologia política e da psicologia do desenvolvimento crítica. Aponta Erica Burman⁵⁷ que se localiza fazendo uma psicologia feminista, como sendo uma

⁵⁷ Psicóloga e pesquisadora feminista que trabalha com abordagem da psicologia crítica do desenvolvimento radicada na Inglaterra, trabalha na Universidade de Manchester.

autora central durante seu doutorado para ela construir suas discussões sobre a infância e a juventude. Este fazer “tem significado mais uma construção de programas de cursos que tenham mais da metade no mínimo de textos escritos por mulheres, com destaque para produções de mulheres negras.” Esta psicologia de Amana não é um objeto, uma disciplina, uma área, um campo, um rótulo, uma categoria, mas um fazer que se apoia nas materialidades tais como seu mestrado e doutorado, os escritos de autoras, nos projetos em que está envolvida e tem uma estrutura que direciona a perspectiva com a qual trabalha na universidade com as alunas e alunos “é o chão, a partir do qual eu construo os meus estudos, pesquisas, orientações”.

Fazer psicologia feminista para Amana, também faz parte de um outro discurso que não é o psicológico, nem o feminista, mas o pedagógico “assim o tratar a psicologia feminista não pode ser simplesmente incluir textos e aulas expositivas sobre isto” e sim “trabalhar com práticas pedagógicas transgressoras.” Os discursos da psicologia, do feminismo e da pedagogia se entrelaçam produzindo uma interdependência e assim Amana traz seus desafios que têm sido poder construir um programa fazendo uma crítica à avaliação escolar dentro da academia pautada na reflexividade das teorias feministas e dos feminismos.

Lenise não explicita a constituição de uma psicologia feminista, mas com o que trabalha. Ela insere discussão de feminismo, de gênero e de construcionismo social no seu programa de aulas.

6.2.4 Materialidades



Obra de Manuela Tavares na Biblioteca Municipal Almeida Garrett

As materialidades no fazer de Amana estão mais relacionadas com as oficinas de gênero e com a categoria sexualidade dentro de um subprojeto de psicologia do Programa de iniciação à docência da Capes, com artigos que escreve, com pesquisas que trabalha e produz, com sua participação no GT na ANPEPP. Amana opta por privilegiar a escolha de produções não acadêmicas escritas por mulheres negras com a inclusão de blogs e literatura, o que dialoga com o

pensamento foucaultiano sobre os enunciados serem povoados em suas margens de tantos outros enunciados, da afirmação da luta de diferentes campos de poder-saber e também da análise arqueológica que valoriza enunciados discretos e não se preocupa com a solenidade da ciência (FISCHER, 2001).

As ementas de suas disciplinas estão impregnadas de feminismo interseccional do mesmo modo que Lenise faz referência às ementas que dão concretude à tentativa de fazer existir, abrir espaço e visibilidade para as discussões da psicologia com esta perspectiva feminista; os artigos e o pertencimento à ANPEPP também são apontados. Artigos também são mencionados por Martha e um livro antigo sobre terapia feminista. Envolve-se com conselho universitário, com associação, cursos de extensão, palestra e para ela isto é “militância ainda.” Participou da comissão dos direitos humanos e cidadania e esteve envolvida também com Raul Carrion às voltas com um projeto que foi aprovado para prioridade de atendimento de cirurgia plástica para mulheres em situação de violência na saúde, no SUS e com Edegar Pretto político que implantou a frente parlamentar dos homens pelo fim da violência contra as mulheres com quem também fez parceria.

6.2.5 Relação com os movimentos sociais

Amana traz sua experiência nos movimentos estudantis e na Marcha das vadias para sua narrativa. Retorna a participação na Marcha não como pesquisadora, mas como ativista. Ela faz esta separação e compartilha os aprendizados que teve:

[...] construir, participar daquela quebradeira que é organizar marcha e discutir... e tretas e mais tretas e ver assim a olhos vistos né o racismo, o classismo dentro do movimento, as heterogeneidades todas, as ambivalências, as pessoas fazendo cagadas, vc se vendo fazendo cagada tb (...) aí eu aprendi uma coisa, ninguém me explicou isso mas eu vi, eu acho que tem gente, têm mulheres fazendo coisas muito mais feministas, sem usar esse termo e tem um monte de pesquisadora que se coloca a partir desse lugar, entendeu? mas que na hora do vamo ver, reproduz todas as lógicas hierárquicas. (Fonte: Amana)

Martha destaca as “tretas” dos movimentos feministas, os tensionamentos diversos, as diversas vertentes e as siglas partidárias. Entende que as próprias feministas (ou parte delas) ocupam um lugar de patrulha ideológica que não seduz as pessoas a conhecer o feminismo e isto justificaria a pouca adesão das cientistas brasileiras. Posiciona-se contrária a todo tipo de opressão especialmente entre feministas. Acha que é importante disseminar o conhecimento

sobre feminismo por meio das formações nas universidades. Participa das discussões do movimento *he for she* da ONU mulheres. Considera fundamental a relação com os movimentos sociais, em particular com o feminista, “Eu só sobrevivi estes 30 anos que tô formada graças aos movimentos feministas de grupos né? se não a gente sucumbe, tu não tens força, tu não aguenta.” Ao mesmo tempo que o pertencimento injeta forças também desestabiliza frente às opressões, efeito dos patrulhamentos. Admira a perspectiva da Marcha das vadias e seu feminismo mais anárquico. Trabalha com um coletivo feminista chamado Maria Baderna com perfil mais marxista.

Lenise se refere a sua estratégia de sobrevivência que tem sido as diversas parcerias que vem estabelecendo em universidades e com integrantes do Transas do corpo. Ela não se restringe à comunidade da Universidade onde trabalha. Ela relembra uma discussão que estava acontecendo na época de seu mestrado na Holanda:

O nome do nosso curso era *Master in Women and Development* e aí tava entrando mais fortemente a discussão de gênero e a discussão era “vamos adotar *gender and development*” porque gênero é uma categoria mais palatável e mais assumida como científica e assumida institucionalmente do que *women* que seria mais associado aos movimentos sociais, ao próprio feminismo, né? que não tem este status né? ou esta posição mais institucionalizada como gênero. São brigas, disputas de poder, disputas de sentidos que vem, que remontam essa própria tensão entre o que é conhecimento válido, o conhecimento legítimo e aí né? E aquilo que não é válido ou aquilo que não é legítimo aí a gente tem uma discussão sobre ciência né? (Fonte: Lenise)

6.2.6 Tensionando a psicologia

Lenise percebe com um certo incômodo que a tradução de gênero hoje, está mais dentro da discussão das sexualidades e as questões dos feminismos vêm sendo subsumidas. Além disto, há mais autoras internacionais sendo requisitadas para essas discussões do que autoras brasileiras como Ângela Arruda das representações sociais do Rio de Janeiro e Sandra Azerêdo da UFGM “estas mulheres têm uma importância para essa discussão no Brasil” lhe parece importante fazer uma historicização disto. Pensa se “a nossa fragilidade da psicologia nestas discussões contribui para isto”. Aqui talvez tenhamos uma questão geracional influenciando este posicionamento que não apareceu nas pesquisadoras mais jovens.

Amana evita ir com seu grupo de pesquisa pelo caminho normatizante ou patologizante da Psicologia que considera ultraconservadora. As tensões que levanta são as que têm acontecido nas discussões no seu gt da ANPEPP, sobre valer a pena (ou não) brigar por disciplinas

obrigatórias de gênero e sexualidade no currículo de psicologia. Ela menciona também o debate na Educação e a suposição de que eles tenham um outro posicionamento. A pesquisadora questiona “a criação por decreto de uma obrigatoriedade num cenário conservador” e pensa que “o tiro pode sair pela culatra.” Nas disciplinas obrigatórias e também nas eletivas que leciona, a categoria gênero e sexualidade é discutida. No seu grupo de pesquisa e também no LIDIS do CLAM se trabalha com estas categorias e se promovem estas discussões sem colocá-las como objeto principal.

6.2.7 Ausências

Ao descrever o critério para escolher as pesquisadoras brasileiras pontuei o envolvimento com a psicologia feminista como um elemento decisivo. Venho evocar e presentificar o que chamo aqui de ausências, ou seja, aquilo que não aconteceu ou que eu esperava que de alguma forma se materializasse, seja na nomeação de uma disciplina ou apresentação identitária de alguma das pesquisadoras, em vista de pistas anteriores.

Tenho perseguido os rastros de uma psicologia feminista e isto tem a ver, em parte com a influência das produções de algumas das pesquisadoras com quem travei contato. A pesquisadora de Goiás está à frente da pesquisa Mapeamento de práticas de pesquisa-intervenção feminista no âmbito da psicologia social no Brasil: um estudo a partir das práticas discursivas. No entanto, quando conversamos, a pesquisa que se constituiu num elo de aproximação não foi mencionada, se quer uma vez, por nenhuma de nós. Como isto pôde ter escapado?

Com a pesquisadora do Rio de Janeiro o que produziu a aproximação foi um de seus artigos intitulado *Feminist psychology – researches, interventions, challenges* publicado por ela em revista internacional, além dela ter me sido indicada como alguém reconhecida neste lugar de psicóloga feminista. Durante a conversa ela me convocou a não involucrar o campo, rachou a palavra e vem afirmando sua prática com os termos gênero e sexualidade.

6.3 Análise dos Contextos de Portugal e Brasil

Estrangeira em Portugal. A experiência de um doutorado no exterior me colocou diante do país que colonizou o Brasil e diante da realidade das mulheres portuguesas que também se vêem em situação de violência. Levei um bom tempo para ir tirando os medos naturalizados e incrustados dos ombros e que foram sendo sacudidos nos movimentos do corpo viajante. Nesta terra pacífica também há hostilidade para com as mulheres e nem as idosas com mais de 80

anos são poupadas. Ao voltar de uma ida ao teatro à noite senti de perto o que é viver a experiência de ter um corpo de mulher neste país. Ouvi, em alto e bom som, de um rapaz que estava alcoolizado junto com outros cinco, a seguinte fala dirigida a mim “Ah...peregrina de Fátima” enquanto eu empurrava a bicicleta ladeira acima em direção a minha casa. O papa havia visitado o santuário de Fátima recentemente e isto se agregou ao pensamento do jovem com atitude invasiva. Apesar do seu tom jocoso, um alerta acendeu-se dentro de mim enquanto abria a porta do prédio para entrar. Este micro momento é uma partícula que põe em xeque a segurança idílica deste país pequeno e expõe as garras cravadas nas relações de gênero. Isso conecta os países no pior dos dois. Portugal ocupa o 21º lugar no ranking da igualdade de gênero no índice de 2015 com 56 pontos quando a média para a União Europeia é de 66,2. O ranking avalia os 28 países da UE em seis domínios: trabalho, dinheiro, saúde, educação, tempo e poder. A questão da violência⁵⁸ é tratada como um domínio-satélite posto que nas questões anteriores se busca igualdade e na questão da violência busca-se a erradicação.

A psicologia e o feminismo se aproximam, enlaçam-se pelos discursos e pelas ações das pesquisadoras unidas no enfrentamento deste fenômeno. Que as novas gerações de psicólogas e psicólogos precisam se engajar na continuidade destas ações, dentro e fora da academia, é um dos ditos a serem reiterados na terra *brasilis*, onde os índices de violência contra as mulheres também são elevadíssimos. Reside um alerta da rede portuguesa de pesquisadoras: há que se prosseguir com o trabalho das psicólogas feministas antecessoras. Há um temor de que a psicologia feminista seja erradicada e a continuidade do trabalho que a rede portuguesa inaugurou não seja mantida pela nova geração de psicólogas.

Volto para o Brasil quatro meses depois e reexperimento a sensação de olhar com olhos novos a pátria amada, cada vez menos idolatrada. Difícil o processo de retomar o medo de andar nas ruas e fazer as mesmas coisas de sempre, depois de ter aliviado a carga de insegurança no país lusitano. A intensidade vivida nos meses do estágio me abastece de disposição para debruçar-me sobre a tese e entrar em contato com as pesquisadoras brasileiras. E assim vou tecendo as impressões, abordando as tensões, registrando as incertezas, as ausências e o que parece se articular no circuito analisado. Dos artigos que garimpei no estudo exploratório sobre o campo acadêmico brasileiro, retomo a informação das autoras Toneli, Adrião, Perucchi (2013) que

⁵⁸ Para uma dimensão mais aprofundada recomendo o link do Instituto Europeu <http://eige.europa.eu/rdc/eige-publications/gender-equality-index-2017-measuring-gender-equality-european-union-2005-2015-report>

advertem sobre a vertente da psicologia feminista ser pouco conhecida no Brasil e na América Latina. Por outro lado, nos Estados Unidos, no Canadá e em alguns países da Europa tais como Portugal, Espanha e Inglaterra ela é bem ativa.

A psicologia feminista parece estar mais estabilizada em Portugal, o grupo de pesquisadoras e pesquisadores envolvidas/os com estudos de gênero é pequeno assim como país, o que facilita sua identificação. No entanto, queixam-se de um certo isolamento e afirmam a não institucionalidade da disciplina em si. Há uma certa homogeneidade na escolha teórica pois todas se amparam na psicologia crítica interseccional. Embora os estudos de gênero assim como o corpus de pesquisadoras/es envolvidos seja considerado reconhecido, ainda estão numa margem que as/os distingue das(os) que trabalham com a versão dominante da psicologia. Talvez possamos dizer que ocupam uma posição de resistência política nos seus espaços institucionais. Num âmbito mais amplo, para além deste grupo há desacordos internos como observa Nogueira (2017) em relação a escolha da designação psicologia feminista versus psicologia de mulheres; essencialismo versus construcionismo social e gênero versus diversidade na opressão das mulheres.

Outras nomações para o termo psicologia feminista são afirmadas: psicologia transfeminista, afirmativa e culturalmente sensível. Não ficou muito evidente qual é o objeto de estudo da psicologia feminista, exceto o objeto fundante que é a violência contra as mulheres. A pista que há é que o gesto de resistência política se volta para uma crítica constante à própria Psicologia mais do que talvez a afirmação de um campo ou objeto.

Fundada desde 2008, a Ordem dos psicólogos em Portugal é uma instituição nova com um posicionamento conservador que não reconhece a psicologia feminista é que é apontada neste grupo. A psicologia em Portugal ficou silenciada no longo período da ditadura e quando ressurge, vem colonizada numa ordem positivista influenciada pela psicologia norte-americana.

Algumas universidades parecem conceder espaço para a presença de uma psicologia com a perspectiva feminista interseccional a partir do posicionamento de professoras e professores sensíveis a estes estudos. Tais profissionais podem criar disciplinas ou simplesmente introduzir as discussões de gênero durante as aulas, no entanto, as disciplinas ou as discussões deixam de existir quando saem da instituição se nenhuma outra professora ou professor der continuidade a ela. Não há obrigatoriedade da disciplina nos currículos de psicologia.

Parece similar com a rotina que as pesquisadoras brasileiras apresentaram. Há também uma certa solidão no processo de inscrição de uma perspectiva feminista no terreno acadêmico

e dificuldades para manutenção de suas propostas. Uma certa concessão vai sendo feita pelas instituições universitárias mediante às resistências e afirmações das pesquisadoras e pesquisadores, junto com reiterações não explícitas que desacreditam que pesquisadoras possam levar adiante discussões sobre gênero e sexualidades na academia. Diferente de Portugal que tem a ordem como uma instituição mais conservadora, no Brasil os conselhos produziram pesquisas recentes sobre o perfil da psicóloga brasileira o que abre espaço para que a categoria psi se reveja na sua relação com os estudos de gênero e a sua formação quase inexistente.

A ANPEPP é um outro espaço institucional brasileiro onde se discutem questões que incluem as categorias gênero e sexualidades. E também a ABRAPSO espaço importante de produção de conhecimento que acolhe estudos de gênero e feminista. Parece não haver instituições equivalentes em Portugal. O que o país lusitano apresenta de modo mais assentado é a conquista da democracia que viu emergir nos últimos quarenta anos associações feministas, ong universidade feminista, CIEG, comissão de cidadania e igualdade de gênero, a rede de jovens para a igualdade. As universidades e a ordem dos psicólogos são espaços institucionais que não foram tão porosos à entrada do feminismo mesmo com a democratização da sociedade portuguesa. Não se pode esquecer que Portugal pertence à União Europeia e muito menos, as políticas públicas que são promovidas tais como: A Carta das Mulheres, a Estratégia para a Igualdade de Homens e Mulheres e o Pacto Europeu para a Igualdade de Género (RÊGO, Maria do Céu, 2012).

Em ambos os países o termo feminista ainda é estigmatizado, assim como a categoria gênero que na onda de retrocesso conservador que assola o Brasil também é alvo de intolerância, especialmente, por psicólogas cristãs e pessoas fora da academia. Isto tem efeitos na nomeação da psicologia feminista que não é assumida, nem suficientemente reivindicada, embora praticada dentro e fora da academia de modo disperso no Brasil.

Embora ambos os países tenham passado por períodos de ditadura, somente um dos pesquisadores de Portugal fez menção a isto. As pesquisadoras brasileiras tangenciaram acontecimentos do momento político atual. Embora a ditadura portuguesa tenha tido seus efeitos em retardar a institucionalização da psicologia, os aspectos econômicos do país e a inércia estrutural do sistema foram eleitos como principais fatores que atrapalharam seu desenvolvimento. O que temos é uma psicologia menos comprometida com um perfil de esquerda e que assumiu uma feição mais tradicional constituindo-se assim de modo menos ameaçador aos regimes totalitários. As condições de possibilidade para que emergisse uma psicologia numa perspectiva

mais positivista de forte influência norte-americana se deu no período de 1975 no período pré-acadêmico onde grande parte da cátedra universitária era formada por psiquiatras, neurologistas e professores universitários egressos de exílios na França e Bélgica (OLIVEIRA, SAAVEDRA, NEVES, NOGUEIRA, 2013).

As pesquisadoras portuguesas indicaram alguns de seus artigos que descrevem o posicionamento da psicologia crítica feminista no contexto histórico português desde sua emergência de 1997 para cá, marcada pela primeira tese feminista produzida por Conceição Nogueira e supervisionada por Lígia Amâncio. A primeira é considerada, portanto, pioneira na psicologia feminista e a segunda é a introdutora do campo de estudos de gênero na psicologia social na década de 1990. De acordo com Oliveira, Saavedra, Neves e Nogueira (2013) além de sete teses de doutorado (até 2013) apoiadas na psicologia feminista que afirmam, enquanto materialidades, a legitimidade e a vitalidade deste campo científico e também constroem seu desenvolvimento, alguns eventos se deram em Évora, Lisboa, Maia, Braga (Portugal) e Oviedo (Espanha) respectivamente.

O VI Simpósio Nacional sobre Investigação Psicológica em 2006, com duas sessões com doze apresentações nesta área, entre contribuições teóricas, atividades de pesquisa e projetos de intervenção; o Congresso Feminista de 2008 que teve aproximadamente 500 pessoas, com momento de afirmação para a Ciência feminista em geral e para a psicologia feminista, em particular; em 2009, o Seminário interdisciplinar sobre gênero e ciências sociais que definiu a importância dos estudos de gênero, dos estudos feministas, dos estudos *queer* e LGBT no âmbito da psicologia portuguesa, contou com uma importante participação das (os) pesquisadoras(es) do campo da psicologia feminista. O VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia na Universidade do Minho em 2010 acolheu duas sessões de psicologia feminista divididas em dez apresentações. Houve também um Simpósio sobre psicologia crítica e feminismo *queer* com cinco apresentações e outro de Gênero e masculinidades com seis apresentações e por fim o VII Congreso Iberoamericano de Psicología em 2010 na cidade de Oviedo, onde foi organizado um simpósio de psicologia feminista com cinco apresentações.

As falas das pesquisadoras brasileiras sobre suas experiências com a perspectiva feminista trazem uma dispersão maior, não parecem estar tão articuladas entre si, cada uma numa região distante da outra, no país de dimensões continentais. Lenise chegou a citar algum trabalho de Martha em algum momento mas seus objetos não parecem estar ligados por um nó co-

num como o grupo português que se une também por um começo que se originou com a pesquisadora Conceição Nogueira com quem três delas tiveram orientação, todas elas situadas na região norte do país. A questão da violência contra as mulheres perpassa os discursos das pesquisadoras brasileiras diluindo-se nas questões de saúde mental das mulheres com hiv; na opressão entre mulheres feministas via patrulhamento ideológico; no conservadorismo do mundo acadêmico que abre pouco espaço para o feminismo; na reprodução de lógicas hierarquizantes nas relações dentro da academia; na hostilidade do mundo da ciência para com as mulheres. A violência contra as mulheres tem se sustentado assim nos ditos do que acontece nestes espaços por onde transitam.

Nenhum evento foi citado de modo a marcar a existência de um campo de psicologia feminista e não parece haver preocupações com a inexistência deste campo ou com o futuro da perspectiva por parte das brasileiras. Em comum nos dois países, a psicologia clínica vem sendo considerada como a mais fechada à influência do feminismo.

Parece haver preocupações com o cenário conservador atual do Brasil e o entendimento de que mais do que a categoria ou o nome o que importa é se produzir discussões sobre gênero, feminismo e sexualidades nos grupos e que isto se espalhe onde quer que a psicologia esteja presente. Marcar a visibilidade da perspectiva se materializa nas ementas, nas oficinas, nos nomes dos grupos de pesquisa e na existência destes grupos que disputam a perspectiva feminista. Isso é o que parece estar produzindo efeito de verdade para elas.

6.3.1 A rede enunciativa



People for the Ethical Treatment of Animals

Quando exercito a reflexão para pensar na rede, o que a constitui, quais são seus enunciados centrais e quais os que estão em disputa, primeiro preciso deixar formar na mente o desenho desta rede complexa de relações onde transitam discursos que se movem entre campos. Dei-me conta de que toda vez que se falava na rede, pensava numa rede grande de pescar. No

entanto, dentro de mim também disputavam espaços: a teia de aranha, uma rede de frutas e uma malha de tricô. Já observei *in natura* algumas teias na floresta da Tijuca e elas sempre me impressionaram mais pela aranha. Há um quê de fragilidade na aparência das teias que não se confirma, posto que os fios são muito resistentes, mais que nylon e outras fibras sintéticas. Seu desenho remete à dimensão da complexidade do feixe de relações que venho estudando. Mas ela é feita só por um indivíduo-aracnídeo. A rede que visualizo é coletiva.

As redes de frutas que conheci são pequenas, em geral feitas de nylon, bem flexíveis, articuladas, se prestam ao propósito de sustentar muitas frutas pesadas, mas a rede precisa sustentar corpos maiores, de mulheres que se debatem, que morrem, que lutam e as relações de força belicosas que impregnam as disputas de sentido. Os laços precisam resistir. E nesse fluxo de pensamento a malha de tricô parece sem a flexibilidade que busco. Ela aquece, cobre, protege, se esgarça e vem carregada de afeto das mulheres ancestrais e suas artes manuais. Mas não. A rede, precisa ter e manter flexibilidade, força de sustentação, extensão, os nós. Foi quando achei a foto das ativistas do *People for the Ethical Treatment of Animals* PETA⁵⁹ simulando-se de mortas numa rede de pescar. É isso. Na rede precisa caber ativismo.

Enquanto teço este texto, me debato em compreender cognitivamente os conceitos e articulá-los e simultaneamente trago meu mundo imagético para compor, mulheres estão morrendo e nossas redes de enfrentamento à violência contra elas no Brasil estão sendo corroídas todos os dias pelos políticos sexistas com suas ações⁶⁰ anti-mulheres. Gilles Deleuze (2010) afirma que na filosofia de Foucault a imagem do pensamento tem diferentes níveis e significa primeiramente ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até o que ele chama de visibilidades e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados.

Ao conversar com as pesquisadoras e o pesquisador do contexto português fui percebendo que ali havia uma rede conectada pelo nó principal que é o objeto/fenômeno, violência de gênero. A figura de uma psicóloga feminista pioneira, cuja abordagem teórica, a psicologia social crítica interseccional, se torna referência principal para estas pessoas que orbitam em torno dela, é um outro nó. O grupo de pesquisa de gênero, diversidade e sexualidade é um ponto

⁵⁹ É uma organização não governamental estadunidense fundada em 1980. É constituída por mais de 2 milhões de membros e se dedica aos direitos animais.

⁶⁰ PEC 181/15 Proposta de Emenda Constitucional aprovada recentemente em Comissão Especial na Câmara dos Deputados, pode tornar crime o aborto nos casos que hoje constituem exceção à lei penal, como o de gestação resultante de estupro.

de encontro e trabalho de duas das pessoas com quem conversei e provavelmente foi das outras também. O elemento unificador dos discursos não é o objeto psicologia feminista, mas o modo de fazer psicologia feminista que foi sendo construído do que se disse da psicologia feminista. Embora venha ocupando um lugar periférico, a psicologia feminista vai sendo performatizada e se configurando numa posição de resistência política nas universidades onde as pesquisadoras e o pesquisador vêm atuando.

Diversos enunciados circulam indicando em Portugal a periferia que a psicologia feminista ocupa: o lugar tênue na academia; o não reconhecimento pela ordem dos psicólogos; resistências contrárias ao feminismo, ideologia versus ciência. São enunciados de psicologias de campos distintos, psicologia dominante versus psicologia social crítica; são enunciados do feminismo, são enunciados da pedagogia. E há disputas de sentido, de um lado o construcionismo social, o feminismo, as teorias pós-modernas e de outro, a psicologia dominante. O uso de autoras nacionais (nos dois países) e produções de mulheres negras e uso de literatura menos acadêmica como blogs (no Brasil) numa margem e na outra, as autoras internacionais. Dentro do campo da psicoterapia em Portugal as disputas conservadoras sobre o *homem de verdade* e a *mulher de verdade* versus diversidade sexual são mencionadas. O uso de rótulos/jargões na academia e uma preocupação menor com as categorizações no feminismo; a questão da obrigatoriedade de gênero no currículo de psicologia: “ter ou não ter, eis a questão”. Psicoterapia feminista versus psicoterapia tradicional; psicanálise feminista versus psicanálise tradicional; as várias disputas que fervilham dentro dos feminismos para as populações LGBTQI (Lésbicas, Gays, Travestis/Transgêneros/Transexuais, Queer, Intersex); questões da prostituição e pornografia, os ditos temas insolentes que a categoria indisciplinar abraça (PEREIRA e SANTOS, 2014). A desqualificação das mulheres feministas e das psicólogas feministas; patrulha ideológica nos feminismos, ou seja, a opressão das feministas sobre outras feministas. A disputa das categorias, classe social versus gênero discriminadas como legítima, a primeira e menos legítima, a segunda. Outra disputa diz respeito à questão da pluralidade metodológica versus método puro (canônico). Opressão dentro dos consultórios das(os) profissionais psis regidos pela heteronormatividade que oprimem suas (seus) pacientes de grupos minoritários, em Portugal.

Em relação às pesquisadoras do Brasil, o que ficou da conversa com elas parece ser fragmentos da rede. O contexto geográfico brasileiro já esgarça as distâncias localizando cada uma destas pesquisadoras em áreas bem distintas: centro-oeste, sudeste e sul. Os elos entre suas

práticas têm relação com as violências contra as mulheres, mas não estão diretamente conectados com elas, parecem mais dispersos no espaço acadêmico. As pesquisadoras estão em grupos de pesquisa que têm aproximação com outros grupos de pesquisa e/ou coletivos feministas por elas mencionados, mas ainda assim há um sentimento de solidão presente. Talvez façam parte de pequenas redes que se conectam em aglomerados maiores na ANPEPP e na ABRAPSO, mas não pude tateá-las de modo mais dimensionado. Com as portuguesas ficou evidenciada a conexão delas, quando uma me disse que já sabia que eu tinha estado com a outra! Comunidade pequena de pesquisadoras e pesquisadores é parecida com vida em cidade do interior como afirmam Pereira e Santos (2014).

Teço esta escrita e penso e desejo que as relações de força se estendam entre todas(os) nós neste processo de produção desta tese. Assim como fui mobilizada pelas conversas das pesquisadoras, que meu contato com elas e com ele tenha movimentado suas reflexividades. Ampliar as ideias e usar o pensamento como estratégia para transformar a nós e nosso campo psi nesta arqueogenealogia do presente. Finalizo pensando no que mais estará sendo enunciado nesta época de agora nestes contextos português e brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em algum momento do processo de escrita desejei que minha tese fosse se transformando numa obra de arte. Fortemente inspirada pelo pensamento de Foucault, pela liberdade de escrita e também por ter ouvido na oficina *Termine sua tese* que a tese éramos nós mesmas, pensei que se ela-e-eu, fôssemos o reflexo uma da outra, faria sentido chegar a um certo platô. E isto significava dizer que a vida de uma pessoa, no caso a minha, estaria aqui registrada nesta trama de ideias relativamente bem organizada. Na minha utopia incessante o que eu fui querendo é que esta obra continuasse se transformando em algo minimalista.

Ao fazer as últimas releituras, lembrei de Gloria Anzáldua e Donna Haraway, teóricas feministas que têm uma escrita muito peculiar. A primeira cheia de emoção faz de seus textos composições caleidoscópicas onde há espaço para poesia e um idioma próprio, o chicano. Ela convoca a si mesma a enfrentar seu medo maior que é o de não escrever e ao fazê-lo constrói seu poder por meio de uma escrita vigorosa que deixa como um legado⁶¹ híbrido para *nosotras*. A segunda me impactou com seu humor cáustico e suas metáforas que geram potência para suas narrativas políticas que propõem um afastamento das narrativas científicas masculinistas. De modo mais discreto, inseri meu modo poético de me relacionar com as experiências que se tornam textos e que por vezes também são mordazes, numa escrita acadêmica, o que era impensável antes de conhecer o trabalho destas pensadoras-ativistas.

O processo do doutorado e a tese em si me levaram por caminhos tortuosos a fazer uma travessia em dois campos imensos e complexos, o da psicologia e o do feminismo. Foram muitos os impactos que fui sentindo à medida que avançava e lia novas autoras e participava das aulas e compunha pequenos textos, ia produzindo problematizações e muitas reflexões. Os desmontes das produções no grupo de pesquisa foram fundamentais para experimentar desconstruções diversas e compor em conjunto no plano do pensamento. A concretização na escrita das novas ideias era comigo, a fazedora era eu. Minha turma e meu orientador eram meus portos seguros.

Outros impactos tiveram seus efeitos direto na veia e aqui me refiro aos contatos com as pesquisadoras e o pesquisador da rede de Portugal e com as pesquisadoras brasileiras. A dimensão das lutas empreendidas no cotidiano da vida acadêmica, assim como os fragmentos

⁶¹ Sugiro a leitura do seu ensaio: *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Encontra-se nas referências.

de histórias pessoais entrelaçadas ao contexto histórico dos países em questão me fizeram reconhecer minha pequenez diante dos fatos. Foi como estar no *Grand Canyon* e saber-me subitamente grão de areia. Sem exageros. Estava ali com minha experiência de psicóloga-psicoterapeuta-corporal com algumas perguntas norteadoras, diante daquelas pessoas envolvidas há anos em grupos de trabalho nas suas associações de pesquisa e com seus grupos de formação. A minha experiência na academia se resume ao mestrado e ao doutorado e na ânsia de defender/disputar/reivindicar a legitimidade de uma psicologia feminista, quase me esquecia disto. Contagiada pelo fervor dos debates epistemológicos, pelo histórico da inserção da categoria gênero na academia e pelas histórias da movimentação feminista, me sentia também movida a transformar e assim me fui transformando-me junto ao caldeirão intelectual-ativista. Quando conversava com cada uma e um me sentia numa relação horizontalizada, pois estava junto àquelas pessoas mais experientes naquela área de atuação, construindo reflexões, sendo constituída por aqueles momentos interativos e também afetando.

Escrever as considerações finais de uma tese é bem diferente de fazer as considerações de um artigo, ou mesmo de uma dissertação. Ao olhar para as páginas que as antecedem o que há são quatro anos de dedicação que se posicionam como uma camada espessa de experiências condensadas na pequena e potente palavra: Tese. O que dizer quando se chegou neste ponto? O que me vem neste processo reflexivo é o que segue.

O feminismo não se institucionalizou na academia com todo seu potencial de produzir rupturas e fazer revolução, considerado ameaçador pelo *status quo*. Os estudos de gênero, por sua vez, avançaram, ganharam corpo e transversalizaram alguns campos de saber, dentre eles alguns minoritários na Psicologia, como a psicologia social crítica. A psicologia não se deixou nominar feminista no Brasil e não se institucionalizou em Portugal, embora lá, carregue consigo a adjetivação e tenha pólos de atuação garantidos.

Há uma fidelidade ao projeto de modernidade por uma parcela de psis, tanto no Brasil quanto em Portugal, que apoiam e reiteram uma psicologia apolítica. Este dizer apolítico é um ato político em nome da manutenção do *status quo* e do poder disciplinar de normalização que atravessa o fazer psi. A psicologia feminista, afetada não somente pelo feminismo, mas também pelo pós-modernismo e seus aspectos anti-racionalismo, anti-individualismo e anti-universalismo traz consigo uma posição que rejeita tal projeto iluminista. Neste ponto vejo erguer-se sua maior potência e seu maior obstáculo. A ciência ainda se mostra hostil às mulheres e suas ambições de carreira, logo a pretensão de um campo feminista na psicologia, não importa

qual seja o objeto de estudo, não importa se a especificidade deste objeto estiver bem definida, se por A+B a psicologia feminista provar que tem um objeto de estudo bem construído, acredito que continuará ainda encontrando resistências, por um bom tempo, para se afirmar com este nome. A psicologia feminista é um projeto de igualdade (ou seria uma construção de equidade?⁶²) atento à diversidade que se opõe à Psicologia. Esta igualdade-equidade na Ciência, ou seja, uma posição mais democrática onde as mulheres (em toda sua pluralidade) possam realmente galgar postos de poder não tem interessado muito ao sistema. Então, fecham-se as portas para uma psicologia que possa, dentre outros objetivos, vir a serviço disto. A disciplina-dissidente pode ser reconhecida em práticas psicológicas dispersas fora do campo acadêmico e em campos minoritários como o campo da psicologia social crítica, dentro de um campo maior da psicologia social, no Brasil. Em Portugal, ela é a psicologia social crítica – feminista. No universo dos campos de saber, se fosse um planeta, seria o asteroide B 6 I2 do Pequeno Príncipe – pequeno e não suficientemente habitado. Mas, diferente deste, está longe de ser uma ficção.

Na arena acadêmico-política em que acontecem as disputas de saber, as ideias anti-feministas estão tão bem disseminadas que as próprias pessoas que abraçam as bandeiras de luta do feminismo na psicologia se preservam em alguma medida e voltam-se para suas lutas individuais. Torna-se mais importante ter uma atuação admirável nas mesas redondas dos congressos do que desenvolver uma atitude dita “antipática” e “chata” de reivindicadora que aponta ou questiona por exemplo, a linguagem sexista utilizada nos próprios conselhos de psicologia ou o fato de que não há uma mulher negra presidindo a coordenação de algum grupo de trabalho. Preserva-se a própria imagem e alterna-se para a posição de um feminismo tácito. Há um engendramento da máquina ou das armas ideológicas que criam e mantêm a estigmatização do termo feminista e um temor sobre seu uso é incorporado, assim como as ações feministas dentro de certos espaços são dosadas ou mesmo evitadas. Há também quem evite ter seu próprio nome associado ao termo bicho-papão, dissociando sua identidade pessoal da profissional.

As garras do biopoder me parecem ter algo a ver com tudo isto. Eu sei que não usei este conceito foucaultiano ao longo da tese. Mas ele brotou em minha mente como um fruto fresco colhido quando ainda me espreguiçava numa manhã dos últimos dias de 2017. Intrigou-me o

⁶² A equidade é um outro termo presente em discussões mais despidas do viés neoliberal. Há parcelas de populações de mulheres que precisam ter direitos garantidos para poder desfrutar de igualdade. Cotas na política, por exemplo.

fato de que mesmo com pouca familiaridade com um conceito, este tenha surgido como uma possibilidade explicativa. Talvez uma parcela de seu significado possa ter ficado em mim e me auxilie a articular algumas ideias. Como um dispositivo que age sobre nossos corpos (ou nos conduz a agir) presente nas relações de poder enraizadas no conjunto da rede social, o efeito que pode ter sobre nós é este. É o poder em ação sem testemunhas. Ninguém diz diretamente não use a palavra feminismo. Mas quando ela é dita é comum se produzir (no mínimo) algum micro movimento facial, um certo desconforto paira no ar e os tensionamentos nas sobrancelhas denunciam o impacto produzido.

Penso que as pessoas que lutam pelo feminismo e pela psicologia feminista, neste ponto me incluo num acontecimento específico, em alguma medida são pinçadas pelo biopoder. Uso também o conceito para justificar um esquecimento insólito. Ao conversar com uma das pesquisadoras brasileiras, a pesquisa que mapeia e analisa práticas discursivas sobre pesquisa-intervenção feminista no Brasil, não foi sequer mencionada. Ela também não lembrou de comentar a própria pesquisa. A interlocução, que rompe a solidão tão mencionada por várias pesquisadoras com quem conversei, é um ato que põe em movimento as trocas intelectuais e pode promover construções e desconstruções nos processos de cada parte envolvida. Como deixamos escapar este item fundamental que nos conectava? Aqui não há espaço para esquecimentos ingênuos. Suspeito que nossos corpos de pesquisadoras-feministas tenham sido subjugados de modo sub-reptício. Bem, a memória foi atingida e uma amnésia transitória impediu que parte do tempo de nossa conversa fosse dedicado a uma pesquisa que vem, desde 2014, trabalhando as controvérsias e as opiniões distintas em torno da temática-irmã da minha tese.

Meu trabalho veio trazer a psicologia feminista para fora do guarda-sol. Veio expô-la. Veio desdobrar sua constituição e sua presença institucional nos dois países. Veio falar sobre ela. Veio também falar em psicoterapia feminista para pensar a necessidade de sua existência no Brasil, já que em outros países está mais reconhecida. Veio apresentar o principal objeto de estudo: a violência contra as mulheres. Veio apresentar sua relevância. Por meio de três caminhos distintos cheguei num destino comum: procurei pela existência legitimada da vertente e encontrei práticas pulverizadas no Brasil e um pequeno grupo em Portugal fazendo a psicologia feminista acontecer em seminários e teses, nominando-a e influenciando pesquisadoras como eu a pensar sobre ela.

A materialidade-artigo teve um efeito equivocado em mim anos atrás. Não sabia que o fato de uma disciplina ser afirmada num artigo não lhe garantia um lugar no pódio. Nem supunha que para construir um objeto era preciso reiterar sua existência, falando dele incessantemente e fazendo falar. Foi preciso fazer a travessia-arquegenealógica e visualizar o campo problemático do alto da montanha para ter noção de sua extensão. Depois foi preciso arregaçar as mangas, enxugar o suor da testa e me embrenhar nas leituras-debate-quase-ao-vivo. Houve espaço para sonhar, ficar intrigada, debater-me para compreender conceitos, ler aqueles parágrafos lentamente e até sentir tédio. Foi preciso compreender as lutas de outras e outros, suas verdades e o contexto histórico. Fez parte marchar lá em Portugal no dia 25 de abril e no 1º de maio e aqui nas inúmeras passeatas empreendidas pelas mulheres e também fez parte escrever concentradamente enquanto o “vem pra rua” ecoava no centro histórico de Porto Alegre e chegava até meu quarto de estudos enquanto digitava estas linhas todas.

Chego neste ponto com a convicção de que a(s) psicologia(s) assim como a(s) psicoterapia(s) praticadas no Brasil precisam apoiar-se numa escuta/intervenção interseccional de gênero-classe-raça/etnia/sexualidade. No mínimo, estes marcadores sociais precisam estar presentes nas formações das psicólogas e psicólogos para que, onde quer que se voltem em suas práticas profissionais façam proliferar compreensões e indagações sobre nossos lugares no mundo. Num país de desigualdades sociais nas proporções como as do Brasil, com índices elevados de mortalidade feminina em decorrência de violência doméstica e sexual, não é admissível que uma categoria profissional majoritariamente composta por mulheres, atue numa porcentagem de 1% em temas de violência familiar e gênero.

A maior potência da psicologia feminista é aproveitar-se desta inter-disciplinaridade assim com hífen para enfatizar. A relação e influência mútua entre os campos pode ser benéfica especialmente para a psicologia, enquanto campo menor que ganhe legitimidade e possa produzir mais ações no campo da pesquisa e possa construir teorias respaldado pelas instituições onde esteja inserido. Do mesmo modo, a politização do espaço psicoterapêutico poderá questionar a patologização das pessoas e revertê-la em posicionamentos críticos/interseccionais e favorecer na erradicação dos ciclos de violência experimentados pelas mulheres nas relações de gênero (e também intra-gênero).

Eu posso ter escrito estas linhas todas com a mão direita, mas as ideias são de esquerda e eu não estou só. Comigo há gerações de teóricas feministas psicólogas, antropólogas, sociólogas, historiadoras, poetas e outras espalhadas por este mundo imenso. Nem todas

concordamos, umas com as outras, nem tudo são flores, como a vida que não é suave e contradições da ordem humana também nos afetam. Naveguei pelos mares turbulentos dos debates epistemológicos e sobrevivi para chegar até aqui. Sim, eu gostaria de poder dizer mais e ter assimilado muito mais. O que está registrado é o trabalho que foi possível. Desde a graduação escrevo para colaborar para que as relações de gênero deixem de ser violentas e que as hierarquias saiam do meio de campo permitindo que o poder seja negociado, sem risco de vida. Fazer esta tese significou marcar uma posição dentro do meu campo de atuação na psicologia; compor o tabuleiro das psicologias do campo minoritário com mais uma produção com perspectiva feminista; habitar o pequeno asteroide. E assim contribuir para as transformações sociais que uma psicologia engajada pode empreender. Produzir esta tese foi uma experiência sentida como re-vitalizadora e potente. Saio dela como de um mergulho no mar.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos pagu** v. 43, jan-jun, pp.13-56. 2014.

AMÂNCIO, Lígia. O gênero no discurso das ciências sociais. **Análise social**, 168, pp. 687-714, 2003.

AMORÓS, Célia. Movimentos feministas e ressignificações linguísticas. Em: TIBURI, Marcia; VALLE, Bárbara (orgs). **Mulheres, filosofia ou coisas do gênero**. EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 2008.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos feministas**. Ano 8, 2000.

ARRUDA, Ângela. Feminismo, gênero e representações sociais. **Textos de história**. v 8 n 1/2 pp.113-138. Rio de Janeiro, 2000.

_____. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa** n 117 pp. 127-147, 2002.

AZAMBUJA, Mariana Ruwer Porto de; NOGUEIRA, Conceição; SAAVEDRA, Luísa. Feminismo(s) e psicologia em Portugal. **Psico** v. 3, n. 3, pp. 207-215, set-dez, 2007.

AZERÊDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. **Revista Estudos Feministas**, v. 18 n. 1 pp. 175-188, 2010.

_____. Gênero e a diferença que ele faz na pesquisa em Psicologia. **cadernos pagu** v. 11 pp. 55-66, 1998.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Revista Estudos feministas**. v. 16 n. 1 pp.201-228, 2008.

BARROSO, Carmen Lúcia de Melo. Estereótipos sexuais: possíveis contribuições da psicologia para sua mudança. **Cadernos de pesquisa Fundação Carlos Chagas**, 15 pp. 135-136, 1975.

BEASLEY, Chris. **What is feminism?** An introduction to feminist theory. Sage Publications London, Thousand Oaks, New Delhi, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Difusão Europeia do livro. 1970.

BIRMAN, Joel; ARÁN, Márcia. **Novos sujeitos, novos relacionamentos**. Café filosófico CPFL. Acesso em 16/07/2014. Disponível em: http://youtu.be/BoNvP7_H2Sk, 2009.

BIRMAN, Joel. Jogando com a verdade, uma leitura de Foucault. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. v.12 n.2 pp.301-324, 2002.

BLAY, Eva Alterman. **Núcleos de estudos da mulher x academia**. Em: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM). Encontro Nacional Pensando Gênero e Ciências Núcleos e Grupos de pesquisas. Brasília, 2006.

BOCK, Ana Maria Bahia; FURTADO, Odair. A psicologia no Brasil e suas relações com o marxismo. Em: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. **História da Psicologia: rumos e percursos**. Nau Editora: Rio de Janeiro 3ª edição, 2014.

BONETTI, Alinne. **Antropologia feminista: O que é esta antropologia adjetivada?** Anais do VII Seminário Fazendo Gênero. Acesso em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/A/Aline_de_L._Bonetti52.pdf, 2006.

_____. Antropologia Feminista no Brasil? Reflexões e desafios de um campo ainda em construção. **Cadernos de Antropologia Social**, n. 36 pp.51-67 Buenos Aires, 2012.

BORGES, Lenise Santana. Feminismos, teoria *queer* e psicologia social crítica: (re)contando histórias... **Psicologia & Sociedade**, v. 26 n. 2 pp. 280-289, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Norma Técnica de Uniformização: Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência**, 2006.

BURR, Vivien. **Gender and social psychology**. Routledge: London e New York. 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2003.

CAMINO, Leôncio. Uma nova interlocutora no campo da Psicologia no Brasil: A Sociedade Brasileira de Psicologia Política. **Revista Psicologia Política**, v. 1 n. 1, 2001.

CANAVAE, Doris Lamus. Localización geohistórica de los feminismos latinoamericanos. Polis, **Revista de la Universidad Bolivariana**, v. 8, n. 24, pp. 95-109, 2009.

CHRISLER, Joan C.; DE LAS FUENTES, Cynthia; DURVASULA Ramani S.; ESNIL, Edna M.; McHUGH, Maureen C.; MILES-COHEN, Shari E.; WILLIAMS, Julie L. WISDOM, Jennifer P. The American Psychological Association's Committee on Women in Psychology: 40 years of contributions to the transformation of Psychology. **Psychology of Women Quarterly**. SAGE 00(0) pp. 1-11, 2013.

COIMBRA, Cecília. **Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psis no Brasil do milagre**. Editora: Oficina do autor. Rio de Janeiro, 1995.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. RODRIGUES, Henrique; BRITO, Aluizio (orgs). **Ano da Psicoterapia: Textos geradores.** 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. LHULIER, Louise (org). **Quem é a psicóloga brasileira?** Mulher, Psicologia e Trabalho. Brasília: CFP, 2013a.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. LHULIER, Louise (org) **Psicologia: uma profissão de muitas e diferentes mulheres.** Brasília: CFP, 2013b.

CORDIOLI, Aristides Volpano et al. **Psicoterapias: abordagens atuais.** 3.ed. Porto Alegre: Artmed. 2008.

COSTA, Albertina. **É viável o feminismo nos trópicos? Resíduos de insatisfação – São Paulo, 1970. Cadernos de Pesquisa** n. 66 pp. 63-69. 1988.

COSTA, Ângelo Brandelli; KOLLER, Silvia e NARDI, Henrique Caetano. Avaliação do gênero na psicologia brasileira: manutenção de desigualdades e aprisionamento de corpos e mentes. Em: COSTA, Ângelo Brandelli. **Vulnerabilidade para o hiv em mulheres trans: o papel da psicologia e o acesso à saúde.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Psicologia Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Tese de doutorado. 2015.

COSTA, MaJo Torres. Psicoterapia feminista un factor de cambio y empoderamiento. **La Independent**, jueves 21 de nov, 2013. Disponível em: http://laindependent.cat/index.php?option=com_content&view=article&id=4078%3Apsicoterapia-feminista-un-factor-de-canvi-i-apoderament&catid=76%3Asalut-mental&Itemid=113&lang=es Acesso em 19/5/2016. Entrevista concedida a Sara Cuentas.

DARCY DE OLIVEIRA, Rosiska. **Elogio da Diferença: o feminino emergente.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

_____. **Reengenharia do Tempo**, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** São Paulo: Editora34, 2013.

DINIZ, Edinha. **Chiquinha Gonzaga: Uma história de vida.** Rio de Janeiro: Zahar. Instituto Moreira Salles. 2009.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis. v.14 n 1 pp. 267-293, 2006.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em Ciências Humanas.** 21ª ed. São Paulo: Perspectiva 2008.

FERREIRA, Claudia; BONAN, Claudia. **Mulheres e movimentos.** Rio de Janeiro, Aeroplano 2005.

FERREIRA, Maria Cristina. A Psicologia Social Contemporânea: Principais Tendências e Perspectivas Nacionais e Internacionais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 26 n. especial, pp. 51-64, 2010.

FIDELES, Marcela Nayara Duarte; VANDENBERGHE, Luc. Psicoterapia Analítica Funcional feminista: possibilidades de um encontro. **Revista Psicologia: teoria e prática**. v.16 n. 3 pp. 18-29. São Paulo, SP 2014.

FISCHER, Rosa. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, 114, pp.197-223, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, 1988.

_____. (2014). **Documentário vídeo: Foucault contra Foucault**. Em: CAILLAT, François Acesso em 18/9/2015. Disponível em: <http://filosofiaemvideo.com.br/documentario-foucault-contra-foucault-2014-legendado-português/>, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Isso não é um cachimbo**. 5ª ed Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

FUNCK, Susana Bornéo. Desafios atuais dos feminismos. Em: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues; ZANELLO, Valeska (orgs). **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Ilha de Santa Catarina Mulheres Editora Mulheres, 2014.

GUARESCHI, Neuza; MEDEIROS, Patrícia Flores de; BRUSCHI, Michel. Psicologia social e estudos culturais: rompendo fronteiras na produção de conhecimento. Em: GUARESCHI, Neuza e BRUSCHI, Michel (orgs). **Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Editora Vozes Petrópolis. 2003.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero o que é isso? **Psicologia: ciência e profissão** pp.4-11, 1995.

HANNS, Luis. Entrevista Regulamentação em debate. **Revista Ciência e Profissão: Diálogos**. Brasília, ano 1, n 1, pp.6-13, abr, 2004.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas** v. 7 n. 1- 93 pp.7-31. 1993.

HEMMINGS, Clare. Contando histórias feministas. **Revista Estudos Feministas**, 17(1) pp. 251-241, jan-abr, 2009.

hooks, bell. **Feminist theory from margin to center**. Boston: South End Press, 1984.

LAGO, Mara Coelho de Souza. Artigos temáticos: reflexões e práticas Psi. **Revista Estudos feministas** Florianópolis v.18 n. 1 pp.171-173, jan-abr, 2010.

LHULLIER, Louise; ROSLINDO, Jéssica. As psicólogas brasileiras: levantando a ponta do véu. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. LHULLIER, Louise (org). **Quem é a psicóloga brasileira?** Mulher, psicologia e trabalho. Brasília, 2013.

LIMA, Daniela. **A mulher em um devir-histórico**. Acesso em: 16/1/2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/category/colunas/daniela-lima-colunas>, 2015.

LIMA e COSTA, Claudia de. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. **Fragmentos**, n. 39, pp. 45-59 Florianópolis/ jul-dez/ 2010.

LIMA, Maria Lucia; UZIEL, Anna Paula. Gênero e sexualidade na formação e prática profissional em psicologia. Em: LHULLIER, Louise (org). **Psicologia: uma profissão de muitas e diferentes mulheres**. Brasília: CFP, 2013.

LIMA, Mônica e VIANA, Eliana. Formação em Psicologia: algumas considerações para o debate. Em: RODRIGUES, Henrique José Leal Ferreira e BRITO, Aluizio Lopes de (orgs). CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da Psicoterapia: Textos geradores**, mai, 2009.

LOUIS, Marie-Victoire. Diga-me: o que significa gênero? **Sociedade e Estado Brasília**. v. 21 n. 3 pp.711-724, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. Em: LOURO, Guacira Lopes (org) **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2000.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis, v. 22 n. 3, set-dez, 2014.

MAYORGA, Claudia. Algumas contribuições do feminismo à psicologia social comunitária. **Athenea digital**. v. 14 n. 1 pp. 221-236, 2014.

MATOS, Marlene Alexandra Veloso de. **Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher**. Tese de doutoramento. Universidade do Minho, 2006.

MATOS, Marlise. A institucionalização do feminismo no Brasil. Os núcleos de estudos de relações de gênero e o feminismo como produtores de conhecimento: a experiência da RedeFem. Em: Presidência da República Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM). **Pensando Gênero e Ciências**. Encontro Nacional Núcleos e Grupos de pesquisas. Brasília, 2006.

MILLET, Kate. **Política Sexual**. Publicações Dom Quixote, 1969.

NARVAZ, Martha G.; KOLLER, Silvia Helena. Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. **Revista Psico**. v. 37, n. 1, pp. 7-13, 2006(a).

_____. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, pp. 647-654, set e dez, 2006(b).

NARVAZ, Martha G.; KOLLER, Silvia Helena. Feminismo e Terapia: a terapia feminista da família – por uma psicologia comprometida. **Psicologia Clínica**, v. 19 n. 2, pp.117-131, 2007.

NARVAZ, Martha e NARDI, Henrique. Problematizações feministas à obra de Michel Foucault. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. v. 7 n. 1, pp. 45-70, Fortaleza, 2007.

NARVAZ, Martha. **A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem política**. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re)construção dos espaços terapêuticos. **Psicologia e sociedade**. v. 15 n. 2, pp. 43-64, 2003.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. Metodologias Feministas: A Reflexividade ao serviço da Investigação nas Ciências Sociais. **Psicologia: reflexão e crítica**. v.18 n. 3 pp. 408-412, 2005.

NOGUEIRA, Conceição. Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. **Cadernos de Pesquisa** n 112, pp.137-153, 2001.

_____. O gênero na psicologia social e as teorias feministas: dois caminhos entrecruzados. Em JACÓ-VILELA, Ana Maria; PORTUGAL, Francisco Teixeira (orgs). **Clio-Psyché Gênero, psicologia, história**. pp. 43-67. Rio de Janeiro: Nau editora, 2012.

_____. **A teoria da interseccionalidade nos estudos de gênero na psicologia**. Ciclo de conferências do centro de investigação do ISPA. Acesso em 11/02/2016. Disponível em: www.ispa.pt/eventos/teoria-feminista-da-interseccionalidade-nos-estudos-de-genero-na-psicologia, 2013.

NOGUEIRA, Conceição; SAAVEDRA, Luísa; NEVES, Sofia. Critical (feminist) psychology in Portugal. Will it be possible? **Annual review of critical psychology** 5. pp.136-147, 2006.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e Psicologia feminista**. Editora Devires, 2017.

NUERNBERG, Adriano Henrique; TONELLI, Maria Juracy Filgueiras; MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Feminism, Psychology, and Gender Studies: The Brazilian Case. Em: **Handbook of International Feminisms, International and Cultural Psychology**. pp.109-127, 2011.

NUERNBERG, Adriano. Reflexões sobre gênero e psicologia no Brasil. Em: LAGO, Mara Coelho de Souza; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; BEIRAS, Adriano; VAVASSORI, Marian Barreto; MÜLLER, Rita de Cássia Flores (orgs). **Gênero e Pesquisa em Psicologia Social**, pp. 19-32, 2008.

NUERNBERG, Adriano. **Gênero no contexto da produção científica brasileira em psicologia**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. UFSC, 2003.

NYE, ANDREA. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995.

OFFEN, Karen. Erupções e fluxos: reflexões sobre a escrita de uma história comparada dos feminismos europeus, 1700-1950. Em COVA, Anne (dir). **História comparada das mulheres, Lisboa**, Livros Horizonte, pp. 29-45, 2008.

OLIVEIRA, João Manuel de; DA COSTA, Carlos Goncalves; CARNEIRO, Nuno Santos. Problematizando a humanidade: para uma psicologia crítica feminista queer. Gender and Sexuality. **Annual Review of Critical Psychology 11**, Instituto Universitário de Lisboa, ISPA, Universidade do Porto, Portugal, 2014.

OLIVEIRA, João Manuel de; SAAVEDRA, Luísa; NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. La psicología feminista crítica em el suroeste semiperiférico europeo: el intrigante caso de Portugal. **Teoría y crítica de la psicología**. pp. 302-319, 2013.

ONU Mulheres e UNODOC para Brasil e Cone Sul. Respostas à violência baseada em gênero no cone sul: Avanços, desafios e experiências regionais. Relatório Regional. Jul, 2011.

_____. Pequim+20. Acesso em: 10/10/2015. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/pequim20>

PATEMAN, Carol. **O contrato sexual**. Paz e Terra. 1993.

PEREIRA, Maria do Mar; SANTOS, Ana Cristina. Epistemologias e metodologias feministas em Portugal: contributos para velhos e novos debates. **ex aequo** n 29 pp. 9-21. 2014.

PERISTA, Heloísa; SILVA, Alexandra; NEVES, Vanda. **Relatório Nacional Portugal. IPVow** Violência contra mulheres idosas em relações de intimidade. CESIS Centro de Estudos para Intervenção Social. Lisboa. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/siic/wp-content/uploads/2015/02/IPVoW.pdf> Acesso em: 10/08/2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. Dossiê: Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, pp. 15-23, jun. 2010.

PINTO, Joana Plaza. **Estranhar a ‘mulher’: algumas questões teórico-políticas do sujeito do feminismo**. **Anais** do VIII Encontro Nacional de linguagem verbal e não-verbal e II

Simpósio internacional de análise crítica do discurso. v. único pp. 1-9. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/29_Joan_PP.pdf>. Acesso em 10/05/2015. 2008.

PISCITELLI, Adriana. Atravessando fronteiras: teorias pós-coloniais e leituras antropológicas sobre feminismos, gênero e mercados do sexo no Brasil. **Contemporânea**, v. 3 n. 2 pp. 377-404, 2013.

_____. Gênero: a história de um conceito. Em: BUARQUE DE ALMEIDA, Heloísa; SZWAKO, José. **Diferenças, igualdade**. pp.116-148 São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

_____. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, v.11, n.2, jul-dez pp. 263-274, 2008.

PIZARRO, Bruna Osório. O que a Psicologia tem a ver com gênero? Em: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL **entre linhas** Ano XV n 69 jan-fev-mar-abr, 2015.

PORTO, Madge. Mulheres na Psicologia: conquistas e desafios. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, **Jornal do Federal**. Ano XXVI n 110 pp. 14,15, mai, 2015.

PRADO FILHO, Kleber. Para uma arqueologia da Psicologia (ou: para pensar uma psicologia em outras bases). Em: HÜNING, Simone e GUARESCHI, Neuza (orgs); **Foucault e a Psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

_____. Para uma arqueologia da psicologia social. **Psicologia & Sociedade**. v. 23 n.3, pp. 464-468, 2011.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHEIRIE, Kátia; MEDRADO, Benedito; CANIATO, Ângela. Nas trilhas de um pensamento complexo sobre relações de gênero e a psicologia social no cotidiano: homenagem para Karen Ellen Von Smigay. **Psicologia & Sociedade**. v. 23 n. 1 pp. 201-203, 2011.

PREHN, Denise; HÜNING, Simone. O movimento feminista e a psicologia. **Psicologia argumento**. v. 23 n. 42, pp. 65-71, 2005.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

_____. Epistemologia feminista, gênero e história. Em: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Ed. Mulheres, Disponível em: files.mudem.webnode.com, 1998.

_____. Feminizar é preciso por uma cultura filógina. **São Paulo em perspectiva** v.15 n. 3, 2001.

RÊGO, Maria do Céu da Cunha. Políticas de igualdade de gênero na União Europeia e em Portugal: influências e incoerências. **ex æquo** n. 25 pp. 29-44, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **Simone de Beauvoir por Djamila Ribeiro - parte 2**. Em: você é feminista e não sabe. Acesso em: 18/ 1/ 18. Disponível em: <https://youtu.be/aCIMc20YeVY>, 2016.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo**. Tradução de DABAT, Christine Rufino; ROCHA, Edileusa Oliveira da; CORRÊA, Sonia. Recife: S.O.S Corpo, Acesso em 14/5/2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1919>, 1993.

RUSSO, Jane. **O mundo PSI no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 2002

RUTHERFORD, Alexandra. O feminismo precisa da psicologia? Reconstruindo a história de uma relação. Em: JACÓ-VILELA, Ana Maria; PORTUGAL, Francisco Teixeira (orgs). **Clio-Psyché Gênero, psicologia, história**. pp.23-41, Rio de Janeiro: Nau editora, 2012.

SAAVEDRA, Luísa; NOGUEIRA, Conceição. Memórias sobre o feminismo na psicologia: para a construção de memórias futuras. **Memorandum**, 11, pp.113-127. <http://repositorium.sdum.uminhopt>, 2006.

SALDANHA, Marília; SCARPARO, Helena; STREY, Marlene. **Dardos antifeministas: preconceitos e estereótipos em debate**. Trabalho apresentado no VII Simpósio Brasileiro de Psicologia Política em São Francisco de Paula/RS na UERGS. 15 a 18 de nov de 2012.

_____. Porque não somos todas feministas? **Diálogo, Canoas**, n. 22, pp. 107-116, abr. 2013.

SALDANHA, Marília. Pontos de intersecção: psicologia, feminismo e violências. **Diálogo, Canoas**, n. 24, pp. 35-44, 2013.

SANTOS, Luana Carola dos; CARVALHO, Ana Berlado; AMARAL, Julião Gonçalves; BORGES, Larissa Amorim; MAYORGA, Claudia. Gênero, feminismo e psicologia social no Brasil: análise da revista *Psicologia & Sociedade* (1996-2010). **Psicologia & Sociedade**, 28(3), pp.589-603, 2016.

SANTOS, Yumi Garcia dos. A implementação dos órgãos governamentais de gênero no Brasil e o papel do movimento feminista: o caso do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo. **cadernos pagu** 27, pp.401-426 jul-dez, 2006.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis,16(1): 173-186, 2008.

SCHMIDT, Simone Pereira. Como e porque somos feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12 n. especial pp. 17-22, set-dez, 2004.

SCHUMAHER, Schuma e VITAL BRAZIL, Érico. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.

SILVA, Carmem da. **Carmem da Silva**. Em: SCHUMAHER, Schuma e VITAL BRAZIL, Érico. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.

_____. **Histórias híbridas de uma senhora de respeito**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1984.

SPINK, Mary Jane Paris; SPINK, Peter Kevin. A psicologia social na atualidade. Em: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; Francisco Teixeira Portugal (orgs). **História da Psicologia: rumos e percursos**. pp. 679-699. Nau Editora: Rio de Janeiro 3ª edição, 2014.

STELMANN, Renata. **Masculinidade na clínica**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica. 2007.

TAVARES, Manuela; GÓIS, Manuela; COELHO, Salomé. **O debate epistemológico nos estudos feministas**. Seminário interdisciplinar Gênero e Ciências Sociais. 4 e 5 de dez de 2009 – Instituto Superior da Maia, 2009.

TAVARES, Manuela. **Feminismos: percursos e desafios**. Texto Editores, 2010.

TIMM, Flávia; PEREIRA, Ondina; GONTIJO, Daniela. Psicologia, Violência contra Mulheres e Feminismo: em defesa de uma clínica política. **Psicologia política**. v. 11. n. 22. pp. 247-259. jul-dez, 2011.

TONELI, Maria Juracy; ADRIÃO, Karla; PERUCCHI, Juliana. Gender and feminisms: theoretical-epistemological considerations and methodological impacts. **Psicologia & Sociedade**, v. 25 n. especial pp.13-22, 2013.

VIGOYA, Mara; RONDÓN, Manuel. Hacer e deshacer la ideologia de género. Sexualidad, Salud y Sociedad. **Revista Latinoamericana**, n. 27 pp.118-127, 2017.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime; OLIVEIRA, Isabel Fernandes de. Política Social e Psicologia: uma trajetória de 25 anos. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. especial, pp.9-24, 2010.

APÊNDICE A - Tabela 1 Revistas e resultados

Revistas	Resultados
REF	0
Cadernos Pagu	0
Arquivos brasileiros de psicologia (UFRJ)	0
Arquivos brasileiros de psicologia (FGV) <i>on line</i>	0
Arquivos brasileiros de psicologia (FGV) impresso	0
Psicologia & Sociedade	0
Psicologia USP	0

Psico	1
Revistas	Resultados
Psicologia: ciência e profissão	1
Psicologia: reflexão e crítica	0
Psicologia Política	1
Cadernos de Pesquisa fundação Carlos Chagas <i>on line</i>	0
Cadernos de Pesquisa fundação Carlos Chagas (impresso)	0
Portal de periódicos da Capes	8
<i>Scopus</i>	5

<i>Web of science</i>	5
Revistas	Resultados
Anpepp	0
Scielo livros	0
Google acadêmico	20
Google	5

Fonte: A autora

APÊNDICE B - Tabela 2 com artigos brasileiros

Descritores: psicologia feminista; psicologia e feminismo

Ordem	Ano	Autora/Autor	Título	Revista
1	1995	Maria Eunice Figueiredo Guedes	Gênero o que é isso?	Psicologia: ciência e profissão
2	2014	Bruna Krimberg von Muhlen; Marília Saldanha; Marlene Neves Strey	Mulheres e o hiv/aids: interseções entre gênero, feminismo, psicologia e saúde pública	Revista Colombiana de Psicologia
3	2013	Marília Saldanha, Helena Beatriz Scarparo; Marlene Neves Strey	Porque não somos todas feministas?	Diálogo, Canoas
4	2013	Marília Saldanha	Pontos de interseção: psicologia, feminismo e violências	Diálogo, Canoas
5	2014	Marcela Nayara Duarte Fideles; Luc Vandenberghe	“Psicoterapia Analítica Funcional feminista: possibilidades de um encontro”	Revista Psicologia: teoria e prática
6	2007	Martha Narvaz; Silvia Koller	Feminismo e terapia: a terapia feminista da família - por uma psicologia comprometida	Psicologia clínica
7	2014	Claudia Mayorga	Algumas contribuições do feminismo à psicologia social comunitária	Athenea Digital
8	2014	Lenise Santana Borges	“Feminismos, teoria queer e psicologia social crítica: (re)contando histórias...”	Psicologia & Sociedade
9	2011	Flávia Bascuñan Timm, Ondina Pena Pereira; Daniela Cabral Gontijo	Psicologia, violência contra mulheres e feminismo: em defesa de uma clínica política	Revista Psicologia Política

10	2013	Maria Juracy Toneli; Karla Adrião; Juliana Perucchi;	Gênero e feminismos: considerações teórico epistemológicas e impactos metodológicos	Psicologia & Sociedade
Ordem	Ano	Autoras/Autores	Título	Revistas
11	2006	Martha Narvaz Silvia Koller	Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política	Psicologia em Estudo
12	2007	Martha Narvaz Silvia Koller	A marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea	Psico
13	2002	Ângela Arruda	Teoria das representações sociais e teorias de gênero	Cadernos de pesquisa
14	2005	Denise Rodrigues Prehn Simone Hüning	O movimento feminista e a psicologia	Psicologia Argumento
15	2000	Ângela Arruda	Feminismo, gênero e representações sociais	Textos de História
16	1988	Albertina de Oliveira Costa	É viável o feminismo nos trópicos?	Cadernos de pesquisa
17	1998	Sandra Azerêdo	Gênero e a diferença que ele faz na pesquisa em Psicologia	cadernos pagu
18	2003	Thereza Montenegro	Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres	Estudos Feministas
19	2012	Marivete Gesser Adriano Nuernberg Maria Juracy Filgueiras Toneli	A contribuição do modelo social da deficiência à psicologia social	Psicologia & Sociedade
20	2010	Mara Coelho de Souza Lago	Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções	Estudos Feministas

21	2008	Lourdes Bandeira	A contribuição da crítica feminista à ciência	Estudos Feministas
22	2007	Martha Narvaz Henrique Caetano Nardi	Problematizações feministas à obra de Michel Foucault	Revista Mal estar e Subjetividade
23	1998	Margareth Rago Joana Pedro Miriam Grossi	Epistemologia feminista, gênero e história	Masculino, feminino, plural.
Ordem	Ano	Autoras/Autores	Título	Revistas
24	2010	Sandra Azerêdo	Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia	Revista Estudos Feminista
25	2009	Juliana Perucchi	Dos estudos de gênero às teorias <i>Queer</i> : desdobramentos do feminismo e do movimento LGBT na psicologia social	Associação Brasileira de Psicologia Social
26	2013	Miriam Adelman Carmen Rial	Uma trajetória pessoal e acadêmica: entrevista com Rawyn Connell	Estudos Feministas
27	2005	Adriano Nuernberg	Gênero no contexto da produção científica brasileira em psicologia. [Tese de doutorado]	Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas UFSC
28		Adriano Nuernberg	Reflexões sobre gênero e psicologia no Brasil	Da coletânea: "Gênero e pesquisa em psicologia social"
29	2007	Mariana Porto Ruwer de Azambuja Conceição Nogueira Luísa Saavedra	Feminismo e Psicologia em Portugal	Psico
30		Renata Stelmann	Masculinidade na clínica (dissertação, capítulo 3)	http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/97049704_2.PDF

Fonte: A autora

Obs.: Segue outro resultado que não é artigo, dissertação ou tese, mas contém o descritor *psicologia feminista*. Divulgação de conferência sob o título: "Teorias feministas e gênero: desafios para uma psicologia feminista crítica" publicada em 28 de abril 2015 na página do Instituto de Psicologia da UFRJ.

APÊNDICE C Tabela 3 - Artigos de outras nacionalidades

Ordem	Ano	Autoras/Autores	Título	Revista
1	2008	João Manuel de Oliveira	Um contributo para uma psicologia feminista em Portugal (resenha)	Estudos Feministas
2	2003	Sofia Neves Conceição Nogueira	A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re)construção dos espaços terapêuticos	Psicologia & Sociedade
3	2013	Soledad Martínez Labrín Bruno Bivort Urrutia	Los estereotipos en la comprensión de las desigualdades de género en educación, desde la psicología feminista	Psicologia & Sociedade
4		Pedro Pinto Conceição Nogueira João Manuel de Oliveira	Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias de sexualização	Psicologia: reflexão e crítica
5	2013	Luísa Saavedra	“Psicologia vocacional e feminismo crítico: do passado ao futuro	Revista Brasileira de Orientação Profissional
6	2008	Teresa Cabruja Ubach	Quién teme a la psicología feminista? Reflexiones sobre las construcciones discursivas de profesores, estudiantes y profesionales de psicología para que quando el género entre em la aula, el feminismo no salga por la ventana	Revista Proposições
7	2001	Conceição Nogueira	Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do género	Cadernos de Pesquisa
8	2005	Sofia Neves Conceição Nogueira	Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais	Psicologia: reflexão e crítica
9	2006	João Manuel de Oliveira Lígia Amâncio	Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social	Estudos Feministas

Ordem	Ano	Autoras/Autores	Título	Revista
10	2010	Joana Bessa Topa Conceição Nogueira Sofia Neves	Inclusão/exclusão das mulheres imigrantes de saúde em Portugal: reflexão à luz do feminismo crítico	Psico
11	2013	Luisa Saavedra	Psicologia vocacional e feminismo crítico: do passado ao futuro	Revista Brasileira de Orientação Profissional
12	2004	Pascale Molinier	Ódio e o amor, caixa preta do feminismo? Uma crítica da ética do devotamento	Psicologia em Revista
13	2006	Conceição Nogueira	Os discursos das mulheres em posições de poder	Cadernos de Psicologia Social do Trabalho

Fonte: A autora